

L. Barros

MATRÍCULA: 23





MATRÍCULA:23

L. Barros

Para minha amada Vó Maria do Rosário,

Pensando em meu pai.

Row, row, row your boat

Gently Down the stream

Merrily, merrily, merrily, merrily

Life is but a dream

Reme, reme, reme seu barco

Delicadamente, córrego abaixo

alegremente, alegremente, alegremente, alegremente,

A vida é apenas um sonho

Sumário

PREFÁCIO

CAPÍTULO 1 – LADO A

CAPÍTULO 2 – A APOSTA

CAPÍTULO 3 – LADO B

CAPÍTULO 4 – O MR. JOE

CAPÍTULO 5 - FIM DE JOGO

CAPÍTULO 6 – VIRANDO MANCHETE

CAPÍTULO 7– CONHECENDO O INIMIGO

CAPÍTULO 8 – SORRIA, VOCÊ ESTÁ SENDO FILMADO

CAPÍTULO 9 – AMIGO DÁ SORTE

CAPÍTULO 10 – MUDANÇA DE REGRAS

CAPÍTULO 11 – A INTERCORP

CAPÍTULO 12 – AMIGO DÁ AZAR

CAPTÍULO 13 – BALA NA AGULHA

CAPÍTULO 14 – FORÇA-TAREFA

CAPÍTULO 15 – NA HORA CERTA

CAPÍTULO 16 – A CARTA

PREFÁCIO

Por mais que a figura do espelho demonstrasse um belo rapaz, porém magro (como sempre), vestido em razoável terno cinza, com um cravo disposto delicadamente no bolso, ainda precisei de alguns beliscões (pedido prontamente atendido por Bruce, que não se fez de rogado, aplicando força desnecessária no ato) para me situar. Durante todo aquele dia, o derradeiro do mês de março, parecia estar fora de sintonia, vendo meu corpo se deslocar de um lado para o outro, como se estivesse no banco do carona e não sendo o condutor principal. Afinal, havia chegado aquele que julgava ser o dia mais importante em minha (até então) curta trajetória: o dia de meu casamento com Sílvia.

A morena estonteante que persegui durante toda minha aventura por entre o campus da faculdade. Eu cursava biblioteconomia, mas ela gostava de jargões (*show biz*, por exemplo), enveredando pela área de Administração. Eu me divertia com a cara que fazia e principalmente com a forma como dizia essas *pérolas*. Ela parecia tão importante naqueles momentos (pobre garota!).

A bem da verdade, eu achava tudo o aquilo um saco. Meus sorrisos naqueles momentos estavam mais inclinados ao fato de compartilhar da companhia da bela moça, do que do assunto propriamente dito. Mas, ainda assim, não conseguia ignorar o quanto aquilo era sem-graça para mim. E esta impressão não se restringia aos assuntos preferidos de minha adorável noiva, em determinado ponto de minha vida (não muito antes de hoje), tudo assumira aquela forma na minha visão.

No alto dos meus áureos anos de juventude, nunca poderia saber que a verdadeira razão de toda aquela frustração não vinha de fora para dentro, mas assumia o fluxo inverso. O verdadeiro agente estava naquele momento encarando o espelho. Não o hospedeiro do vírus *blasé* e sim o próprio vírus. Não adiantava quanto lugares novos conhecesse ou quantas novas interações fossem realizadas com pessoas distintas. Se ainda tivesse a presença do ser (no caso eu), o resultado era o mesmo: chatice. Desinteresse em último grau.

Sílvia, até então, parecia não se importar com meu jeito, mas, lá no fundo, na parte traseira do meu cérebro, eu sabia que um dia aquilo faria diferença em nossas vidas. Mesmo que a vazão seja de somente uma gota por dia, se

PERIGOSAS

não houver escoamento, a gruta vai encher, até explodir. Assim seria meu casamento, o dia que estava prestes a enfrentar. Mas para isto eu teria que ultrapassar aquela barreira, uma espécie de bunker montando em um quarto de hotel em Redmond, que só consegui pagar depois que fui contratado pela fábrica. Setor: Arquivo. Que emocionante!

Toda a logística foi pensada para que o noivo não encarasse a noiva, também *internada* no complexo hoteleiro, desfrutando de “um dia de princesa”. Também não posso me queixar de minha estadia, o *Palm Springs Redmond Resort* me ofereceu uma manhã no SPA, como cortesia à contratação do pacote: SALÃO+BUFFET+QUARTOS. O que achei de tudo aquilo? Bom, acredito que você já deve ter uma noção.

Terminava meus preparativos para tomar rumo à parte externa do resort, minha noiva deseja uma cerimônia ao ar-livre (por que contrariá-la agora, se teremos uma vida para fazê-lo?), quando fui surpreendido pelo *suave* toque na porta do quarto 217. A mesma suavidade de um elefante.

- Hélio, Hélio? Ande logo com isso, os convidados estão esperando. – Era a voz de Bruce, o único representante por parte de minha família, meus pais já eram falecidos. Na verdade, Bruce não tinha meu sangue, mas o considerava mais que um irmão.

Como não ouviu uma resposta, continuou sua ladainha.

- Hélio, você está aí? Não vai dizer que... – A porta se abriu. Era melhor evitar uma cena em meio ao corredor daquele ser de cabelos amarelos. Bruce tinha um coração de ouro, mas era um tanto quanto espalhafatoso.

- O quê, Bruce? Não posso sequer me arrumar para o meu casamento?

- Você conhece a... – os olhos deles reviraram em direção ao corredor, até que completou a frase com a mão em paralelo à boca, como se tentasse canalizar o som – Jararaca. – A alusão ao animal rastejante era em homenagem a minha futura sogra, Dona Sônia.

- Ah... – suspirei, liberando toda minha insatisfação com a velha, desde que comecei a me relacionar com Sílvia (formalmente), todas as sentenças de Dona Sônia em minha direção estavam focadas neste acontecimento, parecia desesperada para desencilhar a filha – espero que ela não faça disso um show particular. - Conclui.

- Podemos ir? – Disse Bruce, já tomando assento na cama do quarto.

- Tá, tá. Acho que sim.

- Você tem certeza, não é? – Ele me perguntou, olhando por baixo daquela cabeleira dourada.

- Claro que tenho. Você deveria saber disso melhor que ninguém.

- E sei, só queria me certificar de fazer esta pergunta. Era meu dever como único padrinho do noivo. – Sílvia acabou preenchendo o meu lado dos convidados, com seus primos e alguns amigos de faculdade.

Aquiesci, olhando para Bruce através do reflexo do espelho. Agora, minha silhueta tinha companhia, e eu sabia que aquela espécie de sombra nunca iria me abandonar, não importando qual caminho escolhesse.

- Então, vamos? – Pergunta Bruce, tentando se desvencilhar do espaço que acabei ocupando no espelho para verificar seu penteado. Eu o acompanhava deliberadamente, tentando bloquear a vista. – Para com isso, deixe-me ver se estou apresentável. – Complementou.

- Vamos. – Disse, dando arremate final no nó da gravata.

Então saímos, aquele quarto nunca mais presenciaria a figura de Hélio Silva, solteiro, dono de seu próprio destino. Na próxima que vez que invadissem aquele território, seria o Sr. Silva, responsável por uma casa. Enfim seria o senhor do meu próprio destino.

Grande ingenuidade...

CAPÍTULO 1 – LADO A

Era manhã, manhã de ressaca. A droga do despertador insistia em me tirar de um mundo que era tudo que eu precisava naquele momento. O silêncio e a escuridão de antes davam lugar ao barulho estridente de um aparelhinho tão pequeno, mas que perturbava minha consciência de uma forma que eu não poderia descrever em palavras. 5:30 marcava no relógio, eu nunca tinha acordado tão cedo, nem para trabalhar. E essa nem era minha casa. Deve ter sido ela, minha amada e querida mãe, que programara este horário para cuidar de suas flores. Flores que estariam fadadas à morte, assim como sua cuidadora. Minha mãe tinha se encontrado com único mal irremediável deste mundo.

É engraçado como você acredita que isso só acontece nas outras famílias, acha que sua mãe nunca irá morrer (afinal, ela é sua mãe!). Isto até você receber a ligação de uma tia -que não via ou ouvia a voz desde quando era moleque e ia passar os domingos no sítio do seu avô-. Nestes tipos de mensagens, a depender do meio de transmissão, basta que o emissor inicie seu propósito (passar a mensagem, dã!!) para que um mundo de lembranças inunde sua cara como se fosse um balde de água gelada em uma manhã fria, daquelas que você não faz questão nenhuma de abandonar o leito quente que te fez companhia durante a noite.

Depois da morte do meu avô - não tão depois quanto minha mãe gostaria- os irmãos, incluindo minha genitora, se reuniram para partilha dos bens. Não havia tantos bens assim, mas meu avô conquistara uma vida confortável: A casa, onde ele passara o resto dos seus dias, recebendo a assistência da minha mãe; o Sítio, que era palco de reuniões da família nas férias, festas e fins de semana; e a Lanchonete, situada no centro da cidade, de onde ele tirava todo o sustento de uma família com três filhos e esposa.

Meus tios deram partida à batalha, como se, naquela pequena sala de um escritório velho de advocacia, houvesse mais que um estranho, além do escrivão que lia o inventário deixado pelo velho Lico (meu avô). A loja foi a primeira, mais disputada entre os dois irmãos mais velhos (minha mãe era a caçula), meu tio (o mais velho) venceu a disputa, minha tia concordou em ficar com o Sítio. Minha amada mãe permanecera em silêncio, acabou

herdando a velha Casa, onde viveu até o fim de seus dias.

Infelizmente, principalmente para mim, este fim havia chegado. Era preciso enfrentar a dura realidade: Dona Dita (abreviação de Maria Bendita), como era conhecida em toda a cidadezinha, tinha partido. E para sempre. Vítima de um ataque fulminante no coração, o que era totalmente inesperado para alguém nunca havia colocado um cigarro na boca e só bebia uma taça de champanhe por ano, em seu aniversário (19 de março).

Eu tinha saído daquela cidade minúscula há muito tempo. Mas não tempo suficiente para me esquecer do terror que sentia em pensar que nunca iria deixar a asa da minha mãe. Aquilo me assombrava. Eu queria ser independente, senhor do meu próprio destino. Jurei que nunca iria voltar, exceto por um motivo: Minha mãe. Ela insistia em permanecer naquele lugar.

Formado em jornalismo, mais pela falta de oferta de cursos do que por vocação. Vivendo na capital Redmond, cheio de si, achando que finalmente as coisas estavam dando certo, que havia mesmo alguém lá em cima (como minha mãe sempre dizia), e que esse alguém resolvera focar neste minúsculo ser e dar um empurrãozinho na vida parada que levava. No trabalho, as coisas iam bem, não ótimas. Até porque, em minha vida ordinária, não tinha espaço para extremos, era sempre o meio, a normalidade, tudo minunciosamente balanceado. Muito mais por esforço da rotina, pois eu não era, nem de longe, um modelo de organização para a sociedade.

Eis que, de repente, a balança despenca. Da pior forma possível! Minha amada mãe havia partido, fora embora meu único alicerce. Mais um soco na cara que a vida me dava, somente para que eu não esquecesse a qual lugar pertencia, para que voltasse ao final da fila dos fracassados. O que já não tinha inspiração, agora havia perdido o sentido.

Como era filho único e meu pai tinha morrido ainda na minha infância, me tornei o único remanescente de minha casa. Será que este seria meu destino? Ver o fim de todos aqueles que amo? Essa seria minha missão aqui? A minha suspeita tinha fundamento, pois, apesar de todas as tentativas, não conseguia encontrar razão para existir.

Voltei para cidadezinha Santa Madre para cumprir meu dever como filho e também obedecer ao ritual que todos daquela região esperavam. Minha mãe era católica, daquelas fervorosas e, por mais que insistisse para que eu seguisse a lei cristã, não havia caminhado nos seus passos, por assim dizer. Mas sempre existiu algo na igreja que me impressionava: a formalidade. Todos os ritos de passagem da sua vida estão na igreja e isso me chamava

muito à atenção. Desde a infância, quando acompanhava minha mãe nas celebrações.

Do nascimento (com o batizado) até depois do último suspiro (com a missa de sétimo dia). Passando pela juventude (com a crisma). A igreja serve até de retiro. Tudo é encaixado. E, se você se propuser a seguir estes rituais, verá que o ciclo se fecha, justamente, no seu próprio fim (com a extrema unção). E o fim da minha genitora havia chegado. Por mais que vivesse afastado da peregrinação cristã, não podia negar isto à pessoa que nunca me negou nada. Cumpri com todos os passos, segui todas as etapas para velar a pessoa mais importante de minha vida.

Como havia sido dispensado pelo jornal que trabalho para resolver todos os detalhes do sepultamento e também o que fazer com a casa deixada por ela, decidi passar um tempo maior por lá. Talvez a resposta para seguir em frente fosse retroceder, olhar para trás. Minha família toda morou ali. Meu avô era comerciante, conhecido por todos na cidadezinha. Seu Lico, como todos diziam. Minha era a Maria, filho do Seu Lico da lanchonete e da Comadre Teresa. Este era o padrão, o protocolo de identificação de todo interior que se preze. Se você passasse muito tempo distante do lugar, talvez precisasse de duas gerações anteriores para ser reconhecido. Foi o meu caso.

Cheguei à lanchonete em que meu avô era dono, mas que tinha sido vendida por meu tio para Sr. Paulo, ex-funcionário da prefeitura, aposentado, que arriscara seu suado dinheiro em busca de uma vida melhor para os filhos. Ninguém me reconheceu de prontidão, tinha ido para capital muito novo. Mas fiquei anônimo por pouco tempo, pelo menos até o balconista anotar meu pedido.

- Bom dia, jovem, o que vai querer? – Assim disse o rapaz que usava roupas brancas e um daqueles chapéus de pano, cheio de dobras, presente na maioria das lanchonetes antigas.

- Bom dia, por enquanto, somente uma xícara de café, por favor. – Respondi, evitando perder tempo com aquela conversa trivial. Ainda havia muito da cidade grande em mim.

- Pois não – o atendente se afasta em busca da cafeteira, mas de repente retorna, como se tivesse esquecido de algo, mas a verdade é que havia lembrado – desculpe, mas você não é o filho de Dona Dita, neto de Seu Lico? O que veio para o sepultamento da mãe? – O rapaz de branco segurava o queixo, enquanto falava e mantinha os olhos um pouco apertados, como se tentasse puxar algo da memória.

Mesmo que quisesse, não iria conseguir lembrar de nenhum vestígio deixado por mim naquele lugar, não na lanchonete em si, mas na cidade de um modo geral. Já havia deixado Santa Madre há tanto tempo, que parecia um caminho sem volta. Me sentia um completo estranho, roubando o ar calmo e puro dos pacatos moradores de lá. Saí ainda menino daqui, para prestar o vestibular, e achava muito pouco provável que ele se lembrasse de alguém tão insignificante e que não dava as caras por tanto tempo. Minha mãe me fazia visitas regularmente na capital, quando queria matar a saudade, mas eu nunca a visitava, com exceção desta vez, quando foi tarde demais.

- Então, rapaz, vai responder minha pergunta ou não?

- Ah, sim, me desculpe, senhor. Sim, sou eu. Me chamo Jonah, muito prazer. – Estiquei a mão em cordialidade, as interações na cidadezinha em nada pareciam com as da capital.

Jonah Martins, o nome foi sugerido por minha amada genitora e *personalizado* por meu pai – fanático pelas excentricidades americanas, um sonhador -. Minha mãe, como toda religiosa que se preze, tinha a Bíblia como seu livro de cabeceira. Depois de ler a passagem no livro do profeta Jonas, sobre o episódio em que foi engolido por uma baleia (na tentativa de fugir das ordens de Deus), decidiu que o nome do seu filho seria o mesmo do profeta, mas meu pai resolveu dar um toque americanizado no nome, só poderia ter vindo dele a ideia. Então, aqui estou eu: Jonah, o filho da Dona Dita (apelido da época em que minha mãe era jovem) e neto de Seu Lico.

- Meus sentimentos, garoto. – Ele retribuiu o cumprimento, já me servindo o café. – Seu avô era uma figura muito respeitada aqui em Santa Madre, assim como sua mãe também foi. Todos aqui gostavam dela.

Assenti com a cabeça. Ainda com os vícios de um garoto inconsequente da cidade, não me esforcei nem mesmo a olhar para seu rosto enquanto falava.

- Então, me diga. Está pensando em ficar por aqui por muito tempo? Já vou dizendo que a cidade é meio parada, pode ser esquisita para alguém como você, acostumado com a badalação da cidade grande. Mas, logo vai se acostumar com a calma e nunca mais pensar em voltar àquele inferno de concreto. – Era assim que o pessoal do interior chamava a Capital Redmond, eles evitavam realizar aquele trajeto ao máximo, só a visitavam em casos de extrema necessidade, quando precisavam resolver algo burocrático ou por motivo de doença.

- Ainda não sei, senhor... – hesitei por um momento para que ele me

disse seu nome.

- Abreu, todos me conhecem por Abreu, por aqui. – A resposta veio e acompanhada por um gesto do já envelhecido senhor, que retira o chapéu em saudação.

- Certo, Abreu. Ainda não tenho muito claro o que pretendo fazer da minha vida. Tenho um emprego na capital, sou jornalista. Diário do Povo, conhece? – Este era o nome do jornal, mas necessariamente não era algo com o qual me orgulhasse. Digamos que ninguém sentiria minha falta por lá.

- Sim, claro. Acho que é o único jornal que recebemos por aqui. Você não é famoso, é? – Abreu retira a caneta, que utiliza para anotar os pedidos em um bloco de papel, da orelha e aponta para mim.

- Não, não – era difícil conter a frustração, a verdade seria mais próxima do oposto, estava mais para um completo desconhecido – estou apenas começando. Faço coisas pequenas, por assim dizer. Se gostar de Obituários, aí sim, deve me conhecer. Isto é tudo que escrevo por lá.

- Não esquentar, garoto. Ninguém começa grande, sua hora vai chegar. – Abreu retorna o pano com o qual limpava o balcão ao ombro. – Quer mais alguma coisa? Uma torta? A de limão é muito boa. Posso garantir.

- Obrigado, mas não consigo comer nada tão cedo. – Na verdade, o problema não estava na hora, e sim na tremenda ressaca que estava sentido. O gosto amargo na boca parecia que não sairia nunca mais, além das pulsações que sentia nas têmporas, aquilo estava me matando.

- Sem problemas, garoto. Me chame se precisar.

Fiquei sentado no balcão, virado para rua, que estava movimentada naquele dia em particular, mas ninguém parecia ter pressa. Exceto uma pessoa, um homem. Vestia casaco e usava óculos de armação grande e pesada, que parecia uma tentativa de esconder seu rosto. Mas, por algum motivo, este homem não chamava a atenção de mais ninguém na cidade. Para as demais pessoas, ele nem existia. Fiquei intrigado com a figura, resolvi perguntar ao balconista se o conhecia.

- Ei, Abreu! – Acenei com entusiasmo maior do que havia planejado. A cena acabou ficando um pouco estranha.

- Diga, não resistiu à torta de limão, não é? Mas não precisa ficar desesperado, a Shirley fez bastante.

Voltei a me sentar, pois praticamente estava pendurado por sobre o balcão com a mão esticada, tudo para que Abreu atendesse ao meu chamado rapidamente. Não podia correr o risco de perder a passagem da figura

estranha.

- Certo, pode me trazer um pedaço, mas depois. Primeiro quero que me diga, quem é aquele rapaz? – Utilizei o indicador para denunciar a posição do alvo.

- Que rapaz? – Abreu pergunta, se virando em direção à rua. Seus olhos vagueiam até achar o paradeiro do então desconhecido. Sua cabeça acompanhava os movimentos dele. – Aquele ali? – Ele faz uma careta, como se não entendesse o motivo do meu interesse, parecia ser uma coisa muito absurda.

- Sim, sim, aquele. Quem é?

Antes de responder, Abreu retira o chapéu uma vez mais, mas agora está o segurando com a mesma mão que utilizou para coçar a cabeça. O balconista da lanchonete parecia realmente confuso.

- Bom, Jonah. Você sabe como são as coisas no interior, não sabe?

Eu dei de ombros, então ele continuou.

- A gente acaba sabendo de tudo, mas ao mesmo tempo não sabe de nada.

- Como assim? – Agora a confusão me acompanhava, o desconhecido já havia sido encoberto, desapareceu no meio das outras pessoas.

-É, ora... A gente sabe o que ouve falar, mas não tenho como afirmar se necessariamente é a verdade. Este rapaz trabalha na fábrica, passa aqui em frente todo dia, exceto finais de semana, mas nunca para. Nunca entra, eu nunca o vi falando com ninguém. É um sujeito estranho. Pelo o que soube, ficou assim depois que a mulher o deixou. Eles tinham uma filha, quer dizer, ainda tem, eu acho. Mas isto é tudo o que posso te dizer, pois é tudo o que sei.

Agradei e voltei à introspecção, enquanto Abreu se ocupou com seus afazeres, atendendo outros clientes. Na minha profissão, aprendi que toda história vale a pena. Todo mundo tem algo de relevante para contar. Mas, o que aquele homem teria a dizer? Seria estranho abordá-lo diretamente, então resolvi obter informações com as outras pessoas. Felizmente, o nome do meu avô e o da minha mãe abriam muitas portas. Abreu me ajudou nesta odisséia, acabou indicando um porteiro que trabalhava na mesma fábrica do rapaz misterioso.

Acabei ficando mais do que havia planejado naquela cidade, todos do trabalho entenderam o quanto a morte da minha mãe tinha me abalado. Isto era fato, mas minha preocupação agora estava voltada para o *senhor Mistério*. Eles me concederam uma licença com vencimentos, ainda havia compaixão

no meu chefe, o que foi uma completa surpresa para mim, no fim das contas. Passei um tempo coletando as informações sobre o alvo misterioso e colocando minhas anotações em um caderninho, meu fiel escudeiro. Já havia registrado coisas importantes.

Um Homem... Sozinho... Já perdeu toda a família... Na verdade, a família só está longe mesmo... É tido como um fracassado por todos, trabalha na mesma empresa desde que se formou, conhece as mesmas pessoas... Ainda vive na antiga casa, a mulher que se foi com a filha. Este homem tem um objetivo, um sonho: Reconquistar a sua família. Possivelmente, o problema havia sido financeiro.

Além das entrevistas, utilizei meu computador (que sempre andava comigo) para realizar algumas pesquisas. Tentei cercar perfis semelhantes ao do investigado. Alguns estudos apontavam estas características como o de uma pessoa que adquiriu algum vício, ou seja, alguém solitário, que perdeu a família e não possui amigos. Geralmente, este tipo de comportamento é de alguém aficionado por algo, e este vício acabou o consumindo completamente, o afastando das pessoas. Resolvi então seguir por esta linha de investigação, muito mais pela falta de outras teorias.

Mas qual seria esse vício? Afinal, ele não andava em bares e o porteiro me disse que não acompanhava os colegas no *happy-hour* da firma, que sempre ia para casa sozinho, que nunca o viu com um cigarro na boca e, pelo que pude constatar, ele era certinho demais para usar drogas. Na verdade, o achava sem graça demais, discreto demais, só isso. Mas, poderia estar escondendo algo?

O que eu acho? Sinceramente, acho que ele só tem medo que alguém descubra que não tem nada, ele é só isso; ponto. Um fracassado que deixou a família escapar por entre os dedos. Não deve haver nada encoberto, nada! Na literalidade da palavra. Ou será que eu perdi alguma coisa?

Será que ele seria tão bom assim, a ponto de esconder algo de forma tão eficiente? Afinal, pareço ser o único que se importa, não deve ser nada. Deve ser só uma cisma boba, pensei.

Na verdade, havia algo me dizendo que deveria checar, ir a fundo na investigação, afinal, onde há fumaça, há fogo. Não é o que dizem? Acho que eu deveria recompor seus passos, repassar sua rotina, deve haver algo que eu possa descobrir, apenas observando. Poderia confrontá-lo, logicamente, a opção de me aproximar e tentar ficar seu amigo seria uma alternativa. Mas como poderia fazê-lo, se não havia mais ninguém com quem ele conversava?

Chegar de uma hora para outra, tentando puxar conversa, seria estranho demais. Aliás, não havia nem lugar apropriado para isto, já que não era adepto a ambientes com muita gente. Simplesmente, bater em sua porta e abordá-lo eliminaria qualquer chance de sucesso em minha busca. Sempre haveria a opção de bater a porta em minha cara e me mandar às favas, correto?

Resolvi então observá-lo, passei a anotar seus horários, os lugares onde parava, geralmente na volta para casa. Acabei me tornando uma figura frequente na lanchonete, onde fiz a maioria das refeições ao longo daquelas duas semanas. Eu mal podia acreditar que já tinha se passado tanto tempo. A semana sempre se arrastava quando estava trabalhando no jornal e, de repente, lá se foram duas.

Como já havia suspeitado, minha carreira de *stalker* foi um fiasco. Minha esperança era de que ele cometesse algum deslize, desse uma escapada quando ninguém estivesse olhando (com exceção de mim, claro), mas nada ocorreu. Todo dia ele fazia praticamente o mesmo trajeto de ida para o trabalho e na volta, com exceção das quartas-feiras, quando parava em uma casa lotérica, também obedecia ao mesmo destino. Estava praticamente desistindo desta ideia maluca de investigar alguém que mal conheço, eu até poderia ser preso por isso, mas não me importava muito. O que me deixou mais chateado, na verdade, foi a falta de informação. A vida novamente me convencia de que não poderia ser bom em nada. Um completo aborto da natureza.

Arremessei o bloco de notas que usava para registrar as pistas na mesa que minha mãe utilizava para colocar o controle remoto e algumas revistas que gostava e fiquei encarando a televisão, aturdido. A imagem e som estavam saindo perfeitamente, mas minha mente só registrava *flashbacks* das últimas duas semanas. Até que algo milagrosamente aconteceu.

É isso! A parada durante o trajeto de volta para casa, pensei. Esse cara, ele sempre para na lotérica às quartas-feiras, mas quase sempre não demora, exceto nos dias de pagamento da prefeitura. O lugar sempre ficava cheio em dias de pagamento. Em uma cidade do tamanho de Santa Madre, não havia muitas opções de emprego, ou você trabalhava em órgão público ou na única fábrica da cidade. O resto era comércio.

Minha mente agora girava em ritmo frenético, fiquei realmente preocupado na possibilidade de fritar meu cérebro com o esforço. Parecia que, a qualquer momento, a fumaça sairia dos meus ouvidos. Aquela nova

pista (ao menos, eu a considerava assim) renovou minhas forças e, de repente, várias teorias começavam a se montar, era algo extasiante, deveria ser assim que os drogados se sentiam durante o transe, ou barato, como chamam.

Espera! Eu preciso ter foco, vamos voltar à coisa da Lotérica. O que tem especificamente às quartas-feiras? Claro! O Jornal! Que dia é hoje? Sexta-feira. Ah, o jornal... se você quiser se inteirar da rotina de uma cidade, leia o jornal local, pensei.

Deve ser isso. Aqui está dizendo que a Loteria Federal está acumulada e pagará R\$ 100 milhões para o felizardo que acertar os seis números no concurso deste sábado e que o prêmio está acumulado desde o sorteio da última quarta-feira.

Quarta-feira? -É isso!

Ele sempre joga na loteria às quartas-feiras. Mas o que isto tem de mais? Todo mundo faz sua fezinha de vez em quando, dez entre dez pessoas gostariam de ser milionário. Mas esse cara não aposta todos os dias. Por quê? E por que toda quarta-feira, toda maldita quarta-feira?

Deve ter algo nisso, ele deve ter um motivo especial para jogar tanto. Não pode ser somente fé! E os números? Qual será a sequência que ele utiliza? Será que ele as altera em seus jogos ou usa sempre a mesma? Partindo desse cara, eu aposto que deve ser a mesma. Ele faz tudo igual, todos os dias, por que iria mudar justamente nisso? Mas não sou eu quem aposto aqui, é ele. E é isso que eu preciso descobrir.

E já sei por onde começar. Se ele joga tanto, deve andar cheio de volantes, daqueles cartões que os apostadores usam para registrar a aposta, ele não iria arriscar em marcar as dezenas na lotérica. Acredite, se tem um cara metódico, é esse cara. Se fosse para arriscar, minhas fichas estariam na possibilidade de ele guardá-los em uma das gavetas do escritório na fábrica, é de lá que sai todas as quartas para jogar. Eu precisava checar esta informação e tomei nota disso em meu caderninho. O que me fez refletir.

Mas como? Como eu vou invadir a sala dele, ou melhor, como eu entro na fábrica? Em que setor ele trabalha? Pelo o que sei, essa fábrica trabalha com dois regimes, um administrativo, que obedece ao mesmo horário do comércio, e um de turno com escalas. Mas esse cara segue uma rotina, definitivamente ele trabalha no administrativo. Sempre chega e sai na mesma hora. Sem alteração, como a droga de relógio suíço (guarde esta informação), nunca atrasa.

Sempre existe um jeito. Quando você quer entrar em um local proibido, precisa pensar em duas possibilidades: a primeira, com todo mundo no local. Nessa você deve procurar se disfarçar; a segunda, quando local estiver vazio e aí você precisará ser ainda mais discreto. Ainda existe uma terceira opção, que é chegar ao local pelas mãos do próprio indivíduo que se investiga, talvez esta seja a mais arriscada e a que requer mais trabalho também. E totalmente fora de cogitação para mim.

Pensando bem, eu não preciso ir até a fábrica, o segredo está na loteria, eu sei disso. Então só preciso esperar até a próxima quarta-feira e arrumar um jeito de pegar o cartão com as dezenas das mãos dele. Começando com as dezenas, posso avançar finalmente em minha investigação. Se minhas suspeitas estiverem certas, e eu acho que estão, esse cara deve participar de algum esquema, por isso teve que afastar sua família. Mas não vou conseguir nada de mãos vazias. É hora de agir!

CAPÍTULO 2 – A APOSTA

Então, aqui estou eu, quarta-feira, 17:42, loteria do centro da cidade, que, por sinal, é a única. Coisas da vida, a loteria se chama *Chance Dourada*, coincidência ou não, essa também é minha chance de ouro para descobrir esse segredo que me consome durante os últimos dias. Agora são 18 horas, em ponto, neste exato momento, ele passa pela catraca da empresa, lógico que ele espera exatamente o término da jornada de trabalho para sair. Até chegar aqui, ele leva exatos 12 minutos, sem interrupções, no máximo um *boa noite* para o porteiro.

Aí está ele, chegou com a precisão infernal de sempre. Mas o que é isto? Não é possível! O certinho e incorrigível cometeu uma falha? Não posso acreditar! Pensei.

Ele deixou os cartões acabarem, estava preenchendo as desejadas dezenas bem na minha frente, a cinco passos de distância. Lógico que, desta vez, levando um monte de volantes vazios consigo, afinal não seria tão idiota ao ponto de incorrer no erro.

É agora ou nunca, refleti. Preciso daquele cartão preenchido e já sei o que devo fazer. Por sorte, estou com um cartão que preenchi quando cheguei, há pouco mais de meia hora, para preservar meu disfarce. Infelizmente, não fui tão criativo assim e acabei preenchendo a sequência mais previsível do mundo: 01-02-03-04-05-06. Mas com este cartão, posso fingir que esbarrei nele, esperando que o impacto derrube o cartão que ele preencheu e, quando juntarmos os volantes no chão, faço a troca sem que ele perceba. Eu fico com o cartão dele e vice-versa, até que ele perceba a confusão, já estarei longe.

Assim foi feito, caminhei para a direção onde o dito cujo estava e esbarramos, os cartões caíram. Larguei imediatamente o cartão que fiz e, rapidamente, estiquei minha mão em direção ao cartão desejado. Pela posição que ficamos, fiquei encoberto pelo corpo dele e apenas o meu tato foi o sentido utilizado para cumprir o resto da missão. Tudo que sei, foi que agarrei um cartão, ainda sem saber se teria sido o dele ou apenas a retomada de posse do cartão que preenchi, não ia arriscar parar e colocar tudo a perder somente para olhar se a missão foi bem-sucedida.

Saí do local, mas não me afastei totalmente, ainda tinha contato visual

PERIGOSAS

com o indivíduo. Me reservei somente para que ele não me visse. *Mas o que aconteceu?* Pensei. Ele percebeu que tinha algo errado, porém, ao que parece, mesmo não sendo o cartão que ele tinha preenchido, não o descartou e prosseguiu até o caixa, que procedeu com o registro da aposta no sistema normalmente. Mas, se ele apostou com um cartão e, ainda assim, viu que havia algo errado com o outro, isto só poderia dizer uma coisa: ele ficou com os dois cartões preenchidos!

-Não é possível! - Exclamei.

Tudo o que havia planejado fracassou? Isso seria um desastre, porque, certamente, ele não cometeria este deslize novamente. Pensei.

Agora só me restava conferir o cartão que fiquei na mão e aceitar minha derrota. Como eu temia, fiquei com um cartão vazio, sem escolha de dezenas. Tudo o que planejei foi por água abaixo. Talvez eu não seja tão bom quanto meu algoz para fazer planos e seguir padrões. Talvez ele seja, de fato, mais esperto do que eu pensava.

Fui para casa. Minha única opção seria amargar o meu fracasso e beber algo mais forte do que a cerveja de todo dia para esquecer mais rápido desta etapa da minha vida. Sentei no sofá e puxei o cartão do bolso, por algum motivo não o rasguei lá mesmo. Quem sabe eu não devesse pendurá-lo na parede do meu quarto? Para toda vez em que acordar, ser a primeira coisa que enxergue? Assim, quando pensasse em me arriscar novamente, me lembraria do fracassado que sou.

Então, eis que, de repente, examinando todas as partes daquele maldito cartão, encontrei algo que mudaria o rumo desta recente investigação. O cartão que consegui capturar na minha desventura escondia algo, assim como seu dono. O volante que, ao meu ver estava desmarcado, também carregava um segredo. Ocorre que, ao marcar sua misteriosa combinação, o indivíduo apoiara o cartão que estava sendo preenchido em uma pilha de outros cartões que serviria de reserva para as apostas das semanas posteriores e passariam a morar na gaveta de sua mesa de trabalho. Dessa forma, o cartão que tenho comigo estava exatamente atrás do preenchido.

Como é preciso rabiscar as seis dezenas escolhidas em um universo de 60 dispostas em ordem crescente, o cartão é submetido à pressão que a caneta comandada pela mão do apostador exerce. Estando os cartões alinhados, as dezenas assumem a mesma posição. Assim, o cartão subsequente, mesmo que não esteja preenchido, fica com a marca do rabisco do primeiro cartão da pilha.

A partir desta cobertura, o resto foi relativamente fácil. Tudo o que eu precisava era de um lápis. Quem diria que algo com valor tão pequeno revelaria um segredo tão valioso para mim? Risquei o cartão exatamente nas marcas como se estivesse pintando uma obra-prima. Então, o mistério ruiu. Através da mágica exercida pelo grafite, as dezenas se revelaram. Como se fossem uma fresta de sol entrando aos poucos em um quarto escuro, as dezenas foram sendo desvendadas, uma a uma. A combinação consistia em 01-05-13-23-31-49. Seis dezenas, todas ímpares. A primeira coincidência se revelou. E assim, eu passei o resto daquela noite, tentando encontrar lógica entre aqueles números.

Nesta sequência, havia uma dezena enigmática para mim. O 13. Ela é tida como o símbolo de má sorte para os mais supersticiosos, mas este não foi o principal motivo. Além do 13, a sequência continha também o 31 que, por sinal, é 13 invertido. Além disso, a última dezena era o 49, somando 4 e 9, o resultado também era 13. Será que era isso? Tudo girava ao redor do 13? Mas, qual a relação entre o 13 e aquele que carrega o mistério?

Para as dezenas que sobraram, eu só conseguia pensar um motivo para serem escolhidas, o argumento não era tão bom quanto os das outras (vale o aviso). 01 e 05, se colocados em data, formam 1º de Maio, data conhecida internacionalmente pelo dia do trabalho. Será que era isso? Talvez fizesse sentido, se comparadas ao perfil do investigado. Afinal, o trabalho era o único compromisso recorrente que ele tinha. Mas, na verdade, a lógica era mais uma tentativa de calar minha angústia por resposta do que algo que se aproximava do fato. E o 23? Para esta dezena, eu não tinha achado nenhum tipo de correlação. O mais próximo que havia chegado desta é de que talvez, ele fosse fã de Michael Jordan, que estampava o número na camisa dos Bulls (time da cidade de Chicago). Uma lenda do basquete americano. Mas ele não parecia ser do tipo que gostava de esportes. Falando em Jordan, me veio na lembrança uma frase em que ele, quando indagado se achava que estava tendo sorte, respondeu: “Quanto mais treino, mais sorte eu tenho”. Parecia ser uma mensagem de que a repetição levaria à perfeição. Será por isso que o apostador misterioso sempre fazia tudo igual?

Ao começo do outro dia, depois de pegar no sono após incontáveis horas de raciocínio sobre a minha mais nova descoberta, resolvi buscar ajuda na internet. É impressionante como este assunto é amplamente discutido. A literatura é vasta e, se você estiver disposto a perder um pouco do seu tempo livre, muito divertida. Existem milhares de teorias e cálculos, especialistas e

gurus. Nesta hora, o ceticismo toma conta, afinal, se eles realmente tivessem desvendado o segredo, ou se houvesse algum tipo de esquema entre os sorteios, já teriam abocanhado as boladas que são sorteadas. No entanto, não consegui apurar nenhuma foto destes gurus sentados em uma pilha de dinheiro.

Mas algo me chamou a atenção. Depois de passar por várias teorias, um padrão parecia se repetir. Em quase todos os lugares pesquisados, os autores diziam que não podiam garantir o prêmio, mas podiam maximizar suas chances. Sempre estabeleciam como estratégia a distribuição das dezenas entre pares e ímpares. Um bom jogo deveria conter os dois grupos, e nunca jogos com somente números pares ou ímpares deveriam servir de aposta. *Como isso é possível?* Pensei. Qualquer pessoa com o mínimo de interesse sobre o assunto conseguiria esta informação, só demorei cerca de 5 minutos para consegui-la. Como um jogador assíduo deixaria isso passar? Ele seria tão estúpido assim? Não! Não irei cometer este erro novamente, já subestimei a capacidade intelectual dele no episódio da loteria e me dei mal. Tem algo mais neste assunto, sinto que eu deveria ir além, preciso de mais informações.

Inevitavelmente, o assunto ficou martelando em minha cabeça. Por algum motivo, eu não conseguia parar de pensar. Fiquei tão aficionado que perdi a noção do tempo - talvez o viciado naquele momento fosse eu-, nem percebi que havia me distanciado do causador de todo esse mistério. Ele teria saído de férias? Sido transferido? O fato é que, desde o nosso esbarrão na loteria, não recordava de tê-lo visto. Ele teria desconfiado de algo? Sentiu-se incomodado com minha investigação?

Resolvi, então, utilizar um pouco da razão e ir ao encontro dele no local mais provável: sua residência. Em uma cidade pequena, todos sabem seu endereço. Convenhamos que não seria o melhor lugar para esconder alguma coisa. Ele morava em uma casa simples, com uma escada na frente que dava para a porta, o local era velho e precisava de manutenção. Talvez ele tivesse descuidado da casa quando a esposa e a filha partiram, perdido o interesse por completo pelo local.

Subi os degraus, fiquei em frente à porta. Antes de subir a escada, eu estava decidido a bater. Mas, se deparando com a possibilidade iminente do contato, meu corpo paralisou. Por impulso, meu braço desobedeceu e se desligou de toda a cautela enviada pela minha cabeça, indo a encontro da porta. Após três toques usuais, como manda a convenção social, silêncio total... Ninguém respondia. Foi aí que minha mão, a extensão do braço

desobediente, forçou a maçaneta que, para minha surpresa, respondeu ao comando. A porta se abriu como se estivesse me convidando para entrar.

Este foi o estímulo que faltava para que eu criasse a coragem de entrar no ambiente dele. Onde todos os seus segredos moravam, onde a verdade poderia ser revelada, onde poderia ser ele mesmo, sem se esconder na rotina rígida criada como estratégia de se manter invisível perante aos olhos da maioria das pessoas. Mas não para mim, aquilo me intrigava, não entendia como alguém poderia ser escravo de si mesmo e por tanto tempo.

Entrei. A casa não estava bagunçada, mas não havia também tanto para se arrumar. Havia o essencial para se viver. Falando sério, havia menos que o essencial. Na sala, somente um sofá e uma televisão que ficava em cima de um móvel antigo cheio de porta-retratos. As fotos eram quase todas de sua filha, ele só aparecia em uma, a do casamento. Usava um terno escuro com uma gravata cinza.

No caminho entre a sala onde estava e a cozinha, havia uma mesa. Sobre ela, alguns pertences dele, como se fossem peças de um quebra-cabeça que eu teria que juntar para chegar a alguma conclusão. Como se não fosse mistério suficiente descobrir quem ele era, agora eu teria que concluir onde ele estaria. Era domingo, ele nunca saía aos domingos. Exceto quando era dia de visita a sua querida filha, segundo o que Abreu havia me falado. Mas, geralmente, ele só visitava sua antiga família em finais de semanas prolongados, quando o calendário da fábrica permitia, visto que elas tinham deixado a cidade quando eles se separaram.

Voltando à mesa, nela havia um relógio, como ironia do destino ou não, a droga do relógio era mesmo suíço. Daqueles mecânicos, que faziam questão de se gabar pela confiabilidade a ponto de deixar exposto seu maquinário através de um fundo transparente. O que um homem como aquele fazia com o relógio tão caro? Certamente ele não teria recursos próprios para adquiri-lo, teria sido um presente? Mas de quem? Até onde eu sei, ele não cultivava amizades na cidade. Havia algo escondido também neste objeto? Será que tudo que pertence a ele pretende me enviar algum tipo de mensagem subliminar? Enfim, aquilo não estava ajudando na minha busca por respostas. Resolvi prosseguir.

Também na mesa, jogado como se tivesse sido abandonado de forma apressada, uma espécie de cartão de identificação, somente quando coloquei a mão no objeto, percebi que se tratava do crachá que ele usava para acesso ao trabalho. Matrícula: 23, isso demonstrava o quão antigo ele era, a fábrica já

tinha sido inaugurada há mais de quinze anos, ao menos uns mil funcionários já deviam ter sido admitidos durante todo este tempo. Setor: Arquivo. Agora sei o motivo dele durar esse tempo todo na função, o setor de arquivamento de toda empresa não é, nem de longe, uma área movimentada, onde muitas pessoas trabalham. Pelo menos, não é assim no Jornal em que trabalho. Somado a isso, havia também o fato de que o porte da fábrica não justificava uma área tão grande para este fim. Talvez ele trabalhasse sozinho e só enxergasse seus colegas de trabalho através de protocolos, rápidas interações, nada muito demorado. Ele devia ficar a maior parte do tempo sozinho, rodeado de armários cinzas com etiquetas de propriedade da fábrica, cada um com seu número de série pelo período de aquisição.

Ele também tinha seu número, o 23. Acabava ali a desconfiança sobre a dezena escolhida, junto com a suspeita do investigado gostar do Jordan. - Pobre Michael, ficaria de fora de nossa aventura, talvez isto não fosse tão ruim assim para ele-. A conclusão era bastante sem graça, para dizer a verdade. Então, a escolha do número para figurar na aposta se deve somente ao registro efetuado no momento de sua admissão na fábrica? Estava decepcionado, havia criado expectativas demais nessa investigação.

Mas o cartão também trazia outras informações, como sua foto (que não valia de nada para mim), pois já tinha decorado a fisionomia do misterioso em questão. Abaixo da foto, o nome dele, um conjunto de letras que a sociedade utiliza convencionalmente para identificar e classificar as pessoas. O sobrenome indica sua origem, a qual família você pertence, na verdade requer ao mínimo dois para uma localização mais precisa. Já com o nome, o processo é diferente. Este serve para distinguir você do restante de sua família. Juntos definem quem você é e de onde veio.

Hélio Silva, este era o nome abaixo da foto. Finalmente, nosso estranho deixava de ser incógnito. Hélio, nome interessante... Paroxítone terminada em ditongo crescente átono requer acento na sílaba tônica, isto tudo para que não se erre a pronúncia, nome curto, mas forte. Homônimo de um gás utilizado, geralmente, em balões de festas. Por ser menos denso que o ar, faz com que eles flutuem, subam. Silva, o outro nome, não era tão interessante assim, este é um sobrenome comum no Brasil, ordinário, combinava mais com ele.

Tudo havia sido examinado na mesa, esta estava totalmente explorada pela minha curiosidade. Como algo que perde o valor, deixei-a sem hesitar, sem reconhecer todo o serviço que aquela mobília tinha me prestado. Fui em

direção a uma escada que ligava a sala de estar aos quartos. Subi. Durante o trajeto, pude perceber um quadro disposto na parede oposta ao corrimão. Dois homens, pareciam amigos. Ele e outro. Estavam felizes em frente a uma piscina, o outro parecia relaxado, feliz (demais). Ele, como sempre, desconfiado. Mas não estava triste como usualmente.

Chegando ao último degrau, me deparei com uma porta que permitia acesso ao quarto. Tinha mais de um na casa, mas este era o dele. Estava desarrumado, diferente do resto da casa. Mas, assim como o crachá que fora jogado na mesa, parecia que o quarto havia sido abandonado por alguém sem tempo a perder. Além da cama desfeita, com lençóis velhos, havia um closet, aparentemente organizado. As roupas obedeciam a um padrão de organização por tom, indo do mais escuro para o mais claro. Na escrivaninha, um telefone sem fio repousava. Escapando da bolsa que ele usava para trabalhar, estavam os volantes de loteria.

Para minha surpresa, algo de muito estranho tinha acontecido e provavelmente fora a razão do desaparecimento de Hélio. Além dos vários sem preenchimento que ele pegou na loteria no dia emblemático em que nos encontramos, o volante com as dezenas que ele sempre jogava estava lá. Simplesmente esta aposta não tinha sido feita, não havia o comprovante da loteria. *Mas eu o vi registrando um jogo junto ao caixa, ele fez uma aposta naquele dia*, pensei. Eu teria deixado algo passar?

Pensando mais um pouco sobre o assunto, percebi que na bolsa estavam os volantes vazios e o preenchido com as dezenas dele. Mas, e o cartão que eu havia preenchido? Será que ele registrou sua aposta com o meu cartão? Por que alguém faria isto? Até onde eu pesquisei, esta combinação nunca tinha sido contemplada, em nenhum concurso. Eu sabia que, estatisticamente, ela tinha a mesma probabilidade das outras e que, a cada evento em que uma determinada hipótese passa sem ocorrer, a chance de que ele ocorra no próximo é maior. Mas quem arriscaria?

A bolsa também já não me servia mais, já me havia entregue seu segredo. Só me restava o telefone. A última ligação efetuada foi para sua antiga esposa, implicação de fácil comprovação, pois ele havia salvado o contato na agenda ao nome de “Amor”. Mesmo estando separados, ele parecia não ter superado o assunto. Foi uma ligação rápida, de menos de um minuto. Teria sido uma despedida? Ele queria alertar sua ainda amada de algo? O que estaria acontecendo com ele? Talvez tivesse ido ao encontro das duas e ligou para avisá-las.

Passei a olhar também as ligações recebidas, mas não encontrei algo que despertasse minha curiosidade. Apelei, então, para a secretária eletrônica. Havia somente uma mensagem, recente. No áudio reproduzido pelo aparelho surgia uma mensagem até simpática, contrastando com o rancor que Hélio carregava. A mensagem dizia, em uma voz infantil e meiga.

Oi, você ligou para a família Silva, a gente deve estar em outro lugar no momento e não podemos atender agora, mas deixe seu nome e telefone que retornaremos...

Esta foi a primeira parte, gravada pela filha dele, eu suponho. Durante todo esse tempo, ele não conseguiu se desvencilhar do passado, parecia que a vida teria acabado quando a esposa foi embora. A outra parte não tinha nada de meiga, era séria. Isto na falta de outro adjetivo para expressar preocupação do emitente. A voz era de um homem, não aparentava ser idoso. Pois a voz não falhava ao final das frases. Parei de analisar a voz e voltei minha atenção ao conteúdo da mensagem:

Hélio, aqui é o Bruce, preciso que você venha imediatamente para cá. Acho que eles descobriram tudo, cara. O que você fez? Eu falei para você ser discreto. Corre para minha casa antes que seja tarde demais. A gente conversa aqui, mas vem logo!

Encerrado este fragmento de súplica e alerta, a secretária eletrônica encerra a mensagem, não era doce nem parecia sentir angústia, era fria como todas as máquinas:

Você tem zero mensagens novas.

O recado só poderia ter vindo de uma máquina. Não há como se ter “zero”, na verdade não se tem nada. E zero era basicamente o que havia de conclusivo em minha investigação. Quanto mais avançava, ao invés de respostas, mais dúvidas surgiam. Era um misto de entusiasmo por descobrir cada vez mais pistas e também de frustração por não encerrar nenhuma delas.

O que será que ele fez de tão errado? Ele não havia feito nada de anormal até quarta-feira, que tinha sido o último dia em que eu acompanhei sua rotina. Teria ocorrido algo após isso? Infelizmente, eu tinha passado o resto da semana em casa, tentando desvendar o segredo das dezenas.

Quem é esse Bruce? Seria algum amigo distante? Não havia ninguém na cidade com esse nome, eu saberia se tivesse. Abreu teria me dito, eu acho. Ninguém esquece um nome desse. Seria o amigo que eu tinha visto na foto enquanto subia a escada? Eles pareciam se conhecer bem. A cara de desconfiado de Hélio na foto da parede da escada talvez fosse um sintoma

desse segredo que eles guardavam.

Agora eu sei que realmente existe algo escondido e Bruce também compartilhava este mistério. Mas o que seria? Teria algo a ver com as apostas de quarta-feira? Eu precisava ir para casa pensar sobre o assunto e pesquisar sobre tudo o que acabara de descobrir.

Então sai da residência de Hélio, tentando deixar o mínimo possível de vestígios. Tranquei a porta com cuidado e, ao alcançar a rua, me certifiquei de que não havia ninguém bisbilhotando. Não havia tempo para deslizes e, caso alguém acionasse a polícia, eu estaria bastante encrencado. Quem, em gozo das faculdades mentais, acreditaria em minha história? Tudo o que conseguiria era passar algumas noites no xadrez, o que encerraria definitivamente minha aventura. Felizmente (para mim), os vizinhos também não se importavam com Hélio.

Já de volta em casa, tentei achar algo sobre algum Bruce que fizesse sentido. Tudo o que você precisa para realizar uma boa pesquisa é juntar alguns pontos e verificar se eles possuem alguma relação. Tentei: BRUCE E HÉLIO SILVA..., mas sem sucesso. Alterei para: BRUCE E LOTERIA... nada feito. Percebi que a chave para minha busca não era um nome, esse homem permanecia incógnito, discreto. Assim como Hélio, não havia nada a ser mencionado, eles não faziam diferença para o mundo.

O fato do nome Bruce não ser tão comum entre os brasileiros me ajudou a restringir um pouco a pesquisa. O mais próximo que havia chegado de um resultado plausível era uma publicação no Diário Oficial com a lista dos aprovados para o banco da capital, lá constava que Bruce Pereira foi aprovado em sétimo lugar para o cargo de TI como escriturário. Infelizmente, aquilo tinha tanto valor (naquele momento) quanto areia no deserto. Deserto no qual eu me encontrava, com toda aquela escassez de respostas e, para piorar, meu cantil de informações havia secado. Eu estava sozinho, entregue à minha própria sorte.

Minha estadia naquele fim do mundo estava chegando ao fim, juntamente com a bondade do meu chefe. Só tinha mais uma semana até o encerramento da licença. Resolvi então focar nos meus assuntos, tinha que resolver o que fazer com aquela casa deixada por minha saudosa mãe. Era hora de colocar minha investigação de lado. A menos que aparecesse algo de novo, que virasse a história de cabeça para baixo. Mas, se tratando do alvo misterioso, novidade era algo raro. Talvez desconhecido. Hélio só conhecia o que era rotina e padrões. E eu estava me cansando de toda aquela chatice.

No dia seguinte, fui ver meu tio, na esperança que ele se interessasse pela casa e me oferecesse um bom preço. Ele morava em uma das melhores casas de Santa Madre, interior em que minha família inteira se criou e tinha sido meu principal abrigo durante estes últimos dias. Era uma manhã ensolarada e aquela coisa verde imensa, que meu tio chamava de lar, estava lá majestosa.

CAPÍTULO 3 – LADO B

Quarta-feira, 17:52. Olhei no relógio suíço que Bruce me deu. Lembro de ter brigado com ele por isso, como eu iria explicar um relógio tão caro como esse, recebendo este salário de fome da fábrica? Na época em que fui transferido para cá, me falaram que seria uma oportunidade de crescimento, que minha família iria adorar viver no ritmo de uma cidade pequena, diferente do escritório em Redmond. Foi exatamente o inverso disso. Aliás, acho que foi justamente aí que começou minha desgraça.

17:53, já estava um minuto atrasado, perdi tempo com minhas lamúrias. Era hora de preencher a sequência. Estiquei o braço até a terceira gaveta da esquerda, precisava ser exatamente a terceira, porque a menina da limpeza sempre tinha preguiça de se abaixar. Ela nunca iria mexer naquela gaveta.

De repente, algo que jamais aconteceu. Eu estava sem volantes para a aposta. Tudo culpa daquele investigador misterioso que colocaram para me seguir. Tenho certeza que foram eles. As pessoas que Bruce havia me falado. Tive que executar minhas tarefas de forma ainda mais rápida, e isto atrapalhou minha rotina. *Mas como fui cometer um deslize destes? Não é possível, como posso ser tão descuidado?* Pensei. Acabei retirando meu último cartão da gaveta na semana passada e, com toda esta agitação, acabei esquecendo de repor. *O que será que fiz de errado para chamar a atenção deles? Talvez fosse melhor ficar sem jogar. Não! De forma alguma!* Pensei.

Eu não posso arriscar ficar sem jogar, nem por uma semana. Nunca se sabe quando será o dia certo. Se o tão esperado sorteio ocorrer na semana em que não joguei, eu nunca vou me perdoar. Eu não posso amolecer, se eu quiser viver com a Christie e sua mãe novamente. Tenho certeza que a Sílvia vai me perdoar quando ganhar o prêmio. Confesso ter sido muito duro com elas, controlador demais, principalmente com nossas economias. Ela me acusava de sempre viver contando as moedas, como falava. Mas eu tinha medo de perder o controle, de cometer um deslize e deixar algo faltar para as duas.

Quando ganhar (e vou ganhar!), isso tudo irá desaparecer. Não vai haver necessidade de se preocupar com mais nada. É muito dinheiro, o suficiente

para acabar todos os meus medos... *Droga!* 17:57, eu preciso ir. O caminho até saída leva três minutos e eu não posso me atrasar.

Felizmente, eu trabalhava sozinho. Minha paisagem eram arquivos e protocolos, meus companheiros de sala. Não havia mais ninguém para perder tempo desejando boa noite. Peguei meu casaco e saí.

São 12 minutos até chegar na “Chance dourada”, belo nome para uma loteria, por sinal. Preciso apertar o passo, pois ainda tenho que preencher a sequência lá. Espero que os volantes não tenham acabado, eu preciso de uma boa quantidade para abastecer minha gaveta do escritório. Maggie também precisa estar lá, eu não faço jogo com mais ninguém. Ela é a caixa mais simpática da casa, com ela não tenho me preocupar em entregar minha sequência. Não iria copiar.

Todo este tempo jogando, espero que Bruce tenha razão em sua estratégia. Eu tenho que confiar nele, é minha única esperança. Lembro de como minha vida era vazia sem um objetivo para seguir, se Bruce não tivesse me apresentado esta alternativa para reconquistar minha família, algo de pior já teria acontecido.

Entrei na Loteria, Maggie estava lá. Também havia cartões vazios. Tudo perfeito! O que mais poderia dar errado? Fui em direção aos cartões, marquei minha usual sequência. A caneta tinha pouca tinta, estava começando a falhar. Então pressionei-a com força maior do que a de costume, consegui marcar meu jogo. Enquanto retornava para a fila, acabei esbarrando em um desconhecido, meus cartões caíram. Me inclinei em direção ao chão para apanhá-los, mas ele foi mais rápido, juntou os cartões, retirando somente o que ele segurava antes do nosso encontro e foi embora.

Eu sempre tomei muito cuidado para que incidentes como este não ocorressem, de repente tudo estava dando errado. Havia seguido esta rotina durante todos estes anos, tudo cronometrado para evitar falhas. Falhas que insistiam em se repetir, desde que algum bisbilhoteiro resolvesse me espiar. Primeiro, a falta dos cartões e agora isto? O que está havendo comigo?

Segui direto na direção de Maggie. Como sempre faço, conferi os cartões para garantir que nenhum erro aconteceria novamente. Foi aí que tudo aconteceu. Percebi que, além do meu cartão, outro cartão preenchido havia ficado na pilha. Certamente o jogo que o rapaz do encontro havia feito e deve ter ficado comigo por conta da confusão na hora de juntá-los.

Examinando o cartão dele, vi que a sequência preenchida era de 01-02-03-04-05-06. *Quem iria ser tão idiota para arriscar a sorte em sequência*

deste tipo? Espera um pouco, pensei.

Bruce havia me falado dessa sequência e do risco que traria, caso ela aparecesse em alguma aposta. Eu tinha acompanhado todos os sorteios desde que aconteceu aquilo com Bruce e essa combinação não havia saído em nenhum deles.

Será que são as pessoas que Bruce havia me falado? Seriam eles os espiões? Como conseguiram me achar neste fim de mundo? Não é possível! Pensei.

Eu sabia que não estava ficando louco. Muita gente fica quando passa tanto tempo sozinho como eu, mas não estava acontecendo comigo. Ainda não tinha ficado paranoico. Não se tratava de uma invenção da minha cabeça, era tudo verdade. Tudo verdade!

Para não levantar maiores suspeitas, resolvi jogar aquele cartão misterioso. Poderia ter sido apenas o destino querendo me dizer algo. Resolvi arriscar. Poderia ser um atalho para alcançar meu objetivo. Olhei para trás para saber se homem com quem eu havia trombado ainda estava lá. Ele tinha sumido, como um fantasma, ninguém sabia dizer para onde ele foi. Como o jogo já tinha sido registrado, deixei a lotérica e segui para casa, só me restava aguardar o resultado.

Hoje foi um dia atípico na minha vida, isto é estranho, porque tirando este, os outros dias tinham sido normais, todos iguais. Não um igual ao outro, porque cada dia da semana reserva uma dinâmica diferente, mas as semanas eram iguais, a terça-feira de ontem havia sido igual à da semana passada e, hoje, igual a quarta-feira da semana anterior.

Até certo ponto, eu me sentia confortável com a rotina que tinha criado. Acredite, quando a base da família é alterada, tudo se perde. Quando minha esposa se foi (levando Christie), fiquei sem chão, sem rumo. Então a única maneira que encontrei para seguir foi me apoiar em um roteiro. Arquitetei os passos, tracei todas as necessidades e estabeleci rotinas para suprir a ausência delas. Isso me ajudou demais a atravessar aqueles momentos. Primeiro, não dava espaço para erros e segundo, me matinha focado no meu objetivo.

Como parte da rotina de quinta, recolhi o jornal e direcionei minha atenção para o resultado do sorteio, mesmo tendo acompanhado pela televisão. Mas, quem sabe, minha sorte não teria mudado? Mesmo sabendo que sorte, naquele caso, era a menor das variáveis. Infelizmente, não foi dessa vez. Mais uma semana no marasmo da minha vida. Casa vazia, silêncio total. Até quando?

Vida que segue. Os dias passam, tudo procede com o fluxo normal das coisas, inclusive eu. Tudo estava muito igual, calmo e tranquilo, até que, na manhã de domingo, algo havia saído do controle. De repente, sem nenhum tipo de aviso, percebo que tinha recebido uma mensagem na secretária eletrônica. Mas ninguém, exceto Sílvia e Bruce, tinha o número daquele telefone. Devia ser Christie (minha filha), Bruce não entra em contato há bastante tempo. *Finalmente um pouco de alegria nesta minha vida parada*, pensei. Para mim, somente ouvir a voz da minha filha era algo digno de salvar o dia.

Apertei o botão do aparelho, eis que surge a voz dela na mensagem automática, minha doce e linda filha. Neste momento, eu só rezava para que, após sinal, a voz continuasse. Desta vez sem ensaio, sem repetição. Seria espontâneo, autêntico. Partiria do coração da minha amada filha. Mas, como se somasse a tudo de ruim que me aconteceu na semana, surge a voz ríspida de Bruce. Ele estava diferente. Normalmente, era brincalhão e animado. O oposto de mim.

Bruce estava sério e parecia preocupado. Abalado demais para formar sentenças inteiras. Falava aos pedaços, atropelando o final das frases. Em resumo, pedia que eu fosse até seu encontro para esclarecer o que eu havia feito. Alguém estava o procurando para buscar informações sobre uma aposta na minha região. Certamente teria algo a ver com meu novo jeito de apostar.

Por isso os padrões são tão importantes, durante todo este tempo que segui com minha rotina, ninguém havia me incomodado, nada saía do lugar. Até que um belo dia, resolvo arriscar; e o que acontece? O caos! Espero que não tenha colocado tudo a perder. Bruce não me perdoaria. Não era somente a minha vida que estaria em jogo, caso algo desse errado, as das nossas famílias também.



A residência de Bruce ficava a uns sessenta quilômetros de Santa Madre. Era em um condomínio daqueles chiques, com as casas sem muros, talvez porque o sentido de se ter uma casa daquele tamanho seja justamente esfregar na cara dos vizinhos. A casa era linda e tinha um belo jardim, parecia coisa de filme ou daqueles comerciais americanos pós-guerra.

O que aconteceu com o meu melhor amigo é algo raro, uma chance em bilhões. Felizmente, para nós, Bruce estava atento à oportunidade e não a deixou escapar. Me lembro do constrangimento dele ao me contar o que

PERIGOSAS

havia conseguido. Ele parecia sentir vergonha de estar feliz, me vendo levar a vida com tantas dificuldades. Bruce é a pessoa mais especial que já conheci e me deixou embarcar na sua alegria, me mostrando tudo o que havia descoberto.

Finalmente, cheguei na residência dos Pereira. Era assim o sobrenome de Bruce. Ele estava na porta me aguardando, mas desta vez não estava tão feliz em me ver, como das outras vezes.

- Cara, o que você fez? Eu te falei para não forçar a barra. – Ele enxugava o suor que se formava na testa, me conduzindo à parte da piscina. Possivelmente não queria que a família escutasse.

- Calma, Bruce. Eu posso explicar! – Tentei amenizar a situação. Uma tentativa desesperada de minha parte.

- Explicar o quê, Hélio? Vamos, desembucha. Por que fez isso? Me fala.

Quando terminei meu relato, Bruce permaneceu em silêncio por um bom tempo. Parecia estático, com exceção de sua cabeça, que não parava de sinalizar de forma negativa. Bruce tinha um estilo pitoresco, parecia não ter saído dos anos 70, adorava as vestimentas da época. As roupas extravagantes descreviam sua personalidade. Após muito tempo refletindo, ele me olhou por trás de uns óculos com lentes escuras e grandes, estilo aviador e repetiu algumas vezes a frase.

- Você não tinha o direito de fazer isso comigo! Me ouviu bem? Não tinha o direito! - E deixou a casa da piscina, onde havíamos nos escondido para tratar do assunto. A esposa e os filhos dele não sabiam de nada. Eu o segui.

Enquanto caminhávamos, meu melhor amigo ia me descrevendo um jeito de sair desta confusão. Mais adiante, na sala de estar, ele faria o comunicado à família de que eles precisariam deixar o Brasil.

- Crianças, o que acham de tirarmos umas férias? – Aquele ser de trajes extravagantes agora estava com semblante leve, como se nada tivesse ocorrido durante os últimos passos que dera. Abriu os braços como se quisesse proteger seus filhos, a intenção seria exatamente esta.

As crianças, logicamente, adoraram a ideia. Lucy, sua esposa, não.

- O quê, você está ficando maluco, Bruce? Que novidade é esta, de uma hora para outra?

- Vamos, meu bem, nós podemos nos dar este luxo. Vai ser legal. – Ele corre em direção à amada, tentando a convencê-la com alguns afagos. Virei o rosto naquele momento, a intimidade do casal não me interessava.

- Pare, não está vendo que Hélio está envergonhado? – Lucy recrimina, mas nem por isso rejeitou as carícias do marido.

- Ah, Hélio sabe muito bem o que é isso. Não sabe? – Bruce dá uma piscadela, só não conseguia entender se era pela última fala ou se para manter a farsa da conversa.

Preferi somente sinalizar com a cabeça. Minha cota de burrices estava esgotada naquele dia em particular.

- Está bem, Bruce. E para onde vamos? – Responde a esposa, praticamente entregue aos amassos do marido.

- Disney! O que acham? – Ele agora volta à atenção para os filhos, que enlouquecem com a informação sobre o destino inesperado. Não que já não tivessem visitado o Mickey, mas qual criança não desejaria repetir o passeio?

Ouvindo que o roteiro seria a Flórida, local também apropriado para as compras, Lucy agora parece mais animada do que os filhos. E prontamente os reúne, conduzindo o casal de crianças para o pavimento superior daquela *humilde* mansão de quatro quartos.

Vendo os meninos, muito mais ágeis que a mãe, praticamente escalarem a escada, Bruce pede para que sua esposa desacelere.

- Lucy, ainda não acabei – ele pontua, empurrando os óculos de armação pesada à posição original – ainda preciso resolver algumas coisas por aqui. Vocês vão primeiro e, por favor, sem perguntas. – Aquele pedido era praticamente impossível de ser atendido.

- Nada disso...o quê? Primeiro, esta loucura de viajar sem o devido planejamento e agora isto? Você está me escondendo alguma coisa, Bruce? – Lucy está em pé, entre dois degraus, seu anel envolvendo um dos dedos da mão que segurava o corrimão acabou ofuscando minha visão, pois uma fresta de sol reluzia diretamente na enorme pedra.

- Confia em mim, amor. Estou fazendo isso para o nosso bem, querida.

- Você me contaria se estivéssemos correndo perigo, certo?

A provocação da amada chegava aos ouvidos de Bruce como uma rocha, muito maior do que sua capacidade de suportar o peso, dava para ver em seu semblante. Mas estava em uma encruzilhada naquele momento. Seria colocar tudo a perder, contando a verdade, ou manter a farsa e salvar sua família.

- Claro, Amor. Agora suba e ajude as crianças. – A decisão estava tomada.

Sinceramente, não havia entendido esta última solicitação de Bruce, por que hesitaria em partir? Ele não havia me explicado este ponto, mas o que o

faria correr este risco? Seria para me ajudar? Se realmente fosse este o motivo, eu estava pronto para lhe fazer desistir da ideia.

- Bruce, você não está pensando em ficar por minha causa, não é? – Perguntei.

- Não, não se preocupe. Só preciso resolver uns assuntos antes de ir. Mas não devo demorar. Logo os acompanharei na terra do Tio Sam. – Ele voltara ao tom brincalhão como de costume, mas dava para sentir que não estava sendo espontâneo como das outras vezes.

Resolvi ignorar. Nós não podíamos perder tempo com minhas dúvidas.

Após o anúncio, Bruce foi até seu escritório e fez um telefonema. Questionei para quem estaria ligando e ele iniciou o diálogo enquanto discava:

- Para Eles!

Assim que a ligação foi completada, Bruce disparou.

- Deixem meu amigo em paz, ele não fez nada de errado! Venham atrás de mim, eu não tenho medo de vocês! - Desligando antes que houvesse qualquer chance de resposta do outro lado.

- Mas não estou entendendo, Bruce. Quem são eles? O que eu faço agora? – Insisti nos questionamentos, estava completamente apavorado.

- Garanto que te explico tudo quando esta confusão acabar. Mas agora, você precisa ver Christie! Nunca se sabe o que estes infelizes serão capazes de fazer. Eu não quero te meter mais medo, Hélio. Mas, por tudo o que há de mais sagrado, tenha ainda mais cautela. Redobre o cuidado, está bem? Me promete?

- Sim, Bruce. Prometo que vou me cuidar. Desculpe por te fazer passar por isso, amigo. Não sei como pude fazer esta burrada. Me perdoe.

- Deixe de besteira, você é um irmão para mim. Estamos juntos, para tudo.

No despedimos e refiz o caminho pelo qual havia chegado no condomínio naquela manhã. Desta vez, de volta para casa. Já era quase início de tarde. Ainda carregava todas as dúvidas que possuía antes de encontro e, agora, elas haviam ganhado companheiras de peso. Com quem Bruce estava falando? Será que ele teria me contado tudo realmente sobre seu plano?

Praticamente não percebi que o trajeto tinha sido concluído. Mas fiquei feliz em ter chegado em casa. Lá poderia analisar todas as alternativas. Logo me veio a mensagem de Bruce, sobre a necessidade de visitar minha filha. Mas eu não poderia colocar minha filha em perigo. *Que tipo de pai eu seria,*

se o fizesse? - Pensei. - Definitivamente, não!

De alguma forma, aquela sentença mencionada por Bruce não parava de perturbar minha cabeça, era como se um ferreiro tivesse mudado para dentro do meu ouvido (e parecia ser época de campeonato de justa, pois ele estava fazendo hora extra). Eu sabia que não conseguiria fazer aquilo cessar, a menos que programasse uma visita à Christie (e Sílvia). Se ele estivesse certo, eu poderia nunca mais vê-las. Mas onde seria este encontro? Na casa delas não poderia, isto estava resolvido. Aquele não era terreno neutro e não iria arriscar em revelar o paradeiro das duas (caso alguém estivesse me seguindo).

Fiquei, durante um tempo, tentando criar uma desculpa perfeita para tirá-las de casa. Teria que ser algo forte (e plausível) o suficiente. A primeira *grande* ideia foi apelar para a compaixão das duas. Afinal, até moradores de rua recebiam visitas em hospitais. Mas o que precisaria fazer para ficar internado? Aquilo era arriscado demais, não podia me colocar em uma situação de enfermidade diante de um perigo iminente. *Se não seria pela dor, que fosse pelo apetite*, refleti. Resolvi, então, ativar a memória gastronômica das duas.

Nos momentos mais felizes do meu casamento com Sílvia, basicamente em todas as ocasiões especiais, costumávamos ir a um restaurante afastado da cidade, o Mr. Joe. O estabelecimento tinha cardápio variado e isto era o que nos atraía. Eu adorava um prato americano, chamado *T-Bone and Fries* (um jeito chique de dizer bisteca com batata frita), o prato preferido de Sílvia era *Caesar salad* (clássico) e de minha adorada filha era a escolha de dez entre dez crianças, *Cheeseburger* e *Milk Shake* de chocolate.

Tomado pela nostalgia do lugar (e dos momentos vividos), peguei o telefone por impulso e apertei o botão de favoritos da memória. Meu passatempo preferido em casa era discar o número da casa da mãe de Sílvia e desligar antes do primeiro tom.

Desta vez Christie atendeu, após alguns segundos. Tentei emitir algum sinal de resposta, mas minha voz foi raptada pela emoção de ouvir aquela melodia doce novamente.

– Pai, é você? – Permaneci em silêncio. A voz continuou. - Pai, sabe o que sonhei? Que a gente tinha ido ao Mr. Joe e você me deixava tomar dois milk-shakes de chocolate, com calda extra! – Concluiu Christie.

É muito estranho quando isso acontece, mas certamente você já deve ter se deparado com este tipo de situação com alguém de sua família, ou círculo

de amigos mais próximos. Eles parecem saber o que você está pensando, é como se sintonizassem a mesma estação que a sua.

- Meu amor – respondi ao contato, quando a emoção me permitiu – eu acredito perfeitamente nisso. Sabe por quê?

- Não, pai. Por quê?

- Porque eu também tive o mesmo sonho, minha linda. E estou ligando justamente para te convidar para irmos tomar aquele *milk shake* que você tanto gosta. O que acha?

- Eba! – A excitação aparece no outro lado da linha. – A mamãe pode vir com a gente?

- É claro que sim. – Respondi com um tom cada vez mais meloso.

- Certo, espera que eu vou chamá-la.

- Está bem. – O tom meloso tinha ido embora. Estava me preparando para etapa mais difícil: convencer Sílvia a ir neste encontro.

Certamente ela pensaria que esta seria uma das inúmeras tentativas fracassadas de reconciliação. Em todas os últimos contatos, Sílvia vestia a armadura da insensibilidade para trocar meia dúzia de palavras comigo. Aquela situação constrangia mais a mim do que a própria, um dos meus maiores medos na vida era de ser inconveniente com alguém, odiava aquele sentimento de estar sobrando em algum lugar ou ter que forçar algo para me encaixar.

- Hélio, como vai? Christie está toda animada aqui, não acha que deveríamos ter combinado antes de anunciar qualquer coisa para a garota?

- Sílvia, Boa Tarde. Como vai? – Tentei amenizar a situação, esquecendo que aquelas cordialidades a irritavam ainda mais. – Sim, você tem razão, mas não vi problemas em convidá-la para comer fora. Na verdade, convidar as duas.

- Ah... Hélio. Pela milésima vez, não acho que seja o momento correto para isso...

- Mas, Sílvia... – precisei interromper, já tinha ouvido aquele sermão antes e sabia exatamente onde iria dar – eu prometo que, desta vez, será um encontro casual. Veja, se você não quiser, não falaremos nada sobre nossa condição atual. O que acha?

- Não sei, Hélio. Não quero alimentar falsas esperanças.

- Não vai, prometo. Este encontro nem entrará nas minhas contas. E então? Pelos velhos tempos?

O primeiro passo foi dado, me arrisquei a ficar na beirada do precipício.

Não havia mais espaço para arrependimentos na atual situação. Somente torci para obter sucesso. Eu juro que até cruzei os dedos e apertei bem os olhos no outro lado da linha. Tive sorte de o telefone só transmitir minha voz.

- Está bem, Hélio. Mas, sem expectativas, ok?

- Ok.

- Estou ocupada hoje, ajudando mamãe nas tarefas de casa e amanhã tem reunião na escola da Christie. Tudo bem para você na terça-feira?

- Terça está ótimo! – Já estava gritando por dentro, mas minha voz permanecia calma e serena. - Sílvia, escute. Há algum problema se vocês pegarem um táxi até o Mr. Joe? Semana que vem tem auditoria na fábrica – não havia auditoria nenhuma, era uma semana tão normal quanto as outras – e você sabe como ficam as coisas por lá nesta época, né? – Ela lembrava muito bem dos meus atrasos.

Não poderia me arriscar, denunciando a localização delas para quem quer que fosse. Preferi manter a desculpa e encontrá-las no restaurante.

- Problema nenhum, até prefiro que seja desta maneira. Assim, não preciso ficar dando satisfações para mamãe. Digo que vou à casa de alguma amiga.

- A propósito, como Dona Sônia está? – Perguntei de minha *adorável* sogra, na esperança de que ela tivesse engasgado com o almoço.

- Mamãe está bem, está mandando um abraço para você. – Sílvia abafa o telefone, mas ainda é possível ouvir suas risadas distantes.

- Muito engraçado, Sílvia. Outro para ela. – A velha me odiava. O sentimento era recíproco. – Até lá e mande um beijo para Christie! - Me despedi segurando a euforia, não queria parecer animado demais para não a assustar. Por um instante, todos os meus problemas tinham desaparecido. Só por um instante, mesmo.

Lembro de ter passado o restante do domingo e os dias posteriores com uma empolgação de um menino aguardando a chegada do Natal, até já havia me esquecido que esta faceta de minha personalidade ainda morava aqui dentro. Parecia que eu tinha nascido velho. Carrancudo. Mas a vida tinha me tornado daquele jeito, as circunstâncias me fizeram assim, ou será que não? Será que *eu* quem teria escolhido viver daquela forma, preso em uma cela de amargura e indiferença? Acho que nunca vou saber a resposta.

Finalmente, o dia havia chegado. Tive que sair mais cedo da fábrica, talvez o primeiro dia do ano em que não cumpriria todo o expediente, mas desta vez seria para uma boa causa: comprar um presente para Christie.

Passei na loja de brinquedos, na saída da cidade, fui obrigado a carregar um urso (tipo *Ted Bear*) gigante até o carro. É engraçado como as tradições americanas influenciam nossas vidas, imagine que eu, naquele fim de mundo, encontrei um *Ted* para vender e o comprei, o que é pior.

O restaurante não era longe de Santa Madre. Cheguei mais cedo que o previsto, porém estava chovendo muito no dia, então tive medo de atrasar. As meninas ainda não estavam lá, fiquei parado no estacionamento, não iria me arriscar a molhar aquele urso inconveniente. O Mr. Joe fora construído no estilo das lanchonetes americanas, bancos fixos e enormes janelas de vidro, à noite ficava totalmente iluminado, boa parte do trabalho era feito por um letreiro enorme de neon na cor vermelha que era ostentado na fachada do prédio. Aquilo me incomodava, particularmente, mas minha filha adorava.

A chuva continuava em um ritmo forte, os pingos batiam no para-brisa do automóvel, emitindo um som cadenciado que simulava o barulho daquelas máquinas de escrever antigas. A gente usava uma destas até pouco tempo, lá na fábrica. Até substituírem por um computador (maldito computador). Um dia ainda iria substituir a todos. Logo, os robôs fariam todo o trabalho, e sem reclamar. Apesar do dilúvio, o clima estava quente, era uma típica noite de verão. O carro tinha ficado desligado e os vidros, fechados para manter a integridade da pelúcia gigante de Christie, começaram a embaçar. Já não conseguia mais enxergar o lado de fora. Naquele momento era somente eu (e o maldito urso Ted).

Busquei um lenço no bolso da calça e tratei de esfregá-lo contra o vidro da janela até conseguir uma boa visão do estacionamento. Vigiei para que não embaçasse novamente. A chuva tinha dado uma trégua, as pessoas circulavam felizes pelas ruas. Aquilo era estranho para mim, só conseguia realmente ficar à vontade em ambientes fechados, debaixo de um teto. Para mim, a rua era só uma passagem, um descolamento do ponto A ao B. Mas outras pessoas necessariamente não viam daquela forma, para elas, o próprio caminho já era o objetivo. Nunca entendi.

A verdade é que eu já poderia ter saído do carro e aguardar no restaurante, mas me sentia mais confortável ali dentro, sozinho (com o urso). Nem precisei esperar por tanto tempo, logo após a parada da chuva, elas chegaram. Finalmente a lua cheia (a estrela da noite) teria duas concorrentes de peso e a batalha não seria nada fácil.

Sílvia estava exuberante, sua pele morena contrastava com um tom claro de amarelo que usava. De repente, em plena 19:32 de uma terça-feira, o

brilho do sol representado pelo vestido da linda dama, que um dia já foi minha, aparecia no estacionamento do Mr. Joe. Só consegui pensar em uma coisa: *Toma essa, seu letreiro de neon idiota! O que você acha dessa luz maravilhosa brilhando bem no seu local de atuação e ofuscando a sua?* Já Christie estava portando seu sorriso, não consegui ver mais nada, nem se quisesse. A menina poderia estar usando um casaco verde de bolinhas pretas que, ainda assim, minha atenção estaria voltada para aquela fonte luminosa de beleza. Minha filha tinha o mais belo sorriso, era a coisa mais bonita que meus olhos já presenciaram. A lua não teria a menor chance (Lua, que lua?).

CAPÍTULO 4 – O MR. JOE

Aqui estou eu, dentro daquele carro com vidros embaçados, desfrutando de uma visão arrebatadora: Sílvia e Christie desfilando no estacionamento do Mr. Joe, deslumbrantes. Até o letreiro estava vermelho de vergonha por não conseguir competir com tanta beleza. O brilho era só delas. De sobressalto, dei início a minha sessão de malabarismo para sair do confinamento imposto pelo apertado veículo (era um modelo popular), tentando alcançar o paletó no banco da frente com a mão direita e abraçar aquele urso gigante, que tinha comprado para minha filha, com a esquerda.

Após travar algumas batalhas com as leis da física, principalmente a que rege que dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço (experimenta se trancar em um carro com um urso de pelúcia de tamanho avantajado, tentando não abarrotar seu terno inteiro), consegui. As duas estavam dando gargalhadas com toda aquela cena e eu, como sempre, completamente sério, soando frio pela vergonha que havia passado.

Quando Christie avistou o urso, correu em minha direção com os braços abertos. O objetivo da garota era sufocar o coitado. Mesmo sabendo que o ser era inanimado, senti pena do bicho. Após concorrer com o peludo na fila do abraço, tive a chance de sentir minha filha em meus braços mais uma vez.

–Que saudades, papai! - Declarou minha linda e doce menina.

- Eu também minha menina, eu também. - Devolvi o sorriso, ratificando que a saudade assolava meu peito e que meus pensamentos estavam com elas durante todo o tempo.

Depois de Christie, foi a vez de Sílvia. A empolgação dava lugar à cautela, me aproximei em passos premeditados, semelhante a um felino prestes a atacar sua presa. Ela me esticou a mão, foi cordial, mas o abraço não veio. A mãe não seguiu o exemplo da filha. Deixei minha mão ir de encontro à dela, nos tocamos brevemente. Pude sentir a textura de sua pele, ativando todas as partes do meu cérebro, adormecidas pela solidão.

–Como tem passado, Hélio? - Falou.

- Estou bem, Sílvia. E você? Parece cansada.

- Não é nada – ela insistia em dizer, mas era nítido o esgotamento – é que mamãe consegue ser insuportável quando quer. – Finaliza acariciando o

pescoço, como se sofresse de torcicolo.

Eu também havia escondido minha real condição, estava longe de estar bem, mas prometemos que seria um encontro leve, sem o peso das lamentações e sem espaço para o passado.

- Acredite, sei bem do que está falando. – E sabia mesmo, a velha tinha azucrinado minha paciência desde quando tirei sua única filha de sua casa. A coisa só amenizou quando Christie nasceu, mas tudo voltou em nossa separação. E a megera cobrou com juro e correção, o tempo em que havia me dado trégua.

Sílvia sorri, enquanto Christie só tem olhos para o urso gigante que acabara de ganhar. A menina rodopiava, fazendo o brinquedo voar. Devido ao peso da pelúcia, ensaiava alguns tombos, desequilibrando em mais de um momento. Minha ex-esposa começa a demonstrar então a mesma preocupação descabida (possivelmente, por herança da mãe).

- Cuidado, Christie. Não corra com esse urso, ele vai te derrubar. Não quero que suje o vestido, antes mesmo de entrarmos. – Sua face já começava a demonstrar os traços que a acompanhava nos últimos meses. A mesma que encarei por diversas vezes, a começar no dia que recebi a notícia da separação.

Com a advertência, Christie cessa o movimento e franze o cenho em revolta. Que criança aceitaria, de bom grado, interromper a brincadeira?

- Deixa a garota, Sil... – era assim que a chamava em nossos momentos felizes – me desculpe... – me recompus – ela só está brincando.

Por um breve período, não houve reação por parte de Sílvia, talvez fosse em função da surpresa ao ouvir o apelido, ou talvez ela só estivesse cansada, mesmo. Mas logo a reação veio, e da forma mais gelada possível.

- E então, vamos entrar ou não?

Aquiesci, abrindo a porta para as duas. Christie esticava seu rosto angelical (também um pouco bronzeado, tom herdado da mãe) para me olhar enquanto entrava, exibindo aquele sorriso que mais parecia a mais divina expressão de arte para mim.

O Mr. Joe era é um ambiente bastante aconchegante, contrastando com aquele letreiro de neon vermelho que queimava os olhos, de tão intenso. O interior era inspirado naquelas lanchonetes americanas que servem *fast-foods*, destas de filmes que usavam a *rota 66* como cenário. A iluminação era adequada, além das mesas encostadas nos janelões, tinha as que ficavam no fundo do restaurante com divisórias, formando uma espécie de cabine entre

elas. Eram as minhas preferidas, sempre ficamos lá. Daquela vez, não seria diferente. Sentamos e logo recebemos a atenção de Isa, garçomete que nos atendia desde sempre.

- Boa noite, que novidade boa, vocês por aqui esta noite. Mas onde está aquela menina traquina que acompanhava vocês e sempre pedia aquele copão de milk shake de chocolate? – Isa coloca a mão na cintura enquanto fala, nos encarado com cara de riso, ignorando deliberadamente a presença de Christie.

Era tudo o que minha queria para se manifestar.

-Estou aqui, Isa! – A menina praticamente se debruça sobre a mesa com as mãos esticadas, como se tentasse se salvar de um naufrágio.

- Mas não pode ser, *you* é a Christie? – A garçomete continua com a brincadeira.

- Hum rum. – Minha filha assente.

- E o que você fez com aquela garotinha que sempre entrava nos braços do papai?

A menina somente sorriu, enquanto eu a observava, praticamente molhando a mesa do Mr. Joe de tanta baba. Isa prosseguiu.

- E quem é este? É seu amigo? – A mão que se segura a caneta agora está apontando para o urso, que me fazia companhia na cadeira, enquanto a garota e sua mãe pegaram o outro assento, dispostas a minha frente. Em outros tempos, era Sílvia quem me fazia companhia, agora era este urso maldito.

- Este é o presente que papai me deu. Ele se chama Stephen. Igual ao homem do livro do papai.

Fiquei surpreso com a lembrança de Christie, não sabia que uma garota daquela idade prestava atenção neste tipo de detalhe. Mas, em se tratando de minha filha, não deve ser a única coisa que desconheça.

- E ele está com fome. – Aproveitei para encerrar o assunto, todas riram.

- Certo, vão querer o de sempre? – Agora Isa está a postos, prestes a colocar o pedido no papel. Nem olhava mais ao redor. Sua atenção estava voltada inteiramente ao pedaço de papel preso em um bloco de notas.

- Hum... não. Hoje vamos verificar as opções no cardápio. – Pontuei.

- Está bem. - Disse Isa, distribuindo os menus aos lugares preenchidos, menos para Stephen (se ferrou, urso sem-graça). – Me chamem quando decidirem.

Na verdade, todas as vezes que íamos ao Mr. Joe, eu tentava mudar minha escolha de prato. Mas o fato é que sempre recuava, era arriscado demais abandonar a *T-Bone and Fries*. Imagina se eu faço uma escolha

errada, quando teria a chance de experimentar aquele pedaço suculento de carne que só o velho Joe (que na verdade se chamava Joelson) sabe fazer?

- O que vocês acham? Vamos inovar desta vez? – Provoquei.

Mas as garotas sabiam exatamente o que pedir, ao que me parece já sabiam desde antes da chegada. A resposta foi dada em coro, um sonoro e claro: Não! Depois riram, ambas abafando a risada com uma das mãos. A pequena parecia mais uma cópia da maior. Todas formidáveis. Como não iria me apaixonar pela cena? *Impossível*, pensei.

Já estava mais que inclinado a não mudar àquela altura. E apenas consumiei o fato, acionando a garçonete.

- Pois não, já estão prontos para fazer o pedido? – Argui Isa.

- Advinha? – Provoquei.

- O de sempre! – Isa aponta a caneta para testa, como se fosse um esforço grande adivinhar a preferência da mesa.

Nós três assentimos com a cabeça, ou melhor, os quatro. O urso (com minha ajuda) também balançou o focinho.

- Vamos recapitular... – diz a atendente, erguendo novamente o bloco de notas à altura do rosto – um T-Bone and Fries para o senhor da minha esquerda, uma *Caesar salad* para a senhora à direita e um *Cheeseburger* com *Milk Shake* de Chocolate para a mocinha aqui. – Ela encerra alisando as madeixas de Christie.

- Duplo! – Grita a jovem dama.

Dei de ombros e ratifiquei a informação.

- Duplo, a menina está em fase de crescimento. – Enfatizei.

Isa sorriu e registrou o pedido, partindo em direção à cozinha.

Conforme Isa se afastava de nossa mesa, já com o pedido registrado, o silêncio se instaurava. De um lado, Sílvia e Christie e, de outro, o urso Ted, ou melhor, Stephen e eu. Silêncio que só foi quebrado por Sílvia.

- Então, o que nos traz a esse lugar cheio de lembranças boas? - Fez questão de pontuar a moça que já foi um dia a minha senhora.

Pensei em começar com toda aquela ladainha, implorando para que elas voltassem. Mas não queria estragar aquele momento.

- Ora essa, e preciso de motivos para vê-las? Não podemos desfrutar da companhia um do outro sem que seja algo complicado, apenas como amigos?

Talvez, Sílvia não tivesse esperando este tipo de resposta, a contar por sua reação. Acho que já tinha desenvolvido toda a conversa mentalmente (no intuito de se proteger) durante o trajeto da casa de sua mãe até o restaurante e

eu, mudando o discurso, faltei ao ensaio. Aquilo serviu para quebrar o clima pesado, característico dos encontros anteriores. Ela parecia mais leve, conversamos e rimos das situações que passamos em nossa antiga casa, onde eu ainda residia (sozinho). Para as meninas, o novo endereço era a toca da cascavel, mais conhecida como minha doce e adorável sogra.

Porém, a vida não é só festa e eu não poderia esquecer do real motivo do encontro. Mas como poderia prepará-las para algo que nem eu tinha certeza que aconteceria? Isso, sem ativar o botão de pânico de Sílvia (que vinha equipado com um sensor de alta tecnologia, dessas que Bruce adorava falar)? Era fácil enganar Christie, afinal ela era somente uma criança, mas Sílvia? Impossível! A mulher parecia ter recebido treinamento da CIA. Eu teria que conduzir a história de um modo em que ela não percebesse nenhum tipo de ameaça iminente. Não seria uma missão fácil. Então me arrisquei, entrei na água fria, e de cabeça.

- Sílvia, você não achou estranha minha ausência nestes últimos dias? – Retomei o contato, após um breve silêncio constrangedor, exceto para minha filha, que agora brincava com alguns canudos na mesa, sem perceber a delicadeza do momento.

- Sim, Hélio, achei, mas...- Sílvia parecia intrigada com a pergunta, certamente já desconfiava do rumo da prosa – presumi que era por conta do trabalho, você mesmo disse que era época de auditoria na fábrica. E me lembro das incontáveis vezes em que você não voltava a tempo para o jantar.

Permaneci em silêncio, tinha ciência de que estava andando em terreno minado. Um passo em falso e já era. Tudo explodiria. Ela continuou. *Talvez tivesse sido melhor ter ficado calado*, pensei.

– Mas, qual o motivo da pergunta? Este encontro não seria informal? Ou você está me escondendo algo? - Indagou a *aspirante a detetive do FBI*.

Sem deixar que a investigação tomasse corpo e a moça desse início ao protocolo TEORIAS ABSURDAS DA CONSPIRAÇÃO que só minha antiga esposa (e todas as outras mulheres) dominava tão bem, tratei de interrompê-la.

- Não, nada em especial. Apenas me certificando de que ainda faço falta neste mundo. Sabe, Sil... – estava prestes a cair na armadilha do hábito novamente – via, – consertei a tempo – às vezes, acho que não mudaria nada se seu partisse. Tudo permaneceria exatamente como está. E é uma sensação horrível. – Aquilo saiu de forma inesperada, não era basicamente o rumo que estava planejando, foi surpresa até para mim. Sílvia arregalou os olhos e logo

tratou de remendar o furo.

- Não seja tolo, Hélio. Você agora tem uma filha – sua cabeça inclinou para o lado onde Christie brincava – e tem a mim também. – Suas bochechas coraram.

Ouvir aquilo me fez ganhar o dia, ou melhor, o resto da noite. Por um breve momento, esqueci de tudo de ruim que havia me acontecido, e se intensificado nos últimos dias. Naquele momento, naquela pequena janela de tempo, eu experimentava o gosto da felicidade. Mas a janela seria mais breve do que gostaria e logo seria fechada, sobrando aos meus lábios provar o gosto frio da vidraça.

- Bem – Sílvia diz de forma constrangida – de certa forma... ainda somos amigos, não somos?

- Sim, sim. Claro. Somos amigos, acima de tudo. – Meu rosto parecia feliz, mas meu peito estava devastado. A chama que se acendeu (de repente) na sentença anterior foi apagada com a mesma intensidade por este novo conjunto de palavras. Aquilo ecoou fortemente me minha cabeça: *somos amigos...*

Pulei então para a próxima etapa, pois precisava descobrir se tinha percebido algum tipo de movimentação estranha aos redores da casa de sua mãe. Queria ter certeza que elas estavam em segurança lá.

- Sílvia, por acaso... – comecei a fazer umas caretas enquanto falava, tentando disfarçar minha preocupação, possivelmente ela já sabia que estava escondendo algo – não notou nenhum movimento estranho na rua ou próximo à casa de sua mãe, notou?

A moça hesitou, agora estava praticamente deflagrada a força-tarefa para investigar o que tanto tentava esconder. A resposta não veio de imediato, mas chegou.

- Não! – Nenhuma outra palavra foi emitida depois disso. Pronto, a desconfiança havia sido plantada com sucesso em sua cabeça. Era tudo o que eu não queria.

O clima, que era leve, acabou ficando tenso, como de costume. Parecia reprise dos encontros anteriores. As palavras circulavam em minha mente, mas minha boca não conseguia pescar nenhuma, não havia emissão de som naquela mesa, exceto por Christie, que insistia em fazer com que Stephen respondesse a seus estímulos.

A comida veio (para minha salvação), mas o som não. Nos servimos e passamos a refeição inteira trocando olhares basicamente. Mas nenhuma

palavra foi emitida durante o processo.

Depois foi a vez da garçonete, os pratos foram recolhidos totalmente vazios, como deveria ser (o gosto era bom demais para ser desperdiçado), silêncio total permanecia. Só Sílvia parecia não ter aprovado sua salada, perdera o apetite após nosso bate-papo, talvez. Era a vez da sobremesa, a parte preferida de minha amada filha.

- Houve algum problema com a salada, Sílvia? – Questionou Isa – O prato voltou praticamente intacto.

- Não, estava deliciosa. – Sílvia tentou forçar um sorriso, mas nada saiu. – Eu é que não estou muito bem.

- Ok, vocês querem pedir a sobremesa agora?

- Eba! - Christie faz questão de enfatizar sua alegria pelo momento.

- Sim, por favor. – Assenti, mas sem o mesmo entusiasmo de minha filha. A cara fechada de Sílvia acabou me desmotivando também, principalmente por saber que foi minha a contribuição para o semblante.

- Pai, podemos pedir aquela torta? – Na verdade, o desejo de Christie era a famosa *cheesecake* de cereja, um dos pratos mais famosos do Mr. Joe. Também era o doce preferido de Sílvia.

- Claro, meu amor. Por favor, uma *cheesecake* de cereja. – Voltei minha atenção para a moça de avental, estagnada ao nosso lado, segurando a pesada bandeja com os pratos recolhidos.

- É para já. Uma *cheesecake* de cereja saindo.

Apostei todas as minhas fichas naquele pedaço de torta, se isso não a fizesse falar, eu entregaria os pontos. O clima continuava estranho na mesa (para os adultos), se alguém questionasse à Christie como estava indo a noite, certamente elogiaria. Se ao menos, pudéssemos ver o mundo pelos olhos de uma criança, como diria o poeta. Mas como julgá-las por sua inocência? Ou seria o inverso? Não seríamos nós (os adultos) que estragávamos momentos como aqueles com nossas bobagens? Quem estaria com a razão?

A felicidade de minha filha só aumentou no exato momento em que aquela circunferência cremosa, exibindo um tom vermelho escarlate, aterrissou em nossa mesa. Dava para sentir a alegria da garota, seus olhos brilhavam e a boca, já aberta em função da surpresa, mal podia esperar por um pedaço daquela obra-prima gastronômica do Mr Joe (...elson).

- Aproveitem! – Sugeriu Isa, espalhando também os pratos na mesa.

- Pai, pai. Pode me servir? – Disse a menina, praticamente avançando na torta.

- Claro, meu amor. Está bom assim? – Utilizei a faca de bolo para delimitar o tamanho da fatia, limitei a espessura deliberadamente, já sabia que ouviria protestos.

- Ah, não! Maior, bem maior.

Sorri e avancei um pouco mais no corte, Christie somente aguardou o pouso da fatia em seu prato para atacar. Meus braços conseguiram escapar da mordida, mas foi por pouco (ufa!).

Então era chegado o momento crucial, minha atenção se voltava para o prato disposto à frente, no outro lado da mesa, que ainda estava vazio.

- Posso te servir, Sílvia?

- Não, Obrigada. Perdi o apetite. - Sem sucesso. Estava irredutível. Nada mais adiantaria.

O jantar acabou, e com ele minha tentativa de reconstruir a ponte até o coração de minha ex-esposa (já havia conquistado o de Christie, um urso gigante de pelúcia e duas taças de milk-shakes de chocolate com calda dupla era um golpe muito baixo e... efetivo). Me despedi da garota com um abraço apertado, que ficou marcado por um par de dias na parte de trás do meu pescoço. Com sua mãe, apenas um aperto de mão cordial (como o do início da nossa noite, no estacionamento).

Porém, tomado por um impulso incontrolável, resolvi acabar com todo aquele afastamento que pairava entre nós e lhe apliquei um abraço apertado, que me possibilitou sentir seu cheiro uma vez mais. Aquela era a melhor fragrância do mundo, e não estou falando de nenhum perfume industrializado, tratava-se da essência de pele. Era algo inebriante.

Sílvia me afastou de imediato, pois se dependesse de minha vontade, não a largaria nunca mais.

– O que você está fazendo, Hélio? Ficou maluco? -Esbravejou.

Pensei em explicar, mas ainda estava sob o efeito daquela droga (do amor) maravilhosa. Quando finalmente recuperei os sentidos, depois de alguns segundos vacilantes, apenas desculpas esfarrapadas saíram de minha boca. Mas o que importa é que o contato já tivera sido feito e isto ninguém poderia tirar de mim. *Ouviram isso, seus desgraçados? Ninguém*, pensei.

- O que foi, Sílvia? Não posso mais te abraçar? Por acaso, tenho alguma doença contagiosa? – Exclamei, examinando meus braços. Neste meio tempo, algo poderia ter surgido em minha pele, algum vírus, mas não havia nada. Estava saudável, ao menos fisicamente.

- Não, Hélio, não é isso. É só que...

- Só que o quê? Não posso te abraçar mais? Ora! Deixe de besteira, Sílvia. Eu posso apostar que ainda há algo aí dentro que sente saudades, não tem? – A promessa de não falar no passado feita no início da noite tinha acabado de ser quebrada.

Ao ver a reaproximação dos pais, pelo menos por um breve momento, Christie coloca a mão boca, trancando um riso baixo que surgiu de forma espontânea, como se acabasse de presenciar algo proibido para sua idade. O mesmo ocorreu com Stephen, o brinquedo teve a *visão* encoberta pela garota, uma cena bastante peculiar em meio ao estacionamento.

- Não tenho palavras para isso. – Rebate Sílvia, mas com um tom bem mais ameno. A rispidez fora embora.

- Tudo bem. – Assenti, já me encaminhando para o carro, após abraçar minha filha mais uma vez.

Ao me ver afastar, como em um daqueles momentos em que se sente algo estranho, que arrepia todos os pelos do corpo (dava para ver pelo seu braço), ela deixa escapar algo, desta vez, inesperado até para mim.

- Hélio, espere! – Teve que gritar um pouco, mas eu não iria embora daquele ambiente, não antes de vê-las embarcando no táxi, que já aguardava com o motor ligado.

- Sim. – Uma simples resposta monossilábica.

- Vamos com calma, ok? Não quero prometer nada. Mas vou pensar no assunto, está bem? – Ele diz com uma face totalmente enrugada, demonstrando que a cabeça estava em parafuso naquele momento.

- Está bem, Sílvia. Boa noite. – Eu consenti, sendo comedido. Mas por dentro estava soltando fogos.

- Boa noite, Hélio.

- Boa noite, Pai. Te amo.

- Também te amo, minha estrela.

Assim concluiu-se aquela noite no Mr. Joe. O avanço tinha sido pequeno, mas finalmente estávamos caminhando, escapado das garras da inércia. Eu sabia que ainda existia uma distância enorme para reconciliação, porém, ao menos, houve algum sinal de vida. Sílvia ainda tinha coração (e estava batendo).

O caminho da volta foi prazeroso, a música estava no último volume, tocada por um rádio FM antigo. Mas o som era de qualidade e isso que importava para mim. A letra insistia em repetir uma mensagem: “*há um longo caminho até o topo, se você quer rock and roll*” (algo deste tipo). Era

tudo o que eu queria: abalar tudo naquele momento. Chega de mesmice, de marasmo. O tempo de boas novas chegou, finalmente.

CAPÍTULO 5 - FIM DE JOGO

Seria difícil dormir naquela noite. Mas não pelos motivos anteriores, desta vez era empolgação, felicidade. O resto da semana passou voando, com direito a telefonema para minhas garotas no domingo, bom demais para ser verdade. Minha vida seguia normalmente, parecia que nada tinha acontecido, desde meu último encontro com Gringo, apelido de infância do meu melhor amigo, devido aos tons claros de seu cabelo. Talvez tenha sido um mal-entendido. Bruce se preocupou à toa.

Para manter as aparências, continuei fazendo minha aposta, era quarta-feira. Quem sabe eu não podia fazer companhia à família de Bruce e levaria Christie e sua mãe para conhecer o Pateta, que ela tanto gostava?

Fui até a lotérica, desta vez com o cartão já preenchido, não havia filas. Entrei e saí em menos de cinco minutos. Tudo perfeito, exceto por uma coisa: Maggie não estava lá. Caminhei na direção de casa, mas antes de completar meu percurso, fui surpreendido pelo diálogo mais estranho da minha vida.

- Hélio, por que a pressa? Você não pode parar nem para falar comigo? – Diz a moça misteriosa.

- Maggie? É você? – Franzi o cenho, apertando as vistas para aumentar o foco. Estava escuro e não conseguia identificar o rosto.

- Sim, eu mesmo. - Parecia afobada, preocupada com alguma coisa, mas tentava disfarçar. Só que esqueceu de combinar com sua respiração, estava ofegante. Sustentava um sorriso nervoso nos lábios, o canto da boca tremia borrado com um tom vermelho do batom.

- Não sabia que estava de folga hoje. Acabei de vir de fazer minha aposta. – Retruquei.

O lábio superior tremia ainda mais, mas Maggie pareceu ignorar e caminhou em minha direção.

- Estive te observando todo este tempo e nunca te vi com ninguém. – Ela envolve os braços em meu pescoço, algo totalmente inesperado. - Você mora sozinho? – A distância começa a diminuir gradativamente. - Sou sua caixa preferida, não sou?

Fiquei sem reação naquele momento, não tinha cabeça para pensar em flertes, muito menos da parte de Maggie, que não teve muita paciência para

ouvir a resposta.

- O que um tipo como você faz sozinho? Todo homem do seu estilo precisa ser bem cuidado, Hélio... por uma mulher, Sabe? – Insistiu.

Aquilo já tinha passado de todos os limites. Tive que reagir com firmeza para que ela entendesse de que não haveria menor chance de esquecer Sílvia. Coloquei minhas mãos em seus ombros de modo a afastá-la. Ela entendeu o gesto, mas, por algum motivo, se aproximou ainda mais, porém, desta vez sua face tinha mudado. Parecia com a Maggie de sempre.

- Cuidado! Eles estão aqui. É melhor contar de 01 até 06. – Sussurrou em meu ouvido e evadiu sem aguardar réplica.

Na hora, mantive o semblante, pois poderia ter mais alguém no local, nos espionando. Mas fui o mais rápido possível para casa, estava disposto a fugir. Liguei a televisão, como fazia todas as vezes ao chegar e corri para o quarto. Por via das dúvidas (e também um pouco de superstição), pensei que seria mais prudente guardar o bilhete em um local seguro, seria somente enquanto terminaria de empilhar algumas roupas em uma bolsa. Caso não fosse interrompido por nenhuma visita indesejada, buscaria o cartão e partiria ao encontro de minha Christie. Ainda não havia pensado no que fazer, mas pensaria em algo no caminho até a casa de minha sogra.

De repente, ouço a chamada do programa em que eles divulgavam o resultado da loteria. É engraçado como nosso cérebro trabalha, mesmo executando uma outra rotina, ele está captando o que ocorre no ambiente de forma secundária, como aqueles aparelhos que funcionam em *stand-by*.

No programa, dizia que o prêmio, que estava acumulado, tinha acabado de sair para um felizardo e as dezenas eram: “01-05-13-23-31-49”. Neste momento, minhas mãos começaram a chacoalhar sem que eu pudesse evitar. Meu corpo todo adormeceu e minha vista tinha ido por alguns segundos. Não podia ser! Finalmente, o dia que eu tanto aguardei, havia chegado.

Obrigado todas as forças do universo e espíritos de luz que olharam por mim. Eu ganhei! Agradei.

Agora podia ter minha vida de volta. Abençoado seja o sistema aleatório de combinação de seis dezenas em um universo de sessenta (na verdade, nem tão aleatório assim). Minha sequência havia chegado no topo da fila. Só conseguia pensar naqueles que diziam que era impossível. *Não para mim...nem para Bruce*, pensei.

Minha primeira reação foi pegar o telefone e ligar para minha menina. O telefone chamou por alguns segundos, parecia não haver ninguém em casa,

mas enfim o tom da chamada foi interrompido. Era minha filha, com a voz mais doce que este mundo já teve o prazer de escutar.

-Pai? É você? Que saudades!

- Oi, meu amor, como você está? – Respondi.

- A mamãe quer que eu coma beterraba e eu odeio! – Agora ela ensaiava uma espécie de choro ao telefone.

Minhas lágrimas corriam sem parar, eu não conseguia falar. Até que Sílvia assumiu o controle da ligação.

-Christie, eu sigo daqui. Vá terminar de comer, por favor. – O som saiu abafado, provavelmente Sílvia obstruiu a captação do aparelho com as mãos. O recado não estava endereçado a mim, do outro lado da linha, era para a rebelde mirim.

Quando a proteção foi retirada e consegui escutar o som do outro lado de forma clara, antes que Sílvia tivesse a chance de falar algo, iniciei um processo de disparo contínuo de palavras (e eu estava com munição vocabular suficiente).

- Sílvia, eu consegui! Eu ganhei! Agora nossos problemas acabaram, nossa vida será muito melhor daqui para frente! Esta é nossa chance para fazer tudo diferente. Eu mudei, percebi o quanto vocês são importantes para mim, por favor, vamos recomeçar!

O silêncio pairou durante alguns segundos, tive que me certificar de que não fui deixado falando sozinho.

- Sílvia, ainda está aí?

A voz firme apareceu novamente, mas dessa vez ela tremulava. De alguma forma, minha revelação tinha desmontado a armadura que minha amada vestira após todas as nossas desavenças.

- Como assim, Hélio? Ganhou o quê? Do que você está falando? Você enlouqueceu?

-Eu estou indo para aí, vou te explicar tudo com calma, até logo! Eu te amo! Amo vocês duas! – Declarei, encerrando a chamada.

Durante todo o meu momento eufórico, o mesmo cérebro que estava atento para o que ocorria no ambiente, desarmou. De alguma maneira, o foco estava voltado para desempenhar os diálogos durante o telefonema e encharcar o meu coração de sangue, devido ao aumento dos batimentos cardíacos. O organismo é uma máquina fascinante, consegue ser até mais pragmático do que eu (isso tudo só consegui pensar depois).

Após a ligação, na mesa onde ficava o telefone, estava o relógio que

Bruce havia me presenteado. Fiquei olhando para ele por um tempo, pensando o quão amigo ele tinha sido para mim durante todo este tempo. Estava decidido a recompensá-lo. *Mas o que comprar para o homem que tem tudo?* Pensei.

Antes até de pensar nas alternativas, um barulho. Um disparo (primeiro sentido, audição). Em seguida vejo respingos de sangue caídos no relógio (segundo sentido, visão). Percebo um formigamento, uma ardência insuportável na nuca (terceiro sentido, Dor!) Ato contínuo, tudo começa a ficar lento, calmo, quieto.

A mente, em contradição, começa a acelerar e despejar uma carga de adrenalina em meu corpo, na esperança de aquilo me fazer reagir (caso perdido). Uma sequência de imagens da minha vida começa a ser reproduzida diante de mim. Como se eu fosse o convidado *VIP* para uma mostra de cinema. Mas desta vez, o filme era sobre mim (logo eu, que nunca tinha sido convidado de honra em lugar nenhum). Vejo as etapas do crescimento de Christie como se fosse em velocidade avançada. Tudo é muito rápido. Até chegar na fatídica parte (o *gran finale*), meu corpo estirado no chão do quarto, tentando juntar as partes para descobrir como tudo tinha conspirado para que eu terminasse ali.

Nesta hora, eu percebi que era o fim. Na verdade, eu já sabia antes, só não queria aceitar. Provavelmente, a ligação de Bruce não tinha surtido efeito e eles vieram atrás de mim. Era isso do que Maggie queria me alertar. Com toda a minha euforia de ter conquistado o prêmio, não percebi a movimentação em torno da casa e, possivelmente, a invasão do meu carrasco em meu quarto. Foi um tiro só, o suficiente para inutilizar todo o meu corpo.

Mas eu não poderia ir embora daquele jeito, as minhas meninas precisavam daquele prêmio. Comecei a pensar (orgulhoso) em como a força do hábito me valeu naquele momento, justamente no momento em que mais precisava. *O esforço para manter o padrão há de ser recompensado*, refletia. Em todos os momentos em que a rotina consumia minhas forças, eu focava neste pensamento. E valeu a pena. O fato de ter ligado o televisor (como todas as vezes) e seguido direto até o quarto de minha filha para guardar o bilhete (como todas as vezes) me permitiu ainda estar no jogo, mesmo estirado no chão. Sem a possibilidade de pesar todas as alternativas sobre o recente ocorrido, só desejava que quem quer que fosse o malfeitor que decretou meu fim (ao menos nesta encarnação), não descobrisse o paradeiro do bilhete. *O passaporte para felicidade* já tinha dona: minha doce e pequena

Christie. Bastando que fornecesse a pista correta para sua localização, uma espécie de mapa do tesouro. Esperei somente me recuperar da sessão de devaneios, que apareciam em intervalos menores à medida em que o tempo passava. Nestes episódios, na maioria deles, me via brincando com Christie, ainda bebê.

Aos poucos, quando o sopro de realidade foi tomando conta de minha mente, vi meu sangue escoando pelo chão. Por algum motivo, eu não tive morte instantânea, apenas uma ardência insuportável nas costas, por entre os ombros, o tiro deve ter atravessado minhas costas e parado em meu coração (ou algo assim). Tentei me levantar para alcançar um caderno de anotações que sempre ficava ao lado do telefone, mas não obtive êxito. Uma verdadeira ironia da vida, algo que quase nunca tinha valor, que passava despercebido todas as vezes em que eu fazia uso do móvel (o protagonista ali não era ele), desta vez poderia mudar o que resta do meu destino. Bati o pé na base da mesinha onde fica o caderno e, como parte dele já estava para fora do móvel, caiu. Como em um último ato de piedade da física em minha homenagem. Gravidade... dizem que Sir Isaac Newton a descobriu após sentir uma maçã cair sobre sua cabeça (deve ter doído). Pois a dor que estava sentindo também me fez pensar no assunto (somos dois, Sir).

Percebi que o ato misericordioso tinha sido apenas para o papel, a caneta resistiu ao impacto, teimando em permanecer fora do meu alcance (obrigado por nada, Newton). Sem ferramenta para colocar a mensagem no papel, tive que improvisar. Mas tudo o que me restava era sangue (e de meu próprio corpo). Aquela, sim, consistia em uma matéria em abundância, distribuída de forma inadequada no linóleo do quarto.

Neste momento, meus membros inferiores já estavam dormentes e os superiores estavam prontos para acompanhar seus irmãos de baixo. Minha vista já começava a falhar, os feixes de luz apareciam e desapareciam em velocidade cada vez maior, a dor não me deixava raciocinar. Era muito forte, eu tinha que ser rápido. Meus pensamentos e delírios começavam a se unir, ficando cada vez mais difícil distinguir o real da fantasia. Não havia mais tempo.

Tudo o que consegui, foi escrever uma mínima palavra em letra cursiva, famosa pelo garrancho que era. “Suíço” era o objetivo da mensagem, mas a última letra saiu em uma tentativa desesperada de concluí-la, parecia tudo, menos um “a”. Só conseguia rezar para que elas entendessem do que estava falando. Seria trágico, se tanto esforço tivesse sido em vão. Mais trágico

ainda seria se alguém interceptasse a mensagem, eu teria que impedir algo assim de acontecer, arrumar uma saída para manter mais um segredo comigo (o último).

Porém, a variável *tempo* era algo incontrollável em minha equação. A solução teria que ser rápida e não demandar muito esforço, pois minhas forças já estavam se esvaindo. *Enquanto minha mente estiver funcionando, meu corpo não se entregará*, pensava.

Minha mente é acometida por um derradeiro pensamento: a forma de como minhas meninas receberiam a notícia do meu fim. Havia uma parcela no mundo que festejaria minha partida, outra (incalculavelmente maior) que sequer notaria, mas elas, não, elas acusariam o golpe. Principalmente a pequena Christie, o sorriso mais lindo que o mundo teve o prazer de abrigar. *Adeus, meus tesouros*, refleti.

Demonstrando toda a crueldade do mundo real, o pensamento feliz evoluiu para a constatação de que não havia nada na vida que precisasse mais naquele momento do que a companhia de minha família, elas são meu verdadeiro tesouro. A todo o tempo em que estive distraído em busca do maldito prêmio (o responsável por me colocar nesta situação degradante), a verdadeira riqueza estava lá, ao alcance de minhas mãos. E eu deixei escapar. E o pior, sequer tive a decência de perceber isto, nem reparar o erro. Mas agora já não adiantava mais. As lamentações ficaram no passado, assim como minha passagem no mundo terreno.

O fim chegou, sem negociações. A figura celeste que controla o universo havia chamado a minha senha (e estava com pressa). Em um último ato, rasgo a folhinha do caderno e a escondo na mão esquerda, tinha lido em algum lugar que os músculos se contraem quando o indivíduo morre. Só dava tempo de torcer para ser verdade, nada mais. *The game is over*. Fecham-se as cortinas do espetáculo, o artista precisa partir.

Até mais!

CAPÍTULO 6 – VIRANDO MANCHETE

Antes de entrar naquela coisa imensa verde, que meu tio adorava chamar de casa, tentei olhar para cima, com o objetivo de achar o teto, mas falhei miseravelmente devido ao sol que fazia naquela manhã. Bati na porta de madeira escura, que certamente tinha pertencido a uma árvore centenária, de tão grande que era. Fui atendido por uma senhorinha simpática, de rosto conhecido. Sem chances de lembrar seu nome, mas eu era bom com fisionomias. Se eu olhasse para um rosto por cinco segundos, pronto: A face estava arquivada com sucesso em alguma gaveta no meu cérebro.

– O que deseja, jovem rapaz? - Questionou a Sra.

- Bom dia, Senhora. Estou à procura de Zeca Martins, esta é a casa dele, certo?

- Ah, sim. O seu Zeca mora aqui, sim. Mas quem deseja falar com ele? – Agora seu rosto repleto de rugas franze ainda mais, demonstrando a inquietação pela dúvida. Ao atender a porta, apenas sua cabeça e parte de seu dorso foram colocados para fora e, com a suspeita de se tratar de alguém conhecido, o restante do corpo acompanhou o movimento, deixando aparecer o velho avental sobre um vestido ainda mais puído.

- Desculpe, esqueci de me apresentar, – ao constatar a falha, bati com a mão na testa de forma totalmente involuntária – me chamo Jonah Martins, sou sobrinho dele.

- Ah! – A face já não está mais tão franzida. – Você é o filho da Dona Dita? Que veio de Redmond, não é?

Aquiesci, já demonstrando desconforto por estar torrando embaixo do sol escaldante. A senhora, ao perceber as gotas de suor sendo formadas na parte frontal de minha cabeça, tomada por um ato de misericórdia e fé cristã, me oferece abrigo.

- Vamos, Jonah. O sol está terrivelmente quente nesta manhã, vamos entrando. Eu vou chamar Dr. Zeca.

Respirei aliviado após o convite, aceitando-o prontamente. Suspeito que a velha ainda estivesse falando, quando ignorei sua figura e invadi o corredor

em busca de abrigo, longe daqueles raios ultravioletas queimadores de juízo.

- Seu Zeca deve estar concluindo o café-da-manhã. – Foi me relatando, enquanto percorríamos o caminho até chegar à cozinha, a distância entre os cômodos me surpreendeu. O imóvel em nada parecia as apertadas caixas de sapato, erroneamente batizadas de apartamentos, vendidas aos montes na capital.

Com uma careca lustrosa, de dar inveja a qualquer bola de bilhar, surgia a figura de meu Tio Zeca, sentado, desfrutando de um pedaço de papel, enquanto terminava sua xícara de café. Não era a primeira (nem seria a última vez) que minha era agraciada com aquela bola de bilhar humana, nos encontramos no sepultamento de minha mãe – no caso, a irmã de Zeca – e foi lá, em meios a tantos pensamentos vazios que ocupavam minha cabeça que decidi realizar esta abordagem a meu tio. Não fosse minha recente distração, o teria feito bem antes. Mas acredito que o atraso veio a calhar. Acabou sendo a janela de tempo ideal para um encontro de negócios.

- Dr. Zeca, – a senhora de avental levantou a voz – visita para o senhor. Seu sobrinho, Jonah, da capital.

Meu tio estava realmente concentrado com a notícia que estava lendo, mas a surpresa da minha visita acabou sendo uma concorrente de peso. Assim que tomou conhecimento de minha presença, levantou os olhos para atestar se a velha – que trabalhava de governanta em sua casa há tanto tempo que nem ele próprio sabia precisar quanto – ainda gozava de suas faculdades mentais e não tinha confundido meu nome com o de outro morador de Santa Madre. Visualizando minha cara feia, imediatamente pulou da cadeira e abriu os braços, juntamente com o sorriso.

- Jonah, meu sobrinho! Que coisa maravilhosa receber sua visita aqui em casa tão cedo. Me diga, rapaz, como está passando? – Fiz menção de responder, mas não foi me dada a chance. – Olha, meu sobrinho, sei que não é um momento fácil, mas você precisa ser forte, por mais que eu saiba como é a dor que está sentindo, vai passar, meu filho, vai passar. – Quando terminou o discurso, já estava atracado em meu pescoço, apertando meu corpo contra o dele, a cada fim de frase, um novo aperto.

- Eu sei, tio. Vai passar. – Isso foi tudo o que consegui falar, após retomar o fôlego, esperava que a dor nas costas em função dos apertões também passasse.

- Obrigado, Júlia. – Ele acenou para a governanta nos deixar a sós – Venha, Jonah. Tome café comigo. Sua tia já saiu, foi levar as meninas no

colégio e, se depender da vontade dela, só volta perto da hora do almoço. Nunca vi mulher igual para gostar de bater perna na rua.

Sorri de forma constrangida, o comentário sobre a vida particular do casal, ainda mais sendo meus parentes, pouco me interessava. Tive que ser educado, afinal estava prestes a fazer uma proposta ao irmão de minha falecida mãe. Sentando à mesa, percebi que o jornal que ocupava a leitura de meu tio era o *Diário do Povo*, por sinal, onde meu patrão era o editor-chefe e eu, um reles repórter de uma tira (quicá meia página).

– Já faz tempo que não sai nenhuma matéria sua, Jonah.- Bradou o velho careca, já se ocupando com a refeição, primeiro a fruta, depois o banquete, a mesa estava farta. Eu preferi aguardar um pouco mais, antes de atacar. Mas meu estômago parecia insistir em desobedecer. Até que meu tio, com a boca ocupada, balança levemente a cabeça como se insistisse para que comesse, não poderia eu fazer uma desfeita daquelas, certo?

- É, tio...- cocei a cabeça, um pouco constrangido – é que, com toda esta confusão nos últimos dias, eles me concederam uma licença. Mas devo voltar já semana que vem, com todo o gás. – Emiti um sorriso amarelo, foi impossível disfarçar minha frustração.

– Muito Bem, meu filho. O trabalho é o alimento da alma do homem, cabeça vazia é a morte da mão trabalhadora. – Pontuou, intervalando a fala com alguns bebericos na xícara de café.

Meu tio nunca tinha conhecido outra realidade, nenhum dos filhos de Seu Lico quis se aventurar em Redmond ou em outra cidade, além de Santa Madre. O único exemplo de vida que o garoto José Geraldo, conhecido na cidade como Zeca do Lico, teve a chance de acompanhar foi o do meu avô. Não havia outro propósito para viver, senão trabalhar e sustentar sua família. Pode ser um conceito antigo, ainda assim não discordo, nem recrimino.

- A gente quase nunca vê uma notícia de Santa Madre nesse jornal, meu filho. Você bem que poderia publicar uma matéria sobre a cidade onde seus pais se conheceram e viveram, onde sua família criou raiz, não acha?

- Acho, tio, mas é complicado... – A sessão de constrangimento se alongava mais do que esperava.

- Essa gente da Capital está ocupada demais com suas vidas para prestar atenção no povo do Interior. – O protesto assim encerrava.

- Quem sabe um dia, tio. Quem sabe? – Não havia pensado antes de falar, de soltar aquela questão, mas me pareceu uma das declarações mais felizes que fiz naquela semana. Era realmente uma incógnita, o futuro sempre estará

longe do nosso alcance.

Mas estava ansioso para adentrar no assunto que me fizera bater à porta do casarão verde. E não demorei para abordá-lo, depois de alguns momentos de hesitação, enveredei pela seara que, se tudo corresse como esperado, resultaria na venda do único bem deixado por minha genitora. Estaria, enfim, livre para voltar à Redmond e seguir minha vida. Esquecendo, inclusive, a história do apostador misterioso.

- Ouça, tio. Santa Madre não é mais meu lugar, não me sinto tão à vontade por aqui, quanto na época em que era criança. Além do mais, tenho meu emprego e o meu lugar na Capital.

- Entendo, filho. Mas posso saber o motivo deste assunto logo agora? Você não veio somente me fazer uma visita de cortesia, não foi? – Tio Zeca era um homem vivido, desconfio que já sabia o motivo de minha repentina aparição, antes mesmo de sentarmos à mesa.

- É, tio. O senhor tem razão. Rever o senhor e as meninas foi apenas um dos motivos. A razão principal é sobre a casa deixada por minha mãe.

- Certo, garoto. O que está pensando em fazer com ela?

- Pense bem, tio. Comigo na capital, aquele lugar estará fadado ao declínio. O senhor sabe muito bem que casa vazia se deteriora mais rápido, não sabe?

A careca de meu tio apenas balançou, concordando com meus argumentos. Estava indo bem e não iria parar por ali. Ao menos não enquanto não sacramentasse o negócio.

- Veja, tio, não queria deixar a casa, onde praticamente toda minha família morou, na mão de estranhos, não acho justo. E também, sem a devida manutenção, o imóvel vai começar a desvalorizar. Sob qualquer aspecto que olhar, é uma escolha ruim. Se meu avô estivesse vivo, ele não permitiria isso.

Pronto, descarreguei todo o arsenal apelativo que dispunha. Minha sorte estava lançada. Aquela tinha sido uma estratégia arriscada, muito pouco utilizada em negociações, pois todos os argumentos para a venda do imóvel foram dispostos de uma só vez. O que não se recomenda fazer nas negociações em geral. Mas não era o caso ali. Tio Zeca, apesar de ser extremamente temperamental, tinha um coração do tamanho de sua casa verde, era uma manteiga derretida. Apelar para o lado emocional me pareceu a coisa certa a ser feita e deixá-lo zozinho com o volume de informações, também.

Após um breve momento para contemplação, já com o volume de sangue

bem maior concentrado em seu rosto, com a careca reluzindo de tão vermelha, o velho Zeca estava finalmente pronto para dar seu veredito. Mas não pareceu ser uma tarefa fácil.

- Pois bem, Jonah – o grau de parentesco foi deixado de lado em função da seriedade do assunto, em assuntos de negócios não há espaço para família – não estava entre as minhas prioridades realizar um investimento tão grande por agora, mas você soube aproveitar seu momento, garoto. Seus argumentos foram bastante consistentes.

- Obrigado, tio. – Ponto para minha astúcia.

- Façamos da seguinte forma, me deixe pensar sobre o assunto, ok? Quando pretende ir embora?

- Ainda não tenho certeza. Mas minha licença foi curta, na próxima semana, tenho que estar na capital.

- Está bem. Antes de ir, me procure e já terei uma resposta sobre o assunto. – Esta conversa aconteceu bem depois de uma semana, por motivos alheios à minha vontade.

- Posso te ligar no fim de semana, então? – Aquela incerteza me deixava bastante incomodado, esperava sair com alguma resolução daquele encontro.

- Pode. Ou melhor, venha aqui e conversamos novamente.

- Está bem, tio. Tenha um bom dia.

- Um ótimo dia para você também, meu sobrinho.

Deixei a casa verde e resolvi dar um passeio pela cidade, talvez conversar com o pessoal da lanchonete e, quem sabe, descobrir algo de novo sobre o apostador misterioso. Não, eu não havia esquecido dele.

A cidade estava agitada demais pela região da lanchonete, que ficava na parte central. Perguntei a Abreu, que me deu as primeiras informações sobre o motivo de todo aquele alvoroço. Pela reação de surpresa em seu rosto, soube no mesmo momento que havia algo de errado.

– Achei que você seria o primeiro saber, Jonah. Não acredito que ainda não tenha sido informado da tragédia.

- Tragédia? Que tragédia? O que aconteceu, Abreu?

- Por onde andou nos últimos dias? Todos da cidade estão sabendo.

- Ah, passei os últimos dias em casa, ou melhor, na casa de minha mãe. Trabalhando. - A verdade que meu trabalho não tinha nada a ver com o ocorrido, a real situação era que estava fissurado com as últimas pistas do caso de Hélio e havia esquecido completamente do mundo lá fora.

- Não acredito. – Abreu limpava o balcão, enquanto falávamos. Ele

continuava com o semblante de surpresa. Parecia ser algo absurdo demais para ser verdade.

- Mas, então, o que aconteceu, Abreu? O que tanto preciso saber? – Já começava a sentir o formigamento do desespero em minhas pernas, a curiosidade é um veneno poderoso.

– Você lembra do homem que havia te intrigado da última vez em que estive aqui? Que me fez responder um monte de perguntas suas?

Respondi de forma afirmativa. Então ele continuou.

-Acabaram de acionar a polícia para averiguar o endereço dele, me parece que houve até morte. – A mensagem de Abreu tinha um conteúdo sinistro, mas o tom de sua voz enquanto a passara continuava sereno, sem deixar de derramar mais café em minha xícara (hoje era o dia da cafeína, e eu iria precisar).

Ouvindo aquela informação, me despedi com muita pressa do meu *informante* de Santa Madre (o homem sabia de tudo o que acontecia na cidade) e corri desesperado para a casa de Hélio (já conhecia o endereço, alvo de minha última visita), mas não tão rápido quanto gostaria.

Ao chegar no local (realmente o chamado era para o endereço do funcionário 23 da fábrica), a polícia já estava iniciando o processo de isolamento da área. Mas eu precisava ver para crer. Queria ter certeza que minha investigação estava terminada, e da pior maneira possível, pois o alvo tinha deixado de existir (ou sido eliminado). Não poderia estar mais enganado. Ou mistério estava apenas começando.

Lembrei da minha credencial de jornalista, talvez aquilo me garantisse acesso ao local. Busquei-a em minha carteira e apresentei a um fardado (encarregado de controlar o fluxo de pessoas no local), após perguntar a uma dupla da criminalística do lado de fora da propriedade, sobre quem estava no comando e informado que o homem poderia ajudar. O fardado então respondeu que não era ele quem comandava a operação, a líder era uma jovem chamada Sofia Barbosa, investigadora criminal da polícia, designada para o caso. Neste exato momento, minha desconfiança tinha acabado de subir alguns degraus, afinal era a criminalística que estava atendendo o ocorrido. E, havendo a presença de peritos criminais no local, a conclusão não poderia ser outra: existe um corpo dentro da casa. *Mas de quem?* Pensei.

Aí estaria minha primeira coincidência com a detetive da Polícia, ambos investigaríamos a fundo o caso. Como estava nele há mais tempo, mesmo sem ter sido designado por ninguém, poderia muni-la de informações

importantes e ajudar a desvendá-lo. Faltando somente um detalhe para que isto ocorresse (na verdade mais de um): me apresentar à jovem.

Fui em direção à cena do crime, passando pela porta (autorizado pelo fardado) que estava isolada com uma fita colocada pela polícia, exibindo uma mensagem de NÃO ULTRAPASSE, CENA DO CRIME. Convenhamos que aquilo era um convite para transpor a barreira, é semelhante a colocar uma placa gigante em uma rodovia com as inscrições NÃO OLHE! Garanto que você não atenderia à mensagem.

A casa parecia exatamente igual à minha última visita, não havia nada de anormal na parte baixa. Tomei rumo em direção à escada, subi os degraus, passando pela foto dos amigos abraçados. No quarto de Hélio, mais pessoas aglomeradas, deduzi que ali seria o epicentro daquele furacão. Antes que pudesse me aproximar do cômodo, uma moça de cabelo vermelho me reprimiu.

- Ei, rapaz, você não deveria estar aqui. Não leu o aviso da fita? Por acaso, é da família? Somente familiares são permitidos nas cenas de crime.

- Não, – *sou quase*, pensei – sou jornalista – exibi a credencial de imprensa que carregava – posso falar com o responsável pela investigação? – Indaguei mesmo sabendo que possivelmente seria a chefe, ainda assim não perdi a chance de provocá-la.

– Eu estou no comando e o acesso à imprensa ainda não foi liberado, por favor, aguarde lá fora. – O resultado da provocação surtiu efeito e o idiota aqui foi o mais prejudicado. *Meus parabéns, Gênio!* Refleti.

- Espere, posso saber quem foi a vítima? – A investigadora já havia me dado as costas naquele momento, após praticamente me empurrar para fora do cômodo e, ao ser surpreendida por meu questionamento, cessou o movimento.

A impaciência pelo tempo jogado fora durante aquela conversa sem fundamento estava fazendo com que o rosto da policial acompanhasse o tom de seus cabelos. A contar do início do pescoço, tudo o que se via era vermelho.

- Um homem, branco, aparentemente de uns 40 anos... –começa a ler seu caderno de anotações, ela também tinha um - que, pelas fotos e os documentos encontrados, era o proprietário da residência e atendia pelo nome de Hélio Silva. Agora saia, por favor. – Desta vez, o movimento havia se completado. Não houve paradas. Ela se foi, juntamente com o sucesso de minha investida.

Minha suspeita se transformou em tristeza naquele momento, apesar de não ter conhecido Hélio durante minha visita à Santa Madre, conhecer sua rotina tinha me deixado uma sensação de ser íntimo do, agora, defunto. Ao ser surpreendido com este pensamento, minha cabeça começou a girar, de repente tudo estava turvo e o chão parecia estar sendo engolido por algum redemoinho. Tudo começou a escurecer e minhas pernas ganharam a consistência de uma borracha. Se fosse para apostar, meu melhor palpite era que estava desmaiando.

A jovem de cabelos cor de sangue (foi fácil fazer esta comparação quando meus olhos se desviaram para o interior do quarto), provavelmente alarmada por meus movimentos estranhos enquanto tentava me segurar de pé, corre em minha direção e me segura pelos braços. Não fosse por este gesto, aquele chão ensanguentado ganharia um novo companheiro, somado ao corpo de Hélio.

– Você está bem? - Me perguntou.

- Não sei, minha vista começou a rodar. Acho que foi algo que comi. – Respondi enquanto puxava o ar, estava agachado com as mãos no joelho.

A detetive tencionou um sorriso, como se já soubesse que o motivo de toda aquela movimentação não teria exatamente nada a ver com comida.

- Como se chama? – O caderno volta à altura dos olhos, estava pronta para registrar a informação, como todo bom policial. – Por acaso, é parente da vítima? – Ela já havia me feito esta pergunta no início de nosso inusitado encontro, mas também deve ter aprendido que aquela oportunidade seria ideal para testar minha reação.

- Não. – Minha resposta se limitou a isso, não me alonguei nos detalhes, não queria parecer suspeito. Perderia muito tempo até explicar o porquê de iniciar uma investigação contra alguém que aparece morto pouco tempo depois.

–Tem certeza? Não conhecia o morto? Acho que não me apresentei corretamente, me chamo Sofia Barbosa. Chefe de investigação deste caso, se você souber qualquer coisa que possa nos ajudar, você pode falar comigo, ok? – Assim ela me estendeu a mão, apesar de já termos iniciado um primeiro contato, durante meu quase desmaio, agora seria oficial.

– Muito prazer, Sofia, me chamo Jonah Martins, sou repórter do Jornal *Diário do Povo*. – Especialista em classificados, mas resolvi suprimir esta parte. - Gostaria de coletar sua versão sobre os fatos encontrados e qual a estratégia de investigação para solucionar este crime horrendo.

Não era minha intenção publicar nada, mas achei que o pretexto seria válido para conseguir aquelas informações. Devidamente apresentados, Sofia me conduziu para próximo ao corpo estirado, talvez a imagem pudesse despertar alguma lembrança importante.

Era chegada a hora de conhecer Hélio (formalmente), de um jeito totalmente inesperado. Não haveria nenhuma troca de palavras neste encontro. De todas as formas que havia pensado em abordar meu alvo, aquela foi a única descartada. Já tinha acumulado tantas perguntas para este momento, obviamente elas ficariam sem respostas. A cena do corpo estirado no chão, coberto por todo aquele sangue, era estarrecedora. O pragmático jogador estava imóvel, sem vida nenhuma. Já tinha partido faz tempo. Aparentemente, vitimado por um único disparo, suficiente para acabar com todas as esperanças e aspirações daquele homem. Uma tragédia.

Era inevitável não lembrar de todo o tempo investido para traçar sua rotina e as tentativas de descobrir todos os seus mistérios, a maioria delas sem sucesso. Minha memória foi levada à sequência utilizada toda quarta-feira por Hélio e a mensagem passada por aqueles números quando a desvendei.

Eis que um estalo me veio, o apostador agia de forma subliminar, sempre existia uma mensagem envolvida e, se tratando do arquivista da fábrica, esta só seria descoberta após muito suor e trabalho. Me aproximei do cadáver -não havia mais dúvidas sobre sua identidade- pálido e frio. Eu poderia estar falando da personalidade do homem solitário, que ninguém parecia se importar na cidade, mas era somente a descrição de seu corpo.

Os óculos, com sua armação pesada, foram arremessados, possivelmente durante o impacto da queda. Estava com as roupas discretas de sempre, as mais discretas possíveis, mas agora lavadas por sangue. O corpo estava muito próximo da mesa que guardava o telefone, possivelmente ele fizera sua última ligação naquele dia. Alguns objetos também estavam no chão, como numa tentativa frustrada de serem alcançados por alguém impossibilitado de levantar. *Eu sabia que ele não partiria sem deixar nenhuma mensagem*, pensei. Mas não havia nada que cumprisse aquele objetivo (ao menos que eu tenha visto).

No braço esquerdo, mais sangue. A mão estava fechada e ela poderia ser a guardiã de algum recado. Me virei para Sofia, constatando o fato.

- Detetive, alguém da perícia examinou o corpo em busca de alguma pista? Já verificaram se não havia nada em seus bolsos algo que pudesse

indicar a autoria do crime? – Questionei na autoridade de jornalista, mas minha curiosidade estava à paisana.

- Externamente, não havia nada. Maiores detalhes no corpo serão analisados durante a perícia do médico-legista. O procedimento não é realizado na cena do crime. – Esclareceu.

Desanimado pela informação de minha mais nova amiga da área criminal, me aproximei do corpo novamente, desta vez indo ao limite de distância permitido. Quase me debrucei sobre o infeliz moribundo, mas minha sede por um novo mistério era maior do que o pudor. Apertei ainda mais os olhos, realizando uma última varredura, não estava disposto a deixar o local sem uma pista para desvendar. Me senti no compromisso de ajudar, era meu dever como jornalista e cidadão também.

Já tinha analisado a mão esquerda, que estava completamente trancada, então foi a vez do outro membro. A mão direita estava com muito mais sangue e percebi que, um dos dedos, o indicador, estava com a ponta manchada de sangue. Talvez o morto, em uma tentativa desesperada de escrever aquela mensagem (certamente seria para mim), utilizou-se da matéria mais abundante naquele momento para desempenhar a função da escrita. *O dedo funcionou com uma caneta*, pensei. Mas não havia nenhum papel por perto, o mais próximo disso era o bloco de notas que foi jogado distante do local da queda, de modo que Hélio precisaria se mexer para buscá-lo. Não seria o caso. Mas nem por isso iria desistir daquela pista de forma tão fácil, como fez a equipe de criminalística, se existisse uma mensagem ali, eu acharia.

Antes que eu concluísse o escaneamento do corpo, fui interrompido por Sofia, informando que a equipe forense teria de deixar o local e levar consigo o corpo. Era preciso esvaziar o cômodo, para facilitar o trabalho de remoção. Obedeci, após muita reluta, não antes de lhe fazer uma última súplica.

- Sofia, espere. Você não pode abandonar este caso, está me ouvindo?

A face da ainda garota, mas já promovida à Investigadora, agora estava franzida, não estava familiarizada com a criticidade do caso que, possivelmente, seria classificado como invasão de domicílio seguida de homicídio. Tentativa de assalto frustrada pela presença do proprietário na residência, resultando na tragédia que motivou a ocorrência. Quantos casos não atendera com esta mesma configuração?

- Não estou entendendo, Jonah. Por acaso, sabe de algo que possa nos ajudar na investigação? Se souber, é melhor falar agora mesmo ou pode ser

preso por obstrução da justiça.

Ignorei o aviso, sabendo que não poderia mentir para uma policial, sobre pena de cometer perjúrio. Tudo o que fiz, foi procurar meu cartão na bolsa, que usava para distribuir na cidade, quando alguém queria mais informações sobre como anunciar no jornal.

- Tome, fique com meu cartão. Você pode me ligar a qualquer momento, principalmente se o legista encontrar alguma informação durante o exame. Você pode fazer isto? – Minha esperança era de que a moça não descartasse o cartão ali mesmo.

Sofia não respondeu, apenas me olhou, pegou o cartão e o guardou.

O local foi deixado. Voltei totalmente desolado por não ter cumprido a missão de desvendar o crime, muito menos o telefone da detetive. Minha intenção era seguir direto para casa (de minha mãe), mas o trajeto teve de ser interrompido, assim que avistei Maggie, a moça da loteria, em estado de choque. A caixa da loteria chorava de forma copiosa, fui até sua direção. Poderia residir ali uma pista que ainda não havia considerado. Coloquei uma das mãos em suas costas, em forma de afago, e perguntei se estava tudo bem.

– Não acredito no que aconteceu, eu falei com Hélio ainda ontem, ele parecia feliz. O que era raro. Não é possível! – Agora suas mãos cobrem seu rosto, e o choro está ainda mais alto.

Sem deixar que eu emitisse qualquer palavra, ela continuou, intervalando palavras com soluços.

- Aconteceu tudo muito rápido, eu tentei avisá-lo, mas ele não me escutou.

Ouvindo aquilo, meu coração entrou em disparada, havia algo de errado ali, dava para sentir o cheiro.

- Como assim, tentou avisar? O que aconteceu ontem? - Perguntei.

- Eu estava de folga, tinha de resolver uns assuntos para formatura da minha filha. Mas Sr. Pedro, meu patrão, mandou me chamar. Uma pessoa da Intercorp, que trabalha para o Black Bank, chegou fazendo umas perguntas estranhas. Eles tinham rastreado uma sequência que fora registrada no meu guichê. - Explicou Maggie.

- Espere um pouco, qual sequência eles estavam procurando? Você consegue lembrar? - Rebatí, quase não me contendo para ouvir a resposta, estava ansioso demais.

- Aí é que está a parte estranha, a sequência que eles queriam era de 01 a 06, me lembro que Hélio a registrou há algum tempo. Lembro perfeitamente

disso, pois Hélio só registrava suas apostas comigo e sempre com as mesmas dezenas. Naquele dia, foi diferente. Não tinha como esquecer.

Ouvindo aquele relato, fui tomado por uma onda enorme de calafrios. Parecia que meus órgãos estavam em contato com alguma geleira. *Será que eu fui o causador daquela tragédia?* Pensei. Afinal, aquela sequência foi preenchida por mim, mas registrada por Hélio. Minha responsabilidade sobre o crime acabava de aumentar, eu precisava achar o culpado de ter cometido aquela atrocidade. Pois, na falta de um culpado – o verdadeiro executor do crime- eu sabia que ficaria me martirizado para o resto da vida.

- Maggie, você não me conhece, mas já vinha observando Hélio há algum tempo antes desta tragédia acontecer, tenho quase certeza que sua morte está relacionada com suas apostas. Me escute, você precisa repetir tudo para a polícia, entendeu?

A senhora que registrava as apostas da loteria parecia ainda mais incrédula com toda aquela situação, mas não estava em condições de argumentar. Apenas assentiu com a cabeça, enquanto os soluços e as lágrimas aumentavam.

- Procure por Sofia Barbosa, uma jovem de cabelos vermelhos, ela está no comando da investigação sobre a morte de Hélio. Fale tudo, principalmente esta parte sobre essa tal de Intercorp. Entendeu? Por favor, você precisa fazer isso, é muito importante.

- Está bem, Jonah. Vou procurar esta moça e falar tudo o que sei do caso. – Mas a doce e amável Maggie esconderia boa parte da história, ou talvez estas informações nem chegassem ao ouvido da polícia. Ela tinha uma filha para criar e ainda trabalhava na loteria. Aquela informação tinha escapado de sua boca, mas não havia problema em falar para um civil, o que seria totalmente diferente de comunicar as autoridades.

Me despedi e retomei meu percurso original, tinha muito trabalho pela frente. Precisava descobrir o papel desta Intercorp e, principalmente, do banco, que era o responsável pelo sistema de loterias, naquilo tudo. Se eles tivessem atentado contra a vida de Hélio, eu trataria de colocá-los atrás das grades, juntamente com Sofia (não seria nenhum sacrifício trabalhar a seu lado).

Antes mesmo que pudesse retirar minha bolsa e jogar as chaves na mesa, recebo uma ligação, que parecia importante. Pois já havia rejeitado a chamada algumas vezes durante o trajeto de volta, mesmo sem olhar o número que originou a chamada. Desta vez, resolvi conferir, era meu chefe

do jornal.

- Jonah, onde você estava? Estou te ligando há horas, esqueceu que ainda trabalha para mim? - Resmungou.

Hesitei antes de fornecer qualquer réplica, estava realmente sem tempo para aquele tipo de cobrança.

- Não, senhor McDowell, acabei de voltar da cena de um homicídio. O local estava cheio de policiais.

Em se tratando de uma cidade minúscula como Santa Madre, as ocorrências policiais se resumiam à perturbação da ordem (por jovens rebeldes) ou agressão doméstica (por maridos bêbados), mas homicídio? Pelo semblante de espanto misturado com aflição dos moradores, percebido durante meu percurso, o assunto era novidade (e não era boa).

- É justamente para isso que estou te ligando, incompetente. Santa Madre é a cidade em que sua mãe morava, não é? - Perguntou o velho do jornal, que àquela altura, já deveria estar emitindo mais fumaça do que a própria chaminé da fábrica onde Hélio era arquivista.

Confirmei suas suspeitas para, imediatamente, ser interrompido pela voz.

- Eu quero que você coloque no papel tudo o que sabe sobre o crime, nós vamos publicar a história. Mas, por tudo o que há de mais sagrado, Jonah, sem especulações. Apenas o que já foi apurado pela polícia. Uma página, no máximo duas!

- Está bem, Sr. McDowell, estou te enviando ainda pela manhã. - Respondi.

Como um cachorro que vai buscar o graveto, obedeci a ordem de McDowell e me sentei ao computador para iniciar a redação, não antes de ligar a TV. Não havia nada de especial nela, mas gostava de ouvir seu som, não importando o conteúdo, enquanto escrevia.

Antes que qualquer letra sujasse aquele papel branco, eu tinha que responder a algumas perguntas: Por onde eu começo? Quão longe preciso ir sobre a história de Hélio? Eu tinha um bom material já coletado, mas não poderia simplesmente derramá-los na história. Além disso, meu chefe foi enfático ao restringir a quantidade de folhas.

Velocidade é tudo neste negócio, ser rápido e conciso, na maioria das vezes, pode te garantir exclusividade e aumentar consideravelmente as vendas. O velho McDowell havia me ensinado isto desde o dia 1 no jornal. Resolvi, então, focar nas informações passadas por Sofia, descrevi o perfil de Hélio, com quem ele morava (em seu caso, com quem não morava) e onde

trabalhava. Era um bom ponto de partida.

O relato foi saindo, mas eu sabia que teria que resumi-lo, tinha ficado muito próximo da vítima e, quase sempre, isto é prejudicial para um jornalista em busca de um parecer frio e imparcial. Minha atenção estava voltada à tela do computador, assim como minhas mãos, mas um dos meus sentidos desobedientes, a audição, estava em missão de realizar reconhecimento do espaço, atento a qualquer ruído emitido dentro daquele ambiente e, é claro, ao som da TV. E foi por meio daquele aparelho sugador de vida, que a bomba foi implantada, não literalmente, mas a informação fez trabalho semelhante em minha cabeça.

Era um telejornal diário, daqueles parados feito água de rio, a informação era sobre o prêmio da loteria que havia saído para um único felizardo e as dezenas eram: 01-05-13-23-31-49. O prêmio ainda não tinha sido resgatado. Assim que os números foram anunciados, nenhuma atenção tinha restado ao computador. Eu estava lá, de pé, incrédulo na frente do televisor, fico paralisado enquanto meu corpo todo sua frio. Aquela era a aposta de Hélio! Com exceção de quando nos encontramos, ele nunca deixava de apostar aquelas dezenas. Finalmente, ele tinha atingido seu objetivo! Finalmente... Um pouco tarde, mas...

Mas.

Passada a euforia da surpresa, na mesma proporção veio a melancolia. Hélio não resgataria prêmio algum. Ele não estava mais entre nós. Mas, ao contrário do pobre rapaz, seu mistério estava mais vivo que nunca. Aquilo estava ficando mais interessante, a cada descoberta. Seria coincidência o prêmio ter saído, justamente quando seu idealizador deixara de existir? Eu sabia que não, havia algo de podre ali e meu faro estava apurado. Não iria desistir agora. Tudo o que eu precisava saber era a localização do cartão. Mas, pelo que lembrava da cena do crime, nenhum cartão de apostas foi encontrado. Ao menos, pelas informações passadas por Sofia. *É isso!* Pensei. A garota das madeixas vermelhas pode me ajudar a encontrar o bilhete premiado, ela tinha acesso às informações da polícia e eu conhecia os mistérios da vítima. *Que dupla formaríamos!*

Terminei de redigir a história, apenas informações técnicas e sustentação do mistério. Queria me livrar daquela tarefa para poder me concentrar em minha segunda (mais prazerosa) ocupação, que não me rendia um centavo sequer, mas que fazia meu coração acelerar. Peguei algo na geladeira para acalmar o estômago -que fazia questão de me lembrar da sua existência a

cada três horas- e voltei para o computador. Desta vez, não era trabalho, era diversão e ela estava apenas começando.

Lembrei da palavra nova que aprendi mais cedo: INTERCORP. Maggie parecia preocupada, valia a pena prestar atenção no que havia falado. No início da pesquisa, apurei que se tratava de uma empresa de segurança privada formada por ex-policiais, sendo o Sgto. Félix, seu fundador. Até aí nada de mais. Insisti um pouco mais nas informações, tentei buscar os principais clientes da empresa. Vi que a Intercorp tinha acabado de assinar uma extensão de contrato, por uma quantia elevadíssima, com o Black Bank, representado no momento da assinatura por Sr. Falcão, um bicheiro conhecido na capital (ambos ostentavam pomposos sorrisos na manchete da reportagem do *Sindibank Journal*, folha dirigida que circulava internamente entre os associados. O nome Black Bank não me era estranho, eu sabia que já tinha ouvido ou lido em algum lugar.

Espera um pouco! Eu já sabia onde tinha visto aquele nome, foi quando iniciei minha pesquisa ao amigo de Hélio: Bruce! Pensei.

Busquei novamente o arquivo de nomeação do rapaz como funcionário do banco e (Pimba!) o nome estava lá, o banco que virou patrão de Bruce era mesmo o Black Banck. Aquilo só estava melhorando, só corroborava minha teoria: o assassinato de Hélio e o sorteio de suas dezenas estavam interligados. Eu só precisava saber como. Intercorp, Black Bank, Bruce, Hélio. Este era o fluxo! Estava formada minha linha de investigação.

Estava muito feliz com minhas descobertas e, em certa parte, orgulhoso também. Até avistar aquele ser misterioso de óculos grandes, enquanto eu tomava café na lanchonete que era do meu avô, nada tinha me despertado interesse antes. Era a primeira vez, em muito tempo, que me sentia inspirado a realizar algo que, não só ajudaria de forma efetiva a elucidar um crime, quanto me fazia sentir vivo novamente. Eu precisava compartilhar esta alegria com alguém, mas não tinha amigos naquela cidade (nem em Redmond). Somente Abreu, o cara da lanchonete que me passava as informações do lugar, mas ele não tinha, nem de longe, o rosto lindo de minha amiga mais recente, Sofia Barbosa. Infelizmente, não consegui descobrir o telefone da moça durante nosso encontro. Ela não obedeceu à convenção social, me devolvendo seu cartão, quando a entreguei o meu. Mas não seria isto que me impediria de marcar aquele encontro, melhor dizendo, aquela reunião para apresentação de novos fatos. Tudo o que eu tinha que fazer era ligar para o departamento de polícia da Capital e registrar que

possuía maiores informações sobre o assassinato de Santa Madre, não demoraria para ela me retornar.

Não demorou, a menina era curiosa demais para deixar qualquer dado relacionado a sua investigação passar. Meu telefone toca e vejo que não era, felizmente, o telefone de McDowell, que fez questão de me ligar o dia inteiro (antes e depois do envio) sobre a reportagem. Em uma destas ligações, ele me fez prometer que não sairia de Santa Madre até o crime ser desvendado, ou até o público perder o interesse no caso. Eu seria o correspondente do jornal (o único aparentemente) na cidade.

-Alô, aqui é Sofia Barbosa, investigadora da Polícia. Estou retornando à ligação sobre os novos fatos do homicídio de Hélio Silva.

- Oi, Sofia, fui eu mesmo quem ligou. Não sei se lembra, mas sou Jonah, o jornalista, nós nos vimos durante a ocorrência.

- Ah, é você? Olha, isso não é trote, né? Estou muito ocupada, apurando as informações sobre o caso, acabei de conversar com a família, então você já pode imaginar o meu humor.

- Não, Sofia! Eu jamais brincaria com coisas deste tipo. Eu gostaria de te mostrar o material que consegui sobre este caso, acredito que posso te ajudar. Ficou muito bom, modéstia à parte. -Tratei de vender meu peixe neste momento.

- Sério? Qual seu endereço? Olha, sei que está tarde, mas provavelmente eu não vou conseguir dormir com todas estas perguntas em minha cabeça. Seria bom ter algumas respostas, para variar.

- Entendo perfeitamente. Não se preocupe, leve o tempo que precisar, estarei aguardando. - Respondi, portando um sorriso que não cabia entre meus olhos.

Ela se despediu, anotando o endereço. Perfeito! Em poucas horas, aquele rosto angelical acompanhado dos cabelos mais vermelhos que já tive o prazer de ver, estaria na sala da minha casa, que já fora de minha saudosa mãe. Ela estaria orgulhosa em ver seu filho se arriscando na busca por um par. Estava determinado a tentar algo com Sofia, mas só depois de elucidar o caso. Como Dona Dita (que a luz a conserve em bom lugar) sempre me dizia: “Filho, primeiro a obrigação, depois a diversão”. *Tudo bem, Mamãe!*

A casa estava uma zona (com o perdão da palavra) se minha mãe visse a real situação do imóvel, tão zelado por ela em vida, me aplicaria uma daquelas broncas que, em sua cabeça era uma punição severa, mas que, na verdade, não passava de um: “Sem jantar por hoje, mocinho!” *Que saudades*

da minha velha! Contemplei a memória com um largo sorriso no rosto, que durou somente até o molho, sendo preparando para a visita de Sofia, espirrar em minha mão, queimando parcialmente meu dedo. Era minha especialidade na cozinha (na verdade, a única que sabia fazer): macarrão! Aprendi vendo Dona Dita no fogão. Aquela sim, sabia o que era uma boa macarronada. Mas, na falta da cozinheira, o *Chef* Jonah se virava. O vinho já estava gelando, os pratos na mesa, as velas também (por que não criar um clima?). Faltava a convidada, que não demorou muito para completar o cenário.

Toque de campainha, era ela (só poderia ser). Larguei todos os aparatos utilizados para desempenhar os dotes culinários e, com um ou dois tapas para tirar a farinha, virei o jornalista deslocado de sempre. Deixei tocar mais duas vezes, como manda a etiqueta (como seu eu ligasse), o fato era que estava respirando fundo e utilizei o tempo para me acalmar. Sabia que seria um impacto, ela poderia ter se preparado também para a ocasião.

Porém, ao abrir a porta, não consegui esconder a decepção, a moça veio direto do trabalho, usava o mesmo casaco grosso da polícia e umas botas pretas, tipo aquelas que os americanos usavam para andar na neve. Todo o clima tinha ido para o espaço, só restava cumprimentar a policial, saudando com um cordial “boa noite”, semelhante aqueles utilizados em jogral da escola.

- Boa noite, Jonah. Vim o mais rápido que pude. O que você queria falar de tão urgente comigo? Espera que seja importante, o dia não foi fácil.

- Calma, senta um pouco. Não quer tomar uma taça de vinho? Talvez ajude a relaxar.

- Não gosto de vinho, prefiro cerveja. Aprendi com meu pai.

Aquela garota era mesmo diferente das outras, sempre achei que cerveja fosse para meninos e vinho para meninas. Mas ela acabara de jogar este conceito pela janela e, pelo jeito, não seria o primeiro. Fomos até a cozinha e o assunto virou rapidamente para o caso.

- Foi horrível ver a tristeza nos rostos da mulher e filha de Hélió. Elas estavam desoladas, pareciam não acreditar. Me falaram que ele havia ligado ainda no dia de sua morte, contando que tinha sido premiado na loteria. Deve ter sido a última ligação do coitado. Você sabia disso? - Questionou a detetive, já sem o casaco, um pouco mais à vontade, provavelmente pelo prazer da bebida.

- Não, quer dizer, sabia que Hélió era casado, mas não conheci sua família. Deve ter sido horrível.

- Nem me fale... – agora as madeixas vermelhas da policial estavam apontadas para o chão, juntamente com a cabeça inclinada em sinal de desânimo, parecia ser um dia realmente cansativo, mas ela não desistiria- aliás, é melhor você ir desembuchado tudo o que sabe deste caso, já tenho gente demais na delegacia para me atrapalhar.

Assenti, percebendo que aquele não era o momento de guardar mais segredos, afinal eu tinha uma teoria para apresentar, e não poderia fazê-lo sem fundamentar a história com os dados recolhidos durante minha breve investigação. Resolvi confiar, se aquilo me trouxesse problemas, eu poderia encarar as consequências, mas se Sofia acreditasse em minha tese, teríamos uma excelente linha de investigação para realizar. A verdade é que mesmo sem a detetive, estava disposto a prosseguir no caso. Entretanto, meus recursos estavam limitados e a ajuda da polícia seria de grande valia.

Então, palavra por palavra, sendo intercalada com alguns goles na bebida, as informações foram sendo distribuídas, o conhecimento disseminado como água de uma fonte. Quando as lembranças acabaram (tive o cuidado de reservar a parte em que invadi o domicílio de Hélio no fim de semana), foi a vez da minha teoria ser exposta, relatei que tinha uma forte suspeita sobre quem poderia estar por trás disto. Continuei meu raciocínio, relatando meu episódio com Maggie, a moça da loteria. Sofia franziu o rosto neste momento, parecia estar ouvindo a história pela primeira vez, o que era bastante estranho. Para não perder o foco, emendei se a moça de cabelos vermelhos não estava sabendo deste novo fato e se o nome Intercorp lhe significava algo.

- Maggie? Que Maggie? Não me recordo de ter falado com ninguém com este nome na casa do Hélio. Será que a moça está envolvida nisso? Podemos procurá-la amanhã.

- Mas e a Intercorp? - Perguntei, trazendo sua atenção para minha principal suspeita no caso.

- Intercorp? Esse nome não me é estranho, mas onde é que já ouvi... – Sofia apoia o fundo gelado da garrafa de cerveja na testa, em uma tentativa de impedir o superaquecimento da cabeça. Com a mente um pouco mais relaxada, a lembrança veio. - Espera um pouco! - Gritou a garota, derramando seu último gole da cerveja. - Meu pai me falou dessa empresa uma vez, ele recebeu um convite para trabalhar lá, assim que se aposentou da polícia.

Então a donzela de casaco de azul herdou o talento do pai para combater

o crime? Espero que ele não seja muito bravo. Isto só dificultaria minha tarefa de entrar para a família Barbosa. Pensei

-Eu posso pegar mais informações com ele, de repente conhece alguém de lá. Poderíamos coletar dados importantes antes de interrogá-los. Nunca ser pego de surpresa, meu pai sempre me fal... Droga, meu telefone. – A moça sai do cômodo em que preparava nosso jantar, esticou o dedo indicador enquanto atendia ao aparelho, provavelmente para indicar que o contato não demoraria.

Enquanto a detetive falava ao celular, eu me atentei ao macarrão no fogão. A massa estava praticamente pronta, o trabalho foi basicamente servir. Caminhei até a mesa, pedindo proteção para não ganhar uma nova queimadura. Sofia me acompanhou; ao sentarmos, a ligação se encerrou e eu tive o privilégio da atenção dela novamente.

- Estranho, era o legista da polícia. Disse que havia achado um pedaço de papel na mão esquerda de Hélio. Mas ele não conseguia me dizer o que estava escrito. Pedi para que me enviasse uma foto. Deve chegar a qualquer momento. Mas que cheiro bom é esse?

Então era isso? Esta era a mensagem que Hélio queria passar. Desta vez, ele não decepcionou. Mas o que estará escrito nela? Será que tem algo a ver com seu assassino? Ou era simplesmente uma mensagem de adeus para a família? Refleti, interrompendo minha interação com o mundo externo.

- Jonah, você está bem?

-O quê? – Despertei – Ah, sim, eu preparei uma massa para gente, sabia que viria direto do trabalho – *mentira!* – E que muito provavelmente esquecera de comer – esta parte era verdade. -Posso te servir?

Sofia corou as bochechas, não dava para ter certeza se pela bebia ou pela surpresa do jantar, talvez não esperasse que um estranho se preocupasse daquela maneira com sua alimentação. Ignorei, a servindo. Mas não pude evitar de retomar meus pensamentos, enquanto abastecia nossos pratos. Minha mente também estava com fome. O silêncio de quem tem tanto para falar pode ser ensurdecador, minha cabeça estava sentindo este efeito. O barulho era semelhante a mil martelinhos pneumáticos, todos em desordem: *Você precisa descobrir o culpado!* Este era o mantra executado em minha consciência em loop eterno.

- Jonah, recebi a foto. - Gritou a moça, enquanto eu buscava mais cerveja na geladeira. - Nossa, a imagem está péssima! Tem muito sangue e a letra dele era horrível.

- Sofia! – Gritei a recriminando, não era de bom tom criticar quem já não pode se defender.

- O quê? – Reagiu a moça. – Olha, sei que Hélio está morto, mas veja isso...É um garrancho. – Pela primeira vez, desde que nos vimos, o tom leve toma conta de sua voz, parecia confortável em minha casa, e isto era um ótimo sinal.

Mais uma vez, estava a um passo adiante de Sofia, eu conhecia a caligrafia de Hélio. Tive o prazer de vasculhar suas coisas naquele domingo estranho, em que estive em sua casa. Pedi para que ela me passasse o celular. Mas a imagem estava realmente ruim. Apertando os olhos, deu para ver que se tratava de algo pequeno. Talvez uma palavra somente.

- Eu tenho uma ideia, Sofia. Por que você não me envia esta imagem por e-mail? Podemos vê-la na tela do computador, que é bem maior que o celular.

A moça consentiu, já preparando o arquivo para o envio. Em paralelo, seguimos em direção ao computador. Os pratos foram deixados, quase intactos. Meu macarrão não foi páreo para toda aquela excitação da busca por mais detalhes sobre o caso. A cerveja, sim. Esta era amiga inseparável de Sofia, a moça bebia igual a gente grande. Abri o arquivo na tela, a dificuldade se repetia. Porém, consegui ampliar um pouco a imagem, antes de distorcê-la. A palavra era “Suíça”.

- Suíça? O que isto tem a ver com Hélio? Você tem certeza? Não me recordo da esposa dele ter mencionado parentes no exterior. - Argumentou a Investigadora.

Desta vez, estávamos empatados. Também não conseguia achar ligação daquela mensagem ao nosso amigo misterioso. Nem por isso, aquilo me impediria de opinar.

- A menos que ele planejasse colocar a grana recebida no prêmio em um destes paraísos fiscais que ficam por lá. Você sabe... aqueles que a gente ouve falar todos os dias na TV. – Sofia concordava, mas a implicação tinha sua parcela de exagero, talvez fosse absurda demais para ser considerada. - Mas para isto, ele precisaria resgatar o prêmio, trocando o bilhete em uma das agências do Black Bank. – A hipótese acabava de ser derrubada.

- Black Bank? Aquele banco da Capital? O que tem ele? - A moça continuava seu processo de fazer perguntas difíceis.

- O Black Bank é o banco responsável pelo sistema nacional de loterias. – relatei com o mesmo semblante daqueles apresentadores de telejornais, enquanto liam as informações no teleprompter, fazia basicamente o mesmo

com a tela do computador, enquanto pesquisava. - É também o maior cliente da Intercorp, estendendo o contrato com eles recentemente... por uma grana alta! – Continuava a pesquisa, desta vez apurando a relação entre o banco e o país europeu.

- E aí está! Eu sabia! Tá aqui mais uma evidência de que eles estão metidos até o pescoço nesta sujeira. Veja Sofia, o Black Bank é um banco internacional e advinha onde fica sua sede?

- Suíça! Não é possível! – A moça compartilhava de minha surpresa, mas isso não foi o bastante para convencê-la. -Uma mensagem de difícil leitura não é suficiente para incriminar um grupo deste tamanho e, além do mais, empresas não vão para cadeia. Pessoas vão.

Eu estava tão intrigado quanto Sofia naquele momento, mas tinha algo que deixei passar, sendo ofuscado pelas recentes descobertas: A aposta! Onde estaria o cartão premiado? A polícia tinha revirado todo o local do crime, mas não me lembro de ter ouvido falar nada sobre o cartão de aposta. Talvez eles não tivessem vasculhado tudo. Diferente de mim, que não deixei nada passar durante minha varredura de domingo de manhã. Talvez eu devesse ser detetive, afinal estava fazendo praticamente tudo sozinho. Sofia estava mais preocupada em encher a cara. Mas não a culpo. O dia parecia ter sido realmente difícil. Eu já tinha visto os cartões na casa de Hélio, principalmente o preenchido com a sequência de 01 a 06, eles estavam na bolsa que o rapaz usava todos os dias para trabalhar. Ele nunca a largava.

- Sofia, vocês deram uma olhada na bolsa? O cartão ainda deve estar lá. - Perguntei, me certificando de ter toda a atenção da jovem policial.

- Que cartão? O do Prêmio? Nós não os achamos. Não tinha nada parecido com bilhete de aposta naquela casa, a bolsa só guardava o crachá de Hélio e alguns papéis que pareciam ser da fábrica. -Respondeu.

Sem cartão, sem prêmio. Poderia ser somente um latrocínio qualquer, alguém que invadiu a casa de Hélio para roubá-lo. Hipótese rapidamente descartada pela polícia, pois nada havia sido levado. Quem quer que tenha cometido o crime, buscava somente aquele cartão. Mas a tarefa de usurpá-lo antes que Hélio resgatasse o prêmio só seria possível para alguém que o conhecesse. E soubesse de suas apostas. Ou então alguém que realizasse o sorteio e utilizasse uns capangas disfarçados da empresa de segurança para fazer o trabalho sujo. Pois é, eu ainda não tinha esquecido da Intercorp, nem do Black Bank. A mensagem de Hélio só serviu para confirmar minha suspeita.

- Sofia, nós temos que averiguar a Intercorp. Eles devem estar metidos nisso. Você consegue mais detalhes com seu pai? -Insisti.

- Concordo com você, amanhã eu levanto as informações com ele. Meu pai conhecia muita gente na polícia, se alguém trabalhou na Intercorp, ele saberia.

Nossa investigação finalmente estava ganhando corpo e Sofia, mesmo sem notar ainda, ficava cada vez mais envolvida na trama, pista após pista – e elas estavam brotando com água em nascente – o interesse da detetive só aumentava. A partir daquele momento, sentados à frente da tela do computador (cada um com sua bebida), eu tive a certeza de que o caso não seria repassado para outro agente. Sofia estaria disposta a ir até o fim, assim como eu (ótimo!).

- Minha nossa! Já está muito tarde. Eu preciso ir. – Sofia constata o horário avançado, arregaçando a manga da camisa para acessar o relógio. - Muito obrigada, Jonah. Pelas informações e pelo jantar. Assim que falar com meu pai, eu te ligo para contar as novidades. - Concluiu, apanhando o casaco grosso que estava apoiado na cadeira da mesa de jantar.

- Não está tão tarde assim, você não quer ficar mais um pouco? A gente acabou falando somente do caso, mas não falamos nada sobre você. Eu gostaria de te conhecer um pouco melhor, Sofia. – Neste momento, talvez fosse a bebida falando por mim, mas se fosse, estaria fazendo um ótimo trabalho.

- Desculpe, está tarde, realmente. Mas prometo que vou pensar no assunto sobre nos conhecermos melhor. De repente, um pouco de folga não vai me matar, não é? Até amanhã, Jonah. Tenha uma boa noite.

Nos despedimos após um breve momento em que os nossos olhares se cruzaram, parecia que todos os obstáculos e distrações tinham desaparecido de forma instantânea. Naquele instante, ficamos isolados deste mundo de tragédia. Sofia havia mudado de feição, a cara amarrada e séria dava lugar a um sorriso inebriante. Fiquei sem palavras, tudo o que consegui fazer foi acenar e fechar a porta. Nada mais.

Ainda tomado pelo clima instaurado no ambiente, segui meus pés para o quarto (a cabeça estava muito longe). Deixei o corpo cair na cama. As luzes se apagaram e, quase simultaneamente, acenderam. Na verdade, já era manhã, a noite havia passado. Eu é que estava muito cansado para perceber. Dormi a noite inteira, mas pareciam segundos.

O motivo de meu despertar foi a batida na porta. Poderia ser Sofia.

Talvez a garota não conseguisse resistir aos meus encantos e voltou desesperada para implorar por um pouco mais de minha atenção. Pensei.

Mas a desconfiança foi logo desmascarada quando uma voz grossa, semelhante a um rugido de trovão, ecoou na minha cabeça, fazendo companhia a uma dor insuportável, fruto da bebedeira da noite anterior:

- Jonah, você está aí? Abre a porta, é seu tio Zeca. - Falou a voz.

Imaginei que o motivo daquela sangria desatada fosse a resposta para a proposta que fizera sobre a casa. Afinal, que outro motivo ele teria para perturbar o meu sono tão cedo? Antes que pudesse até mesmo falar algo, ao abrir a porta, fui surpreendido por pedaço de papel jogado em meu peito. Parecia ser um jornal, mas devido à velocidade e à surpresa do movimento do meu tio, não consegui decifrar antes que o próprio me revelasse.

- Parabéns Jonah, sua primeira manchete! E justamente com uma história de nossa cidade. Uma triste história, é verdade, mas o que isso importa? Meu sobrinho honrou sua terra, agora todos aqueles engomadinhos da capital saberão onde fica Santa Madre. – Meu tio estava vermelho, bradava as palavras como em discurso. Seus olhos estavam vidrados de tanto orgulhoso.

Apenas no momento seguinte, quando consegui retirar o folhetim do meu corpo, pude verificar do que se tratava toda aquela euforia do meu tio. O jornal era o Diário do Povo (era o jornal correto), a manchete dizia: “O misterioso assassinato de Santa Madre” (era o mistério correto e a cidade também), por Jonah Martins (o jornalista que parecia ter sido trocado).

Não conseguia acreditar, aquela era minha primeira manchete no jornal, na verdade a primeira manchete da minha vida. Finalmente, algo de bom em meio toda aquela série de fatos lamentáveis. Meu tio, logicamente, estava animado demais para perder tempo comigo, saiu pela cidade com o jornal na mão. Aposto que estaria mostrando para qualquer infeliz que tivesse passando na rua naquele momento. Depois de Seu José Geraldo, foi a vez do meu chefe fazer contato. Diferente de meu tio, as felicitações foram breves e acompanhadas de uma nova incumbência.

- Garoto, você está aí? - Soou a voz ao telefone.

Respondi que sim, dando um bom dia desanimado.

- Você já leu o jornal? Parabéns por sua primeira manchete, esta história já está nos rendendo frutos. Conseguiu apurar mais alguma coisa com a polícia? Precisamos publicar um fato novo e rápido. Os leitores estão ansiosos para descobrir quem é o assassino.

- Eu ainda não tenho esta informação, Sr. McDowell, tudo o que a polícia

conseguiu descobrir foi uma mensagem na mão do cadáver, algo como “Suíça”. – Não queria arriscar minha investigação com Sofia, revelando tudo o que conversamos na noite anterior. Se aquilo fosse revelado antes de apurarmos a veracidade dos fatos, a moça jamais confiaria em mim novamente.

- Suíça? Que estranho... – analisa o velho do jornal- você já sabe a relação da palavra com o crime?

- Ainda não, mas tenho um forte pressentimento de que estou próximo de descobrir. Pretendo fazer umas entrevistas ao lado da investigadora do caso.

- Ok, faça isso. Mas me mantenha informado sobre o que descobriu. Estou contando com você Jonah, não me decepcione. Oportunidades assim só aparecem uma vez na vida e a sua acabou de acontecer. – Ligação encerrada, não antes de aumentar a pressão sobre meus ombros (obrigado, chefe!).

Até ter esta conversa com meu chefe, não tinha encarado esta investigação como uma oportunidade para minha carreira. Só estava cumprindo meu dever cívico de ajudar a desvendar um homicídio. Se isto ajudasse a preencher minha cabeça, diminuindo a dor do luto pela minha mãe, que mal faria? Além do mais, estava fazendo progresso. As pistas estavam se encaixando e hoje seria um novo dia para testá-las, juntamente com Sofia. Que, a esta hora, já devia estar ansiosa por minha ligação. Então resolvi acabar com o sofrimento da moça:

- Bom dia, Sofia. Aqui é o Jonah, conseguiu falar com seu pai?

- Quem? Ah, Jonah, é você? Desculpe, mas acabei de acordar. Ainda não falei com meu pai sobre o assunto, estou indo em casa para pegar algumas roupas. Com toda esta agitação no caso de Hélio, acabei dormindo aqui em Santa Madre.

- Eu posso ir com você? É que a gente economizaria tempo dessa forma. De lá, caso seu pai tivesse algum contato na Intercorp, poderíamos falar com esta pessoa.

- Ok, podemos fazer desta forma. Só não se assusta com meu pai, tá? Ele não reage muito bem a estranhos, principalmente a estranhos próximos de sua filha. -Falou Sofia em tom de riso. – Eu passo na sua casa para te buscar, só vou dar alguns telefonemas para verificar o andamento dos relatórios e checar se não apareceu mais nenhuma novidade na investigação.

Enquanto a aguardava, resolvi organizar os dados em minha mente. Uma espécie de auditoria em minha própria cabeça para verificar tudo o que já havia descoberto sobre o caso e enumerar os principais suspeitos. Vejamos:

Maggie poderia ser investigada, mas a moça não estava trabalhando no fatídico dia, apesar de saber que Hélio realizava as apostas toda quarta-feira, ela não tinha como ter certeza se ele havia jogado. O perfil de uma senhora de cinquenta anos, com uma filha adolescente em casa, dificultava bastante, se o objetivo fosse incriminá-la. Maggie não estava descartada, mas não seria prioridade na investigação. Hélio também não tinha inimizades na cidade, além disso, o crime não parecia ter relação com alguma fatalidade, a exemplo uma briga de trânsito ou discussão de bar, até porque nosso amigo falecido não frequentava estes tipos de lugares, muito menos saía tarde da noite.

Tirando isto, só restava a Intercorp, que realizou uma visita exatamente no dia do ocorrido, ou então, em último caso, poderia ser alguém da família do apostador. Mas, até onde eu consegui descobrir, Hélio era sozinho, os pais estavam mortos ou não moravam na cidade, acho que ele não tinha irmãos também. Só sobrava a esposa, mas ela estava descartada, pois recebeu a ligação da vítima, minutos antes da tragédia. Não conseguia pensar em mais ninguém. Por mais que insistisse em outra linha de investigação, só a Intercorp aparecia em minhas suspeitas. Eles deveriam ser realmente culpados. E é isto que iremos descobrir, mais cedo ou mais tarde.

CAPÍTULO 7– CONHECENDO O INIMIGO

Partimos em direção à residência dos Barbosa, Sofia estava portando sua cara preocupada, como de costume, e eu, do outro lado, permanecia em silêncio, enquanto minha cabeça trabalha a todo vapor: *Se conseguirmos um contato na Intercorp com o pai da policial, será um grande passo para nossa investigação*, pensava. Sofia estava intrigada com algo, mas parecia relutar em expor a situação comigo. Pensei em perguntar o que a incomodava naquela manhã, mas preferi não fazê-lo. Nem precisou. Para minha surpresa, a própria moça tomou a iniciativa, relatando o seu incômodo.

- Jonah, será que estamos cercando tudo nesta investigação? Será que não deixamos algo de fora?

- Não há nada de errado em elucidar um crime de forma rápida, Sofia. Apenas utilizamos a estratégia correta. Nós vamos conseguir. – Insisti.

- De qualquer maneira, vou solicitar para que minha equipe verifique as câmeras de segurança do local, apesar de ser uma área residencial, muitos moradores utilizam este tipo de monitoramento. De repente, surge uma nova pista. Quem sabe? - O veículo cessou o movimento, provavelmente no endereço que servia de residência para a moça, e seu pai.

Descemos do carro e fiquei observando o local, enquanto Sofia concluía sua ligação para o DP. A ligação foi breve e logo entramos na toca do lobo, digo, na residência do pai da moça.

-Pai, esta é a pessoa que te falei, o Jonah. Ele está me ajudando no caso do homicídio em Santa Madre. -Disse Sofia.

- Muito prazer, rapaz. Major Antunes, ao seu dispor. -Assim disse o homem de cabelos e bigode brancos, por sinal, era impossível não notar o bigode.

Respondi a tratativa, ratificando que o prazer era recíproco. O velho impôs uma força absurda durante o aperto de mão, acredito que na tentativa de intimidar o jovem que andava circulando com sua doce e inocente filha (ele conseguiu). Não me atrevi a dizer mais nada, pensei em perguntar sobre sua esposa, mas não queria tornar aquele momento mais constrangedor do que já estava.

- Pai, é sobre o assunto da Intercorp. A gente acabou não falando deste assunto por telefone. Você disse que poderia nos ajudar.

- É verdade. Eu conheço a história da Intercorp, um dos meus colegas de formação era diretor de Inteligência de lá, não tenho certeza se ainda continua.

- Ótimo, Sr. Antunes. O senhor ainda tem o contato dele? É possível marcamos uma reunião? – O medo só durou até aí, a excitação pelo surgimento de uma nova pista acabou prevalecendo.

- Acredito que sim, o Cel. Aristo sempre foi meu amigo, quando me retirei da polícia, ele me convidou para ingressar também no projeto, como ele gostava de falar. Recusei, pois minha esposa tinha acabado de falecer. Estava muito ocupado, cuidando de Sofia.

Fiz bem em não ter perguntado sobre a matriarca da família, menos uma mancada para a conta. Sofia e seu pai ainda ficaram lembrando alguns fatos da família, enquanto o major ligava para seu contato da Intercorp. Aquele era um momento bastante pessoal, decidi me reservar e manter um pouco de distância para não atrapalhar. Ao perceber que Antunes concluiu o telefone, me reaproximei. Saber em breve se o contato surtiu algum efeito.

- Pronto, está tudo encaminhado. Aristo relutou um pouco no início, mas em nome da nossa amizade, ele atenderá vocês. Só peço que não sejam inconvenientes com ele. Vão devagar. - Comentou o ex-oficial.

- Muito obrigada, pai. Não sei o que faria sem você! -Declarou Sofia, já emendando um abraço apertado em seu velho.

Fomos ao local indicado pelo Major Antunes, Aristo já estava lá. Foi fácil reconhecê-lo, pois o pai de Sofia já havia nos passado as características de seu antigo amigo. O senhor parecia preocupado, incomodado em estar ali. Pela sua impaciência, percebemos que, não fosse pela consideração ao amigo Antunes, a cadeira daquele restaurante, local escolhido para o encontro, estaria vazia.

- Muito prazer, Coronel, me chamo Sofia Barbosa, mas o senhor já deve saber quem sou, em virtude da amizade com meu pai, certo?

O alvo aquiesceu, mas nem por isso deixou de lado o cenho franzido.

- Cel. Antunes, me chamo Jonah Martins, sou jornalista do Diário do Povo, estou ajudando a polícia nesta investigação. – Resolvi emendar nas apresentações.

- O quê? Antunes não me falou nada sobre a presença de um jornalista... – Os olhos do coronel reformado se arregalaram ao ouvir aquela informação,

não esperava que a filha de Antunes viesse acompanhada, muito menos por alguém da imprensa.

- Calma, coronel. Jonah está aqui como na qualidade de civil, nada do que for falado terá autorização para ser publicado. – Sofia tratou de amenizar o clima, tranquilizando o entrevistado, enquanto eu balanço a cabeça, ratificando palavra por palavra.

Esclarecida minha presença naquela reunião, Aristo, um pouco menos desconfortável – mas não totalmente – enfim iniciou seu relato.

- Olha, eu não posso falar muito. Já me desliguei da Intercorp, mas assinei um contrato de confidencialidade, estou proibido de falar sobre o portfólio de clientes da empresa e especificidades técnicas, está bem?

- Entendemos, Sr. Aristo. Nós não queremos te prejudicar. Esta é uma conversa extraoficial, nada será gravado. O senhor poderá encerrá-la a qualquer momento. Se assim, desejar. -Introduziu Sofia.

- Coronel, como nasceu a Intercorp? Qual a área de atuação da empresa? - Questionei.

- Bom, disto eu posso falar. Participei do projeto desde sua concepção.

Acredito que começamos pelo ponto certo. Fomos ganhando a confiança de Aristo com as perguntas sobre origem e missão da empresa. Ele parecia realmente acreditar no projeto. Foi respondendo, cada vez mais, aos nossos questionamentos. Àquela altura, já havíamos apurado que a empresa empregava, geralmente, ex-integrantes das forças policiais da região. O grande contingente era oriundo das três esferas da polícia. Era uma empresa de pequeno porte que atuava oferecendo soluções de segurança para outras empresas. Basicamente, sua carteira era composta por clientes também de pequeno porte, isto até conseguir o contrato com o Black Bank.

Então, chegamos ao ponto crucial, que era nosso objetivo desde o início da conversa. Sem que o entrevistado percebesse, fomos conduzindo as perguntas até culminar no assunto principal: o Banco.

Aristo tinha vivência, não se deixaria levar por dois ávidos jovens, por mais insistentes que fossem. A empolgação de antes foi transformada em desconfiança. O senhor, que demonstrava uma disposição de dar injeção a qualquer garoto há dois minutos, agora estava acuado. Sabia que andava sobre campo minado e que qualquer deslize poderia ser fatal. Porém, se saísse daquela reunião sem fornecer nenhuma informação de valor, nós solicitaríamos novos encontros, em busca de maiores detalhes.

Dava para ver em seus olhos que ele sabia exatamente o que estávamos

procurando, aposto que ele tinha a informação, mas não poderia nos passar. Até que o silêncio se quebrou, a fera escondeu suas garras por um instante e, na tentativa de uma possível trégua, disparou.

- Olha, espero que vocês escutem bem o que vou dizer, pois só direi uma única vez. Se vocês me pedirem para repetir esta história para mais alguém ou em outro momento, não o farei. -Exclamou.

- Ok, coronel. Seu segredo estará guardando conosco. -Prometeu Sofia.

- Como disse antes, estava na Intercorp desde sua fundação, ocupando o cargo de Diretor de Inteligência, fui convidado pelo próprio idealizador do projeto, Sargento Félix Muniz, meu amigo pessoal e companheiro de farda, seu pai também deve conhecê-lo – nesta parte, apontava para Sofia – nos dávamos bem, isso até conseguir a conta do Black Bank. Depois disso, ele começou a ficar paranoico, agia sem escutar meus conselhos e, ao menor sinal de risco, ameaçava, coagia as pessoas. Eu nunca concordei com nada daquilo! – O mesmo indicador que apontava para a detetive, agora estava erguido, combinando com o tom imperativo.

- Entendi, coronel. Teve ter sido difícil para o senhor. – Lamentou Sofia, mas isto não impediu que completasse sua sentença.

- Tudo o que sei, foi que o Black Bank cedeu parte de suas ações, as que correspondiam aos sistemas de loterias, ao bicheiro Falcão Alves, que por sua vez, desembolsou alguns milhões para adquiri-las. – Concluiu o ex-diretor da empresa de segurança.

Que o Black Bank administrava o sistema nacional de loteria, nós já sabíamos. Mas que tinha vendido este sistema para o bicheiro mais famoso da região? Bom, isto era novidade (mais uma). Ficou claro (para nós) que o próximo passo seria conseguir um depoimento de Félix ou, quem sabe, do próprio bicheiro. Mas esta não seria uma tarefa de fácil execução. Ninguém se auto incriminaria de livre e espontânea vontade. E cada vez que escavávamos a história, chegávamos a um novo nível de informações.

Nossa imersão no caso estava ficando gradativamente maior, era como adentrar em uma caverna escura, ainda inexplorada. Tudo o que precisávamos era tomar cuidado com o avanço e garantir que o caminho de volta ainda estivesse seguro, podendo ser acessado a qualquer momento. Uma tarefa que parece simples, mas de execução complicada quando o objetivo é prosseguir. Andar para frente é muito mais fácil do que retroceder. Era como mergulhar em um rio de águas turvas, buscando o fundo e ainda ter a obrigação de retornar à superfície para respirar. Parece óbvio, mas à medida

em que vai se acostumado com o ambiente, muitos esquecem desta limitação e acabam sendo asfixiados.

O caminho, neste caso, também parecia óbvio: seria necessário achar alguma prova concreta para que a polícia emitisse um mandado de busca na sede do banco. O bicheiro era experiente no ramo, uma conversa sem evidências e pronto, seria o bastante para ele se safar da acusação. Falcão possuía recursos praticamente ilimitados, já conhecia a figura de outras peripécias na capital através das reportagens saídas no jornal. A maioria das acusações não deu em nada, o homem era intocável.

Enquanto nós ainda falávamos sobre a informação dada por Aristo, aproveitando sua ida ao banheiro, Sofia recebeu uma ligação de seu imediato na delegacia. Ele havia checado a informação sobre as câmeras, parece que uma delas, instalada na casa em frente à de Hélio, captou uma movimentação estranha na porta de entrada, minutos antes do crime ocorrer. Pelas informações da detetive, não dava para ver o rosto do suspeito, apenas a figura de costas. Mesmo assim, a pista era relevante demais para ser descartada. Caso o homem flagrado pela câmera fosse o mesmo que visitou a loteria no dia do crime, teríamos evidências suficientes para comprovar a relação da empresa de Félix ao crime e, por meio da Intercorp, chegar até o Banco. Como disse, estávamos evoluindo.

Nos despedimos rapidamente de Aristo, que percebeu nossa agitação, mas o momento não era de discricção, era de agilidade. O Coronel ainda tentou nos questionar sobre o motivo do repentino alvoroço, mas Sofia encerrou a conversa, informando que havia conseguido uma nova informação sobre o crime e precisaria checá-la, o mais rápido possível. Ainda conseguimos trocar cartões, o telefone de Aristo poderia ser importante, se a Intercorp fosse realmente incriminada. O problema seria como transformá-lo em uma testemunha de acusação, mas aquele não era o melhor momento para se pensar neste assunto. Partimos rumo à delegacia, a imagem (mesmo que somente a silhueta) do suspeito nos aguardava.

Sofia me pediu para entrar em contato com Maggie, a senhora da loteria seria peça fundamental para identificação do sujeito. Se a identidade fosse confirmada, ou seja, se o homem parado na porta fosse, realmente, o mesmo que realizou a averiguação na loteria, ainda seria necessário gravar o depoimento dela para registro no processo. Desta forma, a policial de cabelos rubros foi me colocando a par dos procedimentos. Segundo ela, era importante seguir todos os fluxos à risca, ela não poderia dar margem para,

em uma futura acusação, invalidar provas pela forma como foram conseguidas.

Procedi conforme a orientação, realizando a ligação para Maggie, enquanto nos deslocávamos para a delegacia no carro da policial.

- Oi, Maggie, aqui é Jonah, conversamos logo após a morte de Hélio, está lembrada?

Um silêncio perturbador invadiu a ligação. Particularmente, não entendia a hesitação de Maggie naquele momento. Acaso seu interesse fosse realmente de ajudar na elucidação do crime, qual seria o melhor momento, que não aquele? Resolvi insistir.

- Maggie, ainda está aí?

- Sim, desculpe, Jonah. Acabei me distraíndo, lembro de nossa conversa, mas qual o motivo da ligação?

Apertei o telefone, com o objetivo de abafar minha voz. Precisava me certificar de que não estaria cometendo nenhuma besteira que comprometesse o andamento das investigações.

- Sofia, ela quer saber o motivo do contato. O que eu digo? – Eu praticamente estava sussurrando nesta parte da conversa, não queria transparecer insegurança para Maggie.

- Hum... – agora era Sofia quem hesitava, talvez pensando na melhor forma de abordar a potencial testemunha – diga que ainda precisamos do depoimento dela sobre o caso, afinal Hélio gostava de registrar as apostas com ela, certo?

Procedi conforme combinado. A moça pareceu ter engolido a história.

- Jonah, esta semana é a formatura de minha filha, estou em uma correria grande com os preparativos. Não posso me afastar. Se quiserem tomar meu depoimento, vocês podem vir até Santa Madre, mas a partir de amanhã, hoje eu não tenho condições de atendê-los.

- Sofia, Maggie disse que está disponível a partir de amanhã, mas teríamos que ir até Santa Madre.

Sofia não gostou muito da negativa de Maggie, a garota conseguia ser mais ansiosa que eu (não imaginei que isso fosse possível).

- Já sei... – falei, pressionando as mãos novamente contra o aparelho – a gente poderia enviar a imagem da câmera para o celular de Maggie.

Sofia concordou, com a condição de que a imagem fosse mantida em sigilo pela funcionária da loteria.

- Maggie, desculpe a demora. Olha, a verdade é que estamos investigando

uma nova pista no caso de Hélio. Temos a imagem da câmara de uma das casas vizinhas, foi identificada uma movimentação estranha, momentos antes do crime acontecer. Se enviarmos esta imagem para o seu celular, caso identifique o suspeito, pode nos ligar de volta? – Expliquei pausadamente, na esperança que o conteúdo fosse absorvido.

- Sem problemas, Jonah... – Maggie pareceu aliviada com a informação, certamente receava ser outro tipo de solicitação – mantereí meu telefone por perto. Assim que receber, te retorno, espero que com a identificação do suspeito.

- Ah, mais uma coisa, a imagem não pode ser arquivada em seu aparelho, você terá que apagá-la, assim que estiver segura quanto ao conteúdo, ok? – Não poderia encerrar o contato sem esta ressalva, Sofia não me deixaria. Enquanto Maggie falava, informando não haver problemas em receber a imagem, a detetive fazia gestos para que eu emitisse este último alerta.

Ajustamos desta forma. Tudo alinhado para o grande momento; e ele chegou, juntamente com a viatura da detetive, estacionando em frente à delegacia. Acompanhei os passos da moça, pois aquele era território inexplorado para mim (graças a minha mãe, acho que ela me mataria se me visse preso).

Sofia procurava por André, o homem que estava de posse das imagens naquele prédio recheado de casacos azuis.

- André, prepara as imagens na sala de projeção. Já estamos indo para lá. – Gritou Sofia, enquanto me conduzia até a sala de reunião.

O rapaz obedeceu de prontidão, enquanto a moça saía em busca de sua xícara para um desejado café da tarde. No recipiente de porcelana, os dizeres: Cuidado! Filha de Policial. Aquele parecia ser um aviso adequado, mas eu teimava em ignorá-lo.

Fomos até a sala de projeção, André já tinha avançado a fita para a parte da noite. Dava para ver Hélio chegando em casa, em seu horário habitual, após ter ido na lotérica, pois era quarta-feira. Passadas algumas horas, eis que surge a figura tenebrosa. Primeiro era só sombra, chegou em velocidade moderada e, aos poucos, foi ficando mais nítido para a lente. Infelizmente, para nós (e para Hélio) ninguém notou sua presença e o ângulo da câmara não favorecia o reconhecimento daquele ser, invasor de casas alheias.

A porta estava aberta, a exemplo do dia em que eu mesmo fui o invasor. *Eu próprio poderia ser um dos suspeitos deste crime, onde estava mesmo no fatídico dia, ou melhor, na noite?* Pensei. Ah! É mesmo, ocupado

encaixotando os pertences de minha mãe para levá-los na mudança, por sorte realizei algumas ligações do telefone da casa, pesquisando os preços de aluguel de armazéns para depositar aquelas tralhas (pelo menos, até decidir o que fazer com elas). *Ufa! Tenho um álibi*, refleti concluindo a minha averiguação mental.

De volta às imagens, o imediato de Sofia escolheu o melhor frame para apresentar à Maggie, tiramos a foto e enviamos para a senhora que registrava os jogos da vítima. Após alguns minutos de suspense (e dois ou três goles de café na xícara com a mensagem engraçada), a resposta chegou em forma de mensagem. Em resumo: Não! Não tinha sido aquele o homem que visitara à loteria no dia do crime. Maggie nos deu certeza. O homem que a abordou era bem mais velho do que a foto, não tinha cabelos, diferente do então suspeito que protagonizava as imagens, o sujeito tinha cabelos claros.

Obrigado por nada, Maggie, voltamos para estaca zero. Retrocesso total! Sem identificação de suspeito, não haveria como interrogar os representantes da Intercorp. Sem intercorp, sem culpado, pensei.

Ficamos a noite toda naquele cubículo da delegacia. Sofia e eu, pois André tinha saído após constatar o alarme falso, havia muito trabalho ainda a ser feito e o rapaz tinha família. Assumi o controle do computador que reproduzia o vídeo, já tinha avançado e atrasado as imagens inúmeras vezes. Todo o meu conhecimento tecnológico, o esperado de um jornalista, foi utilizado em busca da identificação do suspeito. Sem sucesso. O indivíduo aparece em dois momentos na gravação: Quando invade a casa de Hélio, calma e sorrateiramente, porém de costas; e quando deixa o local, desta vez com mais velocidade, tentando se desvencilhar da cena do crime. Apesar de estar de frente para a câmera, que não é (nem de longe) referência em qualidade de imagem, seu rosto aparece distorcido. Entre as imagens, tudo o que é exibido consiste na fachada da casa, que só é alterada por um clarão (muito breve), provavelmente oriundo do disparo efetuado por nosso incógnito assassino. O desespero se instaura, Sofia parece ter entregado os pontos. Diferente de mim, que ainda não havia desistido da minha incumbência de exterminar mais aquele mistério.

Na tentativa de preencher o tempo ocioso (não estava totalmente convencido da efetividade da ação), resolvi repassar meus passos no dia em que visitei a casa da vítima. Não havia nada além de sala e cozinha no andar de baixo, o sujeito do vídeo parecia conhecer este fato também, pois não perdeu tempo no local, seguiu direto para os quartos, pois o clarão, sem

sobras de dúvidas, veio da parte de cima da casa. Então, quem quer que tenha cometido aquela atrocidade, entrou na residência dos Silva e correu em direção à escada, certamente passando por aquela foto esquisita que mostrava Hélio (desconfiado) abraçado com um homem sorridente. *Mas espera um pouco*, Pensei.

- Como não lembrei desta foto antes? - Falei alto na sala, despertando Sofia de seu cochilo.

- Que foto Jonah? Está ficando maluco? Você quase me mata de susto. - Resmungou a moça.

- A foto! Sofia. Na casa de Hélio existe uma foto em que ele abraça um homem sorridente, esta foto fica pendurada na parede oposta ao corrimão que dá acesso aos quartos. -Expliquei.

- Como você sabe de todos estes detalhes, Jonah? Quando nos encontramos no dia do crime, você me falou que não era parente da vítima. Me explica isso direito.

- Não é isso. Esta foto me chamou muito a atenção no dia em que visitei a cena do crime. Pude verifica-la enquanto me dirigia até o quarto, onde o corpo estava estirado. Obrigatoriamente, tive que subir as escadas. Tentei explicar.

No afã da excitação, acabei não me atendo a todas as consequências daquela informação (principalmente sobre o laço que estava sendo construído com a detetive). Não havia sido no dia do crime que realizei a vistoria na residência de Hélio, mas quem, em sã consciência, revelaria (por livre e espontânea vontade) para uma detetive habilidosa que invadiu uma propriedade privada? Ainda mais de dentro da DP? Jamais! Resolvi então apelar para a curiosidade da jovem moça, o que seria melhor para desviar a atenção do que uma nova pista? Ainda mais daquela magnitude? Na tentativa de encobrir o ato-falho, emendei o motivo pelo qual estava tão agitado com a foto.

- O rapaz que estava feliz na foto, abraçando Hélio, tinha o mesmo comprimento de cabelo desta figura que aparece nas imagens, Sofia. Só pode ter sido ele! - Revelei.

Minha pose foi sustentada por meu semblante sereno, mas, por dentro, estava rezando para não ser pego. Se Sofia descobrisse que visitei a casa da vítima, logo, logo, estaria na lista de suspeitos, ou pior, perderia meu lugar de assistente na investigação. Seria horrível!

- Mas ele quem, Jonah? Você ao menos conhece o rapaz da foto? -

Perguntou a detetive.

Respirei aliviado, as suspeitas da detetive implicavam que realmente o fato revelado por mim seria mais importante do que aquele *pequeno* detalhe que resolvi ocultar. Assunto superado, vamos focar na investigação.

- Não, este é o problema. Mas conheço alguém que pode nos ajudar com esta informação. - Surpreendi a moça, mantendo o foco na busca por respostas (bom trabalho!).

- Quem? - Fala logo.

- A ex-esposa de Hélio, ela viveu naquela casa por anos. Certamente, deve ter cruzado inúmeras vezes com o retrato, enquanto utilizava as escadas.

- Conclui.

- É verdade. Eu ainda tenho o contato dela, nos falamos no dia do crime, quando comuniquei a ocorrência. Foi horrível! - Lamentou Sofia, arqueando os ombros para frente e declinando um pouco a cabeça.

- Ótimo! É possível imprimir a imagem? – Apontei para o monitor que estava congelado na figura misteriosa parada à porta da casa de Hélio.

- Sim, claro. – Sofia atravessou minha cadeira, ficando entre mim e o computador, teve que se abaixar um pouco para realizar os comandos e pude desfrutar daquela paisagem maravilhosa que era sua silhueta diante de mim. Fiquei hipnotizado por alguns segundos.

- Jonah...Ei! – A moça estava estalando os dedos para me despertar do transe – E agora? – Suas mãos estavam espalmadas, em sinal de indecisão.

- O quê? – Demorei um pouco para voltar, sacudindo a cabeça para ajudar no processo – Ah, sim... tudo o que temos a fazer agora é pegar o retrato na casa de Hélio e levá-lo também para o reconhecimento da viúva.

- Positivo! Mas amanhã... – Sofia subiu a manga da camisa para certificar-se do horário, parecia um ritual de encerramento de encontros- por acaso você já deu olhada na hora? Já está muito tarde para importunar uma senhora de luto.

- É mesmo, não havia percebido o tempo passar.

Não tinha como perceber o avanço do tempo, estava em boa companhia e fazendo aquilo que me dava mais prazer (importunar as pessoas): Desvendar enigmas. Tinha provado o gosto doce e suave do mistério e estava ficando viciado. Com Sofia, não deveria ser diferente. Estávamos na mesma sintonia, parecia que nos conhecíamos há muito tempo, deve ser assim que acontece quando você encontra sua outra metade. Eu só queria que aquilo tudo passasse logo, para então poder focar na próxima missão (a de conquistá-la)

que culminaria com a bela jovem nos meus braços. Mas isto ficaria para depois, quando descobríssemos o infeliz que acabou com o sonho do pobre arquivista da fábrica de solventes, aquele que portava o crachá com a matrícula 23. Que ele tenha encontrado a luz e recebido o descanso eterno.

CAPÍTULO 8 – SORRIA, VOCÊ ESTÁ SENDO FILMADO

Novo dia, novo desafio: descobrir quem era o rapaz que estava ao lado de Bruce na foto. Enquanto aguardava Sofia, desta vez no meu apartamento em Redmond, pois não havia sentido voltar tarde da noite para Santa Madre, atendia ao chamado irritante do meu celular, que insistia em anunciar a ligação (costumeira) de McDowell, devidamente categorizado em minha agenda como “DST”, convenhamos que causava o mesmo desconforto.

O velho estava furioso, pois ainda não tinha enviado nenhum novo relato sobre o andamento do caso.

– O jornal não vai se vender sozinho, precisamos de notícias! É disso que eu vivo...E você também, por tudo o que há de mais sagrado, você está no olho do furacão, Jonah. Trate de agarrar alguma coisa que nos renda, pelo menos, uma página. Estamos sem nada.

- Como assim não tem história? É só divulgar o ganhador do prêmio da loteria, que estava acumulado, afinal o bilhete foi resgatado, não foi? - Perguntei, no intuito de sondar sobre se poderíamos incluir mais alguém na lista de suspeitos.

Neste momento, olhando pela janela, percebo a viatura policial de Sofia encostando em frente ao meu apartamento, precisava me desvencilhar do velho que alugava meu ouvido com aquela ladainha incessante.

-Lógico que não, seu imbecil! A única coisa que recebemos foi uma suspeita de homicídio em um condomínio próximo da cidade, mas não me recordo o nome agora, alguma coisa dos anjos, sei lá. - Relatou McDowell, encerrando a chamada na minha cara, sem aviso prévio, algo constante em se tratando do *lorde inglês* que ocupava a cadeira de editor-chefe no jornal nas horas vagas, mais conhecido como meu patrão.

Se eu não precisasse tanto daquele emprego, já teria mandando aquele velho para o Inferno! Pensei, enquanto já descia as escadas. Sofia me aguardava na entrada do prédio.

Minha excitação durou somente até realizar que (talvez) o destino de nossa próxima jornada não me traria tanta felicidade como achava que deveria. Apesar de entender que a razão de minha presença no local fosse

para resolução do crime, ainda não mudaria o fato de que aquele endereço presenciou os últimos suspiros de Hélio. Mas como iríamos levar o retrato que ficava pendurado na parede da escada sem visitar uma vez mais, aquele ambiente mórbido?

Não havia jeito, a tarefa era indelegável, Sofia não saberia de qual retrato me referia (apesar da localização ser autoexplicativa). Tinha de ser eu, novamente meu destino estava entrelaçado com o do apostador misterioso. Só não saberia explicar se por ação das forças ocultas do universo ou por minha própria vontade. Mesmo assim, não havia muito o que pensar.

Não era o momento de pesar sobre minha vida, eu ainda respirava (graças por isso), enquanto mais um indivíduo teve seu fim decretado e, o mais intrigante, em uma região próxima a Santa Madre. Será que havia alguma conexão entre os crimes? E o prêmio, por que não foi resgatado ainda? Quem quer que tenha invadido a casa da Hélio e, tirado sua vida, deve ter conseguido subtrair o bilhete premiado. Mas será que estava ganhando tempo, esperando a poeira baixar? Mesmo assim, uma quantia estimada em mais de R\$ 100 milhões seria uma bela ajuda para a fuga. Talvez dinheiro não fosse problema para o criminoso.

Tudo isto estava sendo conjecturado, mas de forma solitária. Ocupado com meus pensamentos, não percebi que havia deixado Sofia de fora da *reunião*. Apenas trocamos um “Bom dia” quando entrei no carro e coloquei o cinto, a detetive, como era de se esperar, não suportaria aquele suspense por muito tempo.

- O que você tem hoje? Está tão calado. Não falou nada desde que entrou no carro. Só fica aí, com essa cara de assustado, o que está remoendo? – Implicou.

- Não é nada, Sofia – resolvi amenizar – mas você deve concordar comigo que não se trata de uma visita prazerosa esta que vamos fazer, não sei como vou reagir em pisar novamente no local onde uma vida foi retirada. Você deve estar acostumada com isso, afinal faz parte de sua profissão, mas para mim, que passo o dia escrevendo notas de jornais, ainda é traumatizante. – Desabafei.

- Entendo, Jonah. Para mim, acontece da mesma forma. – Disse Sofia, desviando um pouco o olhar para a janela, onde outros carros passavam rapidamente. Pelo espaço daquela janela, parecia mais um festival de cores, todas elas turvas, deixando uma marca nos olhos, quando eles fechavam.

- Como assim, Sofia? Achei que, com o tempo, os policiais fossem

endurecendo, já vi alguns até falarem isso, que não se importavam mais.

- Tudo balela! Não importa quanto tempo passe na polícia, Jonah, é sempre um soco no estômago quando escutamos o código Alpha 01, que é o termo que usamos para homicídio. É sempre difícil e a experiência pode ajudar a aceitar o porquê que essas coisas acontecem, mas esquecer, jamais.

Aquela informação foi recebida com surpresa por mim, não havia analisado por esta ótica, tinha firmado um estereótipo de *durão* para todos os policiais, esquecendo que antes da farda, havia uma pessoa. E que pessoas pensam diferente e até agem de formas distintas. Mesmo existindo um padrão de comportamento aceitável na corporação ou uma expectativa que o uniforme traz consigo perante a sociedade, eventualmente, podem existir diferentes perfis, como em toda a profissão. *Não é somente o número no distintivo que muda*, pensei.

Alpha 01, então era assim que a moça do rádio avisava as viaturas da ocorrência de homicídios. Eu só conseguia pensar em quantos “alpha 01” Sofia antedera durante o tempo que estive na corporação. Seu pai, certamente, diversos, será que passaria a casa das dezenas? A palavra “homicídio” ficou rondando em minha cabeça, enquanto seguíamos para Santa Madre e finalmente consegui achar o motivo de toda sua resistência em partir. Desta vez, resolvi compartilhar a informação.

- Sofia – a moça respondeu, fazendo gesto com a cabeça para que continuasse - você atendeu alguma ocorrência de homicídio mais cedo? - Questionei.

- Não, nós recebemos a chamada, mas enviei André para averiguar. Não tinha como atender o chamado e te buscar em casa ao mesmo tempo. Mas como você soube disso? Não faz duas horas que recebemos a denúncia. – Agora a atenção estava totalmente voltada para mim, os carros que passavam na outra via foram deixados de lado.

- Meu chefe me falou, o jornal recebeu um aviso. Será que estes crimes podem estar interligados? - Lancei a desconfiança.

- Você acha, Jonah? O que te levou a essa conclusão?

- Pensa bem, há quanto tempo não ocorre um homicídio nesta região? E agora, de repente, dois crimes em menos de uma semana? Isto é muito estranho. – E era mesmo, algo que jamais eu conseguiria descobrir sozinho, mas, por sorte, podia contar com os recursos da polícia. Nada como andar bem acompanhado, não?

- Realmente. Eu não tinha analisado por este ângulo. Você pode estar

certo. Depois que falarmos com a Sra. Silva, liguei para André em busca de maiores detalhes sobre o outro crime. - Disse a detetive.

A informação poderia esperar, o momento agora era de concentração máxima. O destino tão temido por mim, objeto de minhas investigações durante as últimas semanas (ele e seu proprietário), havia chegado. Sem motivos para procrastinações - a viúva nos aguardava, e não poderíamos abusar de sua paciência-, descemos do carro após uma troca peculiar de olhares (só gostaria que o motivo fosse outro, a imagem era linda, mas o momento estragava tudo), e meus passos foram guiando meu corpo até à porta da frente. A casa era a mesma, continuava lá, o dono é que havia partido.

Realizei o exato movimento que fizera antes, quando estive diante da mesma porta (agora enfeitada com fitas amarelas) e a barreira de madeira imediatamente respondeu ao meu comando, como uma entidade maligna que se aproveita do poder de persuasão para atrair a vítima até o cenário de horror, me convidando para invadir o ambiente. Para extrair o lacre e deflorar toda sua inocência. Só que o convite em nada era ingênuo, o objetivo da porta enfeitada era despertar em minha mente, todas aquelas cenas de horror presenciadas no dia posterior ao crime. Era meu dever obedecer, não poderia declinar, a justiça dependia de mim, e de minha companheira, que percebendo meu momento de hesitação, tratou de apressar as coisas.

- Jonah, está esperando o quê? Não tenho todo o tempo do mundo. Vamos logo com isso. – Exclamou, passando o braço por entre os vãos das fitas e as rompendo, enquanto chacoalhava a mão. Semelhante ao movimento que fazemos quando nos desvencilhamos de teias de aranha. Mas aquela trama era muito mais complexa do que um simples emaranhado de fios.

As fitas amarelas com inscitos de advertência caíram, não restando mais nenhum empecilho para avançar. Sofia prosseguiu, me deixando sozinho do lado de fora, pesando sobre se realmente deveria pisar novamente (pela terceira vez) naquele piso que parecia estar amaldiçoado. Adentrei, deixando meus receios do lado de fora, mas uma dúvida continuou me acompanhando: *Será que deveria contar tudo à Sofia?* Afinal a moça já deveria saber, ou pelo menos desconfiar, que já estive aqui antes da ocorrência. Apesar de meus esforços para encobrir o fato, receio não ter atingido sucesso total na missão.

Então, quando de forma inconsciente, obedecendo aos meus instintos, passei pela porta já me virando para o lado direito em direção às escadas (local da foto), sem mesmo hesitar ou analisar o ambiente, - aquilo se

configurava em uma autoconfissão muito clara para a talentosa chefe de polícia ignorar. Fui traído por minha própria vontade de esclarecer o crime, que ironia, não? - Sofia soube exatamente o que estava acontecendo, acho que perguntou somente para desencargo de consciência. Assim que coloquei o pé no primeiro degrau, meus ouvidos receberam o ultimato, encolhi os ombros (corroborando ainda mais com a culpa) e me virei somente para que visse minha face de culpado.

- Espere um pouco, Jonah. Eu vou fazer esta pergunta uma vez mais, e será a última. Quero que pense bem antes de responder, isso pode influenciar nossos próximos passos, e não estou falando destes que dará para subir a escada... – O tom da voz da moça era suave e as palavras saíam espaçadas, não tive sequer a possibilidade de encenar uma confusão no entendimento.

Tudo o que fiz foi engolir seco, como um menino assustado por ter sido pego colando na prova. Eu estava trapaceando, era a verdade, mas as consequências, naquele caso, não seria somente meu desempenho escolar.

- Jonah, preste atenção, você já esteve aqui antes, não esteve? Quer dizer, antes do homicídio de Hélio, certo? – Sofia parecia querer se certificar de que estava sendo acompanhada de um ajudante na investigação, e não do próprio assassino.

A figura paralisada ao pé da escada, praticamente sem coloração, em virtude da falta de circulação de sangue, vulgo Jonah Martins, resolve se manifestar.

- Ah, Sofia! Você é talentosa demais para ser enganada – lamentei, pousando a mão na testa, o suor corria em bicas – sim, estive aqui antes, mas só uma vez! – Ressaltei, como se fosse amenizar a culpa.

- Então, por que mentiu para mim quando perguntei se conhecia a vítima? – Diz Sofia, movimentando os olhos de forma frenética, como um computador que está processando algum comando ou procurando algum arquivo. Ela também estava e o nome da pasta seria: “ONDE ESTAVA COM A CABEÇA QUANDO DEIXEI UM CIVIL ACOMPANHAR A INVESTIGAÇÃO”.

- Não menti, Sofia. Eu não conhecia Hélio, não tão bem quanto acha, pelo menos. – Minha situação naquele momento era semelhante de alguém que estivesse se afogando, tentando se agarrar em algo para evitar a submersão. Mas já estava imerso até os últimos fios de cabelo na mentira que criei, só podia esperar que a verdade me puxasse de volta.

- Eu não estou entendendo, qual o motivo então de ter frequentado a casa da vítima? Foi Hélio que te convidou?

- Na verdade, eu não fui convidado. O fato é que...
- O quê, Jonah? Fale ou terei que pedir que saía da residência, o local está sob a jurisdição da polícia.
- Eu vou falar, Sofia, mas antes quero me certificar de que não serei preso.
- Preso? Por que você seria preso? – Instintivamente, a mão da detetive procura a arma que está no coldre, a possibilidade de estar diante de um transgressor fez um alerta piscar na cabeça de Sofia, operação padrão.
- Calma, não precisa ficar nervosa. – Minhas mãos estavam espalmadas, passando o código visual de PARE ou NÃO ATIRE. Pelo menos, não ainda, me deixe confessar o quão babaca sou.
- Fale logo, Jonah. Não estou gostando de como esta conversa está se desenrolando.

Preso naquela encruzilhada, fui obrigado a revelar todos os detalhes, começando por minha visita no Domingo à casa vazia até chegar no início da história, com a primeira visão do ser misterioso, enquanto falava com Abreu na lanchonete. Sofia se acalmava a cada frase, o receio que tinha de estar na companhia de um criminoso foi diminuindo, acabou se tornando rispidez, desconfiava que o motivo seria a quebra de confiança entre nós. *Bom trabalho, idiota!* Pensei.

- Então, vamos? Posso subir e pegar a foto que viemos buscar sem uma arma apontada para minha cabeça? – Era para ser uma colocação amena, que faria Sofia sorrir e esquecer todas nossas indiferenças, mas o efeito não foi o bem o que esperava.

A detetive de cabelos vermelhos apenas fez um gesto, abanando a mão esquerda para que eu executasse o movimento, já se virando para não ter que me olhar. Certamente, a fúria estaria queimando suas entranhas, exterminando todas as minhas últimas chances de conquistá-la, enquanto eu tentava desempenhar o papel de *engraçadinho*. O que já era difícil se tornou inalcançável.

De posse do retrato, retornamos para o veículo e somente o barulho de nossas pegadas no chão empoeirado era ouvido. O mesmo aconteceu quando o veículo iniciou o movimento, tudo o que quebrava o silêncio constrangedor era o assobio do vento passando pelas janelas entreabertas. Eu ficava encarando a foto (cuidadosamente disposta em meu colo), na qual Hélio estava com uma cara desconfiada, enquanto o outro rapaz exibia um sorriso de dar inveja a qualquer criança na manhã de natal. Aquilo se deu até o fim

de nosso trajeto.

Enfim, chegamos na residência de Dona Sônia (sogra de Hélio), mãe de Sílvia. Christie estava na varanda, abraçada com um urso de pelúcia de tamanho (bastante) avantajado. A cena era desconcertante, a menina se balançava em uma cadeira velha de madeira, enquanto suas lágrimas eram arremessadas por todo piso, às vezes, chegavam a alcançar o jardim, triste demais. Minha vontade era de registrar aquele momento de sofrimento da garota e esfregar na cara do bandido que lhe causou esta dor, repetindo o momento sem parar, somente para que o desgraçado homicida sentisse o mesmo vazio eu que sentia no peito naquele momento. Isso se ele ainda tivesse um coração (ou se este ainda pulsasse).

- Bom dia, Sílvia. Você deve se lembrar de mim, eu sou Sofia. Responsável pela investigação do seu esposo, digo, ex-esposo. – Sofia tomou a frente das apresentações, se dirigindo para a viúva, enquanto eu permanecia agachado, tentando animar a garota.

- Lembro, sim. Vocês vieram por causa de alguma foto que acharam...é isso? Não deu para entender bem, a ligação estava um pouco ruim. -Disse a viúva.

- Ligação? – Sussurrei para Sofia, que me mandou ficar quieto, provavelmente a moça realizara o contato antes de me apanhar no apartamento, talvez se certificando que seríamos recebidos no lugar.

- Sim, Dona Sílvia. Eu sou Jonah, repórter do Diário do Povo, mas não se preocupe, não vim pegar nenhum depoimento da senhora. Estou aqui para ajudar na investigação. - Complementei as introduções.

- Ok, espero que respeitem minha dor. Apesar de estarmos separados, Hélio era uma pessoa especial para mim e um pai maravilhoso para Christie.

- Claro, Sílvia. Estamos aqui para ajudar. Esperamos que a captura do assassino possa, ao menos, amenizar a dor. -Falou Sofia.

Busquei as fotos na viatura, enquanto Sofia ainda emitia palavras de conforto para a família do morto. Antes de mostrá-las à Sílvia, mesmo que não pudéssemos adiantar sobre o real objetivo da identificação -isto para não influenciar na resposta da testemunha de reconhecimento- tentamos enfatizar sobre a importância daquela informação para o andamento do caso.

Na verdade, estávamos desesperados, acaso não houvesse nenhuma relação entre a imagem das câmeras de vigilância e o retrato na parede da casa da vítima, voltaríamos à estaca zero (mais uma vez). Nossa estratégia seria a seguinte: Mostrariamos, primeiro, o retrato da escada. Depois,

havendo a identificação do sujeito (quem sabe parente de Hélio), seria a vez da filmagem do invasor no dia do crime.

- Antes de tudo, eu preciso de sua autorização para gravar o conteúdo deste depoimento. OK, Sílvia? - Enfatizou Sofia, que recebeu um sinal afirmativo de volta.

- Dona Sílvia, a senhora pode nos dizer quem é esta pessoa na foto com Hélio? – Disse Sofia, enquanto eu transferia a posse da imagem para a abalada senhora Silva.

- É claro que sei. Este é o Gringo, quero dizer, Bruce. Era o melhor amigo de Hélio, os dois se tratavam como irmãos. Esta foto foi tirada no aniversário de Lucy, esposa de Bruce, eles fizeram um churrasco para comemorar. Mas o que isto tem a ver com crime? O que vocês estão insinuando? Bruce jamais faria isto! - Indagou Sílvia, se desfazendo da posição do Sofá, erguendo o corpo que parecia exausto por toda a carga imposta por aqueles dias.

- A senhora, por acaso, conseguiu encontrá-lo depois do crime? Sabe onde ele mora? - Prosseguiu o interrogatório a detetive.

- Não, o que foi muito estranho para mim, pois Bruce nunca recusava nenhum contato, sempre estava disponível para nos atender, sempre que Hélio precisava ou até mesmo quando era algo com Christie, ele nunca nos faltou.

- A senhora comentou sobre um churrasco na casa de Bruce, poderia nos passar o endereço? - Perguntei, mesmo sabendo que poderia invalidar o interrogatório.

- Bom, eles não moram mais nesta casa, onde a foto foi tirada. Hélio me disse que Bruce havia se mudando com a família para um lugar chique, um condomínio de luxo. Mas não me recordo do nome.

- Tem algo com anjos no nome? -Continuei, minha cabeça já estava maquinando a próxima pista, acaso a resposta fosse afirmativa, já saberíamos onde seria dado o próximo passo.

- Sim, isso mesmo! Não sei ao certo o nome todo, mas tinha algo com anjos no nome, é um condomínio de alto padrão, não muito distante de Redmond. - Disse Sílvia.

- Não tem problema, Sílvia. Você precisa de um tempo ou uma água? - Ofereceu Sofia.

- Não, estou bem. Só quero que este pesadelo acabe logo. Quanto mais rápido eu responder as perguntas, mais cedo vocês vão embora. -Resmungou a viúva.

- Estamos acabando, já iremos te deixar em paz. Mas, antes preciso que dê uma olhada nesta gravação que foi capturada no dia do crime, minutos antes do assassinato ocorrer. Veja se consegue identificar o sujeito que aparece em frente à porta da casa de Hélio. - Continuou a detetive.

- Esse cabelo... – Sílvia apertava os olhos e passava a mão no queixo, como se esfregasse uma lâmpada mágica - eu já vi este cabelo em algum lugar. Não tem um ângulo de frente? Não dá para ter certeza, olhando somente as costas.

- Infelizmente, só trouxemos a imagem congelada. – Lamentou a detetive.

-Espere, Sofia. – Levantei o dedo como um aluno que acaba de fazer uma descoberta genial na aula de física (que audácia!).

- O quê, Jonah? – Se virou a policial com o cenho franzido, pareceu não entender como minha interrupção ajudaria.

- Você tem a cópia do vídeo em seu celular, André enviou enquanto estávamos na delegacia, não lembra?

A detetive bate a palma da mão na testa, como se não acreditasse em sua capacidade de esquecer algo tão importante como aquele. Ainda bem que havia alguém talentoso o suficiente para lembrá-la (ponto para mim).

- Você tem razão, mas não sei mexer direito nestas coisas. – Ela afasta o celular das mãos, como se o artefato estivesse fumegando ou fosse radioativo. – Tome, Jonah, assuma daqui.

Avancei o vídeo até a saída do criminoso, passando pelo clarão fatal. Então, a moça enlutada nos forneceu a maior informação, o maior avanço desde o início de nossa arrojada investigação, confesso que, até aquele momento, não tinha certeza se chegaríamos a um ponto final. Mas, ao que tudo que indicava, e agora confirmado pela ex-mulher da vítima, chegamos.

- Pause, por favor. Não pode ser! Aquilo é um cifrão? -Perguntou a espantada Sílvia.

- Onde? -Devolvi a pergunta.

-No pescoço do suspeito. - Completou a viúva, apontando para a tela do celular, exatamente onde o objeto aparecia.

- Sim, dá para ver nitidamente que se trata de um pingente dourado, preso em uma grossa corrente, também de ouro, no pescoço do indivíduo. - Ratifiquei.

- Não pode ser! Ele não seria capaz de uma traição desta. – Sofia cobria a boca com a mão, e ainda assim emitia as palavras, era difícil saber exatamente o que falava, mas era importante demais para interrompermos,

não poderíamos quebrar a linha de raciocínio da entrevistada. -Bruce carregava um pingente preso a uma corrente que ele não tirava nunca. É o mesmo pingente que aparece na imagem, o dono deve ser o mesmo também. -Finalizou, Sílvia, que estava totalmente arrasada àquela altura.

Sofia encerrou a gravação, enquanto consolava a moça em prantos. Percebendo toda aquela comoção, Christie abandonou seu companheiro urso e partiu em disparada para abraçar sua mãe. Lancei um olhar para Sofia, que era um misto de fúria por aquela atrocidade e sofrimento pela dor da família de Hélio. A detetive retribuiu, mas, infelizmente, era preciso partir. A melhor maneira de lidar com o luto (agora duplo, contando com minha mãe) era ocupando a mente, e a minha estava a todo vapor naquele momento.

Alertei a policial sobre o horário e lembrei-a do nosso compromisso com a investigação que estava sendo acompanhada por André. Ela precisaria fazer a ligação para ratificar nossa suspeita de que Bruce estaria envolvido em mais um homicídio, poderia ser um caso de assassinato em série, ou quem sabe, queima de arquivo. O fato era de que o rapaz, caso André confirmasse seu envolvimento, estava disposto a exterminar tudo o que atrapalhasse seu caminho.

- Temos que ir Sílvia, espero que você se recupere rápido. Temos que checar sobre esta pista que nos leva a Bruce. Nós te manteremos informada. Fiquem bem. – Diz Sofia, enquanto afagava a pobre menina do urso gigante.

Saímos do local, mas antes mesmo de efetuar a partida na viatura, a ligação (tão aguarda por mim) foi realizada pela detetive (já não era sem tempo).

- André? – Após alguns tons, a voz de Sofia se desprende. -Você ainda está no local? Preciso de informações sobre a ocorrência. Já conseguiu identificar a vítima?

- Sofia, você precisa vir para cá. Isto aqui está uma verdadeira bagunça. A casa pertence a Bruce Pereira, fica no condomínio Alameda do Anjos. Mas não dá para identificar a vítima, a cabeça praticamente explodiu. - Concluiu o imediato.

- Ok. Estou a caminho. Me passe o endereço pelo GPS da viatura. Até já.

A coisa estava ficando cada vez mais estranha, o envolvimento de Bruce estava praticamente confirmado, sendo a ocorrência em seu endereço (como suspeitávamos). Mas teria sido ele a vítima? Mas como? Se Sílvia afirmou que recebera uma ligação do próprio, a prestando condolências e afirmando que estava em Orlando? Teria sido uma tentativa de ludibriar a viúva, a

afastando de qualquer ameaça iminente? Será que alguém, possivelmente da Intercorp, não queria que ele abrisse a boca? É isso que vamos checar no endereço e, pela velocidade que a garota conduzia o veículo, não demoraríamos a chegar. Como havia mencionado, a moça conseguia ser mais ansiosa do que este que vos fala.

Neste pouco tempo de convivência - que em minha opinião, consistia na melhor coisa que me ocorreu desde a minha chegada em Santa Madre- pude perceber que, quando Sofia está neste estado, não adianta nem argumentar, pois nenhuma palavra será absorvida pela mente acelerada da moça. Simplesmente, palavras ao vento. O estado (quase) de transe da policial só foi quebrado quando avistamos aquele arco gigante que dizia: “Bem-vindo a Alameda dos Anjos”. O condomínio era de alto padrão, assim como Sílvia relatou. *Bruce deveria ganhar muito bem no Black Bank*, pensei.

A casa, como todas as outras, era enorme, estava cheia de policiais, mas não havia ninguém da família. André nos recebeu.

- Bom dia Sofia, temos um cadáver sendo avaliado pela equipe forense. Verificamos alguns documentos, algumas correspondências, esta era residência de Bruce. Temos confirmação também dos vizinhos.

- Oi, André. E a família, conseguiu verificar o paradeiro deles? - Questionou Sofia.

- Segundo os vizinhos, eles parecem ter viajado há, pelo menos, uma semana. Bruce não foi. Somente a esposa e os dois filhos, um casal. - Relatou André, lendo as informações em sua caderneta.

- Ok. Vamos entrar, eu preciso ver o corpo.

Por dentro, a casa confirmava o fascínio que impunha na parte externa. Era simplesmente espetacular. Um verdadeiro palacete. Era impossível que um funcionário de banco conseguisse comprar tudo aquilo. A cena do crime estava localizada no que parecia ser o escritório de Bruce. O deslumbre da casa logo se perdeu quando adentramos ao cômodo. Além do fedor exalado por aquele corpo, praticamente decapitado, um rio de sangue se formou em volta da cadeira onde estava.

Um homem, sem camisa, vestia uma espécie de roupão originalmente branco, mas que assumira a coloração vermelha (tingido pelo sangue), além disso portava um calção azul claro, que parecia mais uma cueca. Um par de chinelos, provavelmente utilizados para sair da cama, calçavam seus pés. À sua frente, uma mesa de escritório imponente, toda em madeira entalhada, que naquele momento tinha uma única utilidade: acomodar os pedaços de

massa encefálica que voaram com o impacto do tiro.

A arma, ainda empunhada pelo desprovido de vida, era calibre 12, cano simples. Apesar de não entender nada sobre munição, escutei a especificação enquanto Sofia conversava com sua equipe. Apesar de ser impossível o reconhecimento visual, pelo fato da cabeça estar espalhada por todos os metros quadrados daquele escritório, menos em cima do pescoço da vítima, Sofia e eu constatamos a identidade do infeliz, uma vez que o mesmo portava a famosa corrente dourada acompanhada do pingente que remetia à riqueza, dinheiro, poder. Definitivamente, era Bruce sentado àquela cadeira.

Mas a mesa também guardava mais informações, além daquela matéria orgânica em decomposição (horrenda) espalhada por sobre sua superfície, apontada para o defunto, havia uma câmera, destas portáteis, apoiada em um tripé, seu visor também foi virado para facilitar o enquadramento da própria pessoa que estava sendo filmada. Tudo indicava se tratar de um vídeo de despedida. E este vídeo certamente esclareceria, ao menos, o que ocorrera no escritório, antes de a polícia chegar.

A policial de cabelos vermelhos, logo após se certificar com a equipe que coletava as evidências do corpo, e envolver aquelas mãos delicadas com um par de luvas de látex, tratou de agarrar o aparelho com intuito de reproduzir o conteúdo o mais rápido possível, era a ansiedade de novo.

Após alguns momentos de desentendimento com a máquina, e algumas chacoalhadas para incentivar a filmadora a revelar o segredo (sem resposta, o máximo que conseguiu foi verificar o sinal de bateria fraca). Uma pausa para procurar o carregador, que estava na gaveta da própria mesa e, enfim, o vídeo começara a aparecer no pequeno visor: Bruce (era o mesmo que sorria na foto com Hélio, sem dúvidas) aparecia duas vezes no enquadramento, se movimentando de um lado para o outro, como se ainda estivesse se decidindo sobre colocar seu plano fatal em prática.

Depois, o homem senta na cadeira e empunha a arma que estava encostada no móvel, para logo em seguida apoiá-la novamente. Ele precisava das duas mãos para ajustar a posição do tripé. *Quem se preocuparia em ajuste de imagem em um momento destes?* Pensei. Mas, logo percebi que se tratava de uma mensagem importante e ele só teria uma chance de gravá-la. Era preciso ter certeza de que sua morte valeria a pena. Imagine se ele tivesse se matado sem apertar o botão de gravar? Talvez isto tivesse mais chances de acontecer comigo, o rei do atabalhoamento. Mas Bruce, Não. O homem era formado em TI (pelo menos era isto o que dizia o diploma pendurado na

parede). A própria casa estava repleta de equipamentos *hi-tech*.

Após os ajustes executados, Bruce começa se identificando, colocando informações sobre seu perfil, acredito que para dar maior veracidade aos fatos. Informações triviais, isto até chegar no conteúdo de alta confidencialidade. Que abalou todas as estruturas, tanto da investigação da polícia, representada por aquela deusa de pele branca e cabelos vermelhos, quanto para a minha pesquisa, representando por este inexperiente jornalista.

O conteúdo é bombástico, mas infelizmente, não posso te passar maiores informações no momento. Estou muito ocupado. Tenho outra manchete para redigir e esta será de duas páginas. Por que você não compra o exemplar de amanhã do Diário do Povo ou então volta um pouco na história para se certificar de que não perdeu nenhum detalhe? Ou posso te ajudar mais tarde, mas garanto que você não precisará de apoio. Nos vemos depois. Grande abraço. Preciso falar com meu chefe.

CAPÍTULO 9 – AMIGO DÁ SORTE

Bruce era meu amigo desde sempre, crescemos juntos. Era filho da Dora e do Seu Olivo da Padaria. Rapaz sonhador, sempre teve a ambição de conquistar o mundo. Eu, por outro lado, se conseguisse constituir uma família já seria o homem mais feliz do planeta. Sempre fui apaixonado por Sílvia, desde a época do colégio, e Bruce sabia disso.

Cursamos praticamente todo o colegial juntos, era sagrado irmos ao cinema todo sábado. Bruce adorava os filmes de terror e também minha cara de assustado enquanto assistíamos. Só nos separamos na faculdade. Bruce se enveredou para o caminho da computação, sempre teve facilidade em mexer naquelas máquinas falantes e problemáticas, tanto que passou no curso de Tecnologia de Informação. O rapaz era entendido do assunto, certa vez descobriu uma forma de entrar no sistema de geração de ingressos do cinema da rua principal, acho que aquela foi a semana em que assistimos mais filmes em toda a nossa vida. Foi demais.

Eu tinha aversão à máquina, gostava mesmo é de papel. Adorava livros de capa dura e a palavra “protocolo”. Vai entender, né? Resolvi, então, cursar biblioteconomia. Achava que não iriam faltar livros nesta profissão. Tinha razão, em parte. Consegui logo um estágio em uma multinacional, uma fábrica de solventes. Pouco mais de um ano depois, fui efetivado. Achei que aquela era a chance de convidar Sílvia, a garota dos meus sonhos, para sair.

Voltando ao Bruce, a esta altura, ele já estava trabalhando em um banco. O garoto fez o concurso e se deu bem. Virou estatutário. Garantido para o resto da vida no emprego. Mas aquilo ainda era muito pouco para o jovem que queria dobrar o mundo ou melhor, que ele se dobrasse a seus pés. Logo se enturmou com os demais companheiros de trabalho. Sempre solícito e disponível para ajudar, era a solução para qualquer problema naquelas máquinas irritantes. Acabou ganhando a confiança das pessoas, era difícil encontrar alguém na agência do centro de Redmond que não conhecesse o “Bruce de TI”.

O banco em que Bruce trabalhava, além de oferecer os pacotes triviais e as “mirabolantes soluções” para organizar sua vida, como toda instituição financeira, também era responsável pelo sistema de loterias do estado. Não

demorou para meu melhor amigo, um irmão que a vida havia me presenteado, crescer em seu trabalho. Lembro de ser comunicado a cada promoção ou gratificação que ele conquistava. Uma dessas ligações, a última para esta finalidade, foi para informar sobre sua transferência para o setor de processamento de dados, justamente o núcleo de loteria. Com isso, ele teria que deixar a agência do centro para trabalhar no escritório na matriz nacional do banco.

Éramos felizes com a vida que levávamos, porém imaturos demais para se satisfazer, principalmente Bruce, ele sempre queria mais. Ele foi meu padrinho de casamento com Sílvia. Assim como também era padrinho de Christie. Pois é; o moleque sardento, conhecido por todos como Gringo, que apanhava comigo na escola e fugia das aulas da Sra. Olívia, que por sinal era rígida como uma pedra, havia se tornado um chefe de família com dois filhos, todos meus afilhados também.

Lembro bem da cara de entusiasmo que fez quando nos encontramos em Ireland Pub, nossa segunda casa nos finais de semana durante o período universitário, comentando sobre seu trabalho na matriz. Bruce me contou com detalhes sobre suas atribuições, mas todos aqueles termos técnicos me fizeram bocejar. Sinceramente, só voltei para o rumo da prosa, quando a ouvi a sentença.

-Hélio! Acho que você não entendeu, esta é a nossa chance! Eu posso fazer nossa vida mudar. É o nosso bilhete para felicidade, e só de ida!

Limpei as lentes dos óculos com a ponta da toalha que cobria a mesa, como se minha vista fosse ajudar a entender a frase que acabara de escutar. Pedi que Bruce repetisse tudo, mas desta vez em português e pausadamente, falando a última palavra de forma espaçada para dar ênfase. Utilizando uma linguagem civilizada, sem aqueles jargões tecnológicos, que só quem convive com uma pessoa que respira computador, conhece (e também deve odiar), meu compadre retomou sua seara para me fazer entender o quanto aquilo era importante para nós dois.

Não vou conseguir reproduzir tudo de forma literal, apesar de todo o esforço de Bruce, alguns “firewalls”, “updates” e “jailbreakers” escaparam. De forma resumida, o sorteio das dezenas ocorria de automaticamente (como deveria ser), ficando esta função a cargo de um (hiper, mega, ultra) servidor do banco. Ele me explicou que a escolha da sequência vencedora não ocorria de forma tão livre assim (como não deveria ser), esta teria sido uma melhoria realizada pelo Black Bank para aumentar as chances dos apostadores, achei

aquilo um pouco estranho (afinal por motivo um banco insistiria para que o prêmio saísse, não seria melhor que acumulasse?), mas não estava em posição confortável para questionar. Tudo era baseado em um algoritmo (supersecreto) fortemente protegido por uma equipe de investigadores aposentados da polícia, a INTERCORP, contratada pelo banco.

Segundo meu amigo digital, este algoritmo, após o fechamento das apostas nas casas lotéricas, era responsável por delimitar o universo, ou seja, identificar todas sequências jogadas e, a partir daí iniciar o modo randômico de escolha do jogo vencedor. Ou seja, atuava descartando as sequências não apostadas. Só que havia uma falha. Me lembro de ouvir uma longa risada dele nesta parte.

Os jogos ocorriam toda quarta e sábado e as apostas eram encerradas duas horas antes. Bruce me explicou que esta janela era curta demais para o algoritmo, era preciso, ao menos, quatro horas para eliminar todas as sequências. Havia ali a falha mencionada pelo homem de TI.

- Eu não entendi, por que eles então não antecipam o horário limite das apostas? – Questionei.

– Aí é que está! São gananciosos demais para abrir mão! O sistema registra o fluxo de apostas repassadas pelas loterias, e o volume aumenta consideravelmente justamente nas horas que antecedem ao sorteio. - Explicou.

Aquela conversa iria longe e eu estava muito ansioso para esperar até o próximo encontro com meu engenhoso amigo. Infelizmente, era tarde mesmo e nós tínhamos que levantar cedo para trabalhar no dia seguinte, para mim havia ainda uma viagem de volta até em casa. Por sorte minha, Lucy (esposa de Bruce) estava fazendo aniversário no sábado, sempre havia um churrasco em comemoração à data. Marcamos de fechar a conversa nesta ocasião, na casa da aniversariante.

Naquela semana, em especial, o setor estava muito movimentado, não tive tempo de comprar o presente de Lucy. Era sexta-feira, véspera do aniversário, sem margem para procrastinação, tive que apelar para Sílvia. Apanhei minha (então) esposa na clínica onde ela trabalhava como recepcionista e corremos para única loja de departamento da cidade. Atolado de trabalho, passei quase toda a semana gastando meu tempo dormindo em minhas horas livres. No caminho até a loja, Sílvia me perguntou se estava sabendo do prêmio da Loteria, respondi que não. Ela ficou surpresa com a resposta, pois não havia outro comentário na região, o prêmio tinha saído

para a capital Redmond. Não entendi bem o motivo da excitação, afinal não conhecia ninguém que tivesse abocanhado a bagatela de vinte e dois milhões de reais (era muita grana). Ou conhecia?

Chegado o Sábado, procedemos até o local do churrasco, ocorreu tudo como deveria. A família Pereira reunida, inclusive Bruce, ele estava com um sorriso estranho. Observei de longe, pois o local estava cheio de outros amigos da família (alguns do banco) e meu amigo estava ocupado demais para conseguir conversar. Ao final da tarde, após recolher a maioria dos descartáveis das mesas, lembro de ter sentado para descansar um pouco, Sílvia estava com Lucy, e Christie com os filhos do casal, ouvi de longe um estalar típico de garrafa abrindo. Ao recolocar os óculos, após tirar o suor do rosto, vejo uma mão esticada segurando uma garrafa verde, que suava mais que eu. Era o gringo, apelido de infância de Bruce, presente do brigão Billy, nosso maior pesadelo no colégio, talvez devido aos olhos verdes e o cabelo amarelo do garoto, era para ser ofensivo e irritar o então *nerd sardento*, mas Bruce acabou gostando e adotamos a alcunha.

Engraçado ter vindo esta lembrança naquele momento, mas Bruce estava sorrindo como na época em que Gringo era seu primeiro nome na cidade. Sentou ao meu lado e já foi disparando que tinha feito uma loucura e que eu simplesmente não iria acreditar naquilo.

– Eu consegui! - Falou.

Pedi que ele utilizasse mais de duas palavras para explicar o motivo de toda aquela euforia. Gringo iniciou sua explanação, passando pelos pontos que havíamos falado no início da semana. Não precisava; aquela conversa estava mais que viva em minha cabeça. Pedi então que ele avançasse para a novidade. Assim o fez. Não antes de me questionar se lembrava da falha do algoritmo que tinha me falado. Respondi que sim com a cabeça. Bruce prosseguiu me pedindo perdão, como se me devesse algo.

- Foi mal, Hélio, mas não deu para esperar. Era uma daquelas oportunidades, tipo *tudo ou nada*, sabe?

Aquiesci, sinalizando para que continuasse.

- Depois que conversamos no Pub, eu consegui acesso ao algoritmo do sorteio, nem preciso dizer que como isso foi difícil, não é?

- Se quiser me ver bocejar, precisa. – Respondi.

- Deixa de piada, quatro-olhos, isto é sério.

Como não rir daquilo, estávamos falando como nos velhos tempos e tínhamos cervejas nas mãos, era como antes, mas algo estava prestes a

mudar.

- O que eu queria te dizer em nossa última conversa era que existia uma possibilidade, remota é verdade, de burlar o sistema de embaralhamento das dezenas.

Minhas orelhas se ergueram como as de um cão quando fareja algo. Todo o meu corpo emitiu o sinal de alerta no exato momento em que as palavras saíram da boca de Bruce.

-O quê? Como isso é possível? Você não fez o que estou pensando que fez, não é?

Bruce agora segura o riso como uma criança travessa que acabara de montar uma armadilha, mas não teve sucesso na contenção. Sua face explodiu de alegria e uma gargalhada mais alta que o normal (para aquele fim de noite silencioso) fez que com nossas esposas nos encarassem, do local que estavam conversando. Bruce pediu desculpas e retornou a falar baixo.

- Sim, eu consegui, coloquei o sistema para *dormir*, Hélio! Isso não é incrível? – Ele estapeava minhas costas enquanto falava, demonstrando toda sua excitação pela façanha.

- Você ficou maluco, Bruce? – Naquela noite, eu me tornava o que mais temia: “o estraga-prazeres”. – Esses caras de Banco são perigosos e você mesmo falou que há uma empresa de segurança na jogada, os caras são expoliciais, por tudo que há de mais sagrado, Bruce, POLICIAIS! – A última palavra foi praticamente declamada, tentando trazer meu melhor amigo para luz da razão. Sem sucesso.

- Relaxa, cara, eu cuidei de tudo para não deixar rastros. Agora, senta aí e me deixa contar o resto da história, esta é a melhor parte. – Um novo sorriso é visto na face abrigada por aqueles cabelos amarelos.

Respirei fundo, não adiantava mais insistir em colocar juízo na cabeça de Gringo, afinal o que está feito, está feito.

- O restante foi intuitivo – ele disse - com a máquina de fora, faltava somente uma etapa, que era eliminar a concorrência das outras apostas. Precisava me certificar de que a sequência que escolhi fosse a única.

–Entendi, você é fominha demais para dividir o prêmio, certo? – Os ombros de Bruce estremeceram, ouvindo a provocação, voltou a gargalhar alto. - Espera um pouco. Você não jogou de 01 a 06, certo? -Perguntei.

-Veja você mesmo. – Exclamou o nerd do banco, me entregando uma cópia do jornal que tinha repousado na mesa do jardim desde o início de nossa conversa.

Arranquei o exemplar de sua mão e, prontamente, dirigi minha atenção a seção onde ficavam os resultados da Loteria. Mas a sequência vencedora não fora tão óbvia quanto imaginava. Enquanto examinava o pedaço de papel, edição da última quinta-feira, ele me pediu para abaixar a voz (eu seria a primeira pessoa a saber da novidade). Mais calmo, comecei a ouvir atentamente o restante da explicação.

– Definitivamente, não poderia utilizar esta sequência, Hélio, isto acenderia o alerta da Intercorp, que facilmente chegaria até mim. – Resmungou Bruce.

Assenti, assimilando a resposta e, acima de tudo, concordando com a precaução tomada por ele (finalmente um pouco de juízo).

- Mas, por que esta sequência, então? – Argui, segurando o pedaço de papel que demonstrava a sequência premiada, a chave para destrancar um cofre de vinte e dois milhões de reais. *Quantos computadores hi-tech, Bruce poderia comprar agora?* Pensei.

- Fácil – bradou o agora milionário, erguendo o queixo como se comandasse uma nau da época do descobrimento – minha estratégia foi utilizar datas de aniversários misturadas com os dias, anos e meses de nascimento de todos da família. A primeira dezena foi a 10, o número era equivalente tanto à idade de Fábio, meu caçulinha, quanto ao dia de meu aniversário. Você sabe bem disso, não é? Quero presente!

- Engraçadinho, continue. – Retruquei.

- Desculpe – mas ele tinha feito de propósito, como quando roubava meu lanche no colégio, assim era Bruce - a próxima foi a idade de Bela, minha princesa. Fez 12, ano passado. Você como padrinho deveria saber!

- Dá para você parar de fazer gracinhas e contar tudo de uma vez?

- Certo, não fica nervoso, já estou acabando. – Era impossível ignorar aquele sorriso de canto de boca de Bruce. Durante todo o relato, portava aquela cara de alguém que descobriu uma mina de ouro. No caso dele, era só dinheiro mesmo. - Em seguida, entraram no jogo minha idade e a de Lucy, respectivamente, 40 e 42 anos. Bem, depois de hoje, seriam 43. Quatro dezenas já foram, faltam duas. – Ele contava nos dedos, levantando um por um, e mantendo em posição, à medida em que ia relatando o fato.

- Ok, e as outras duas? Conta tudo de uma vez.

- A fonte havia secado, Hélio, estava sem criatividade, apelei para o ano de nascimento dos meus pais, que as forças do universo os proporcionem o descanso eterno. – Bruce direciona os olhos para cima, como se tentasse

alcançar a lembrança dos pais, já falecidos. Não houve gracinha de nenhuma das partes neste momento. - 48 e 50. Assim, formou-se a sequência milionária, composta por 10-12-40-42-48-50.

–Todas pares! – Gritei. Ele não tinha se atentado para isso.

Demorei um pouco para digerir tudo aquilo, nunca tinha visto um milionário de perto. Ainda mais, que o milionário em questão era o Gringo, aquele menino franzino que levava pão doce na lancheira todos os dias. Eu não podia acreditar. Era surreal demais. Mas, aos poucos, tudo foi se arrumando em minha cabeça, não tinha sido por sorte (a sorte foi ter sido transferido para o escritório da matriz), ele planejou tudo e parece não ter deixado nenhuma ponta solta. Só havia uma coisa que eu ainda não tinha sido convencido.

- Bruce, ainda tenho uma dúvida. – Ergui minha cabeça para encará-lo, estava há um tempo olhando para o chão, confabulando e repassando as informações em minha mente. - Como você conseguiu arrematar a premiação sozinho, se só havia a possibilidade de conhecer todos os jogos após o fechamento das apostas?

Ele então abriu um sorriso largo, quase gargalhando e falou.

- Isto não importava, Hélio. Onde estava quando relatei a etapa 1? Eu isolei minha aposta, a sequência que joguei era tudo o que o *supercomputador* conseguia enxergar, de última geração, eles disseram. Não para o velho Bruce. – O *hacker usurpador de premiação alheia* (como passei a chamá-lo) bate na perna, como se acabasse de ouvir uma piada muito boa e entorna o resto da cerveja que sobrara na garrafa.

Achei aquilo insano demais para mim. Na verdade, o plano desde o começo era muito perigoso. Pelo que Bruce tinha me contado, o pessoal da Intercorp era violento e agia às margens da lei (o banco achava que, acionando a polícia, pudesse desencadear uma investigação, podendo levar à descoberta do algoritmo).

- E agora, Bruce? O que pretende fazer?

- Sabe, Hélio, minha vontade mesmo era de jogar tudo para o ar e curtir umas boas férias com Lucy e os meninos. Não seria má ideia, descansar a cabeça para depois decidir o que fazer com o prêmio. Mas não dá! Preciso manter as aparências, ao menos por enquanto. Ninguém pode sequer desconfiar que o bilhete era meu. Resgatar o prêmio e sumir agora seria um prato cheio para virar alvo da Intercorp, colocaria em risco a segurança de toda a família. Ainda tenho noventa dias, até o prêmio expirar. Vou voltar à

rotina do banco, repassar tudo e verificar se não há nenhum rastro da modificação do algoritmo. Eu já deixei tudo como estava antes, depois do sorteio. Mas não custa olhar de novo, não é?

- Você tem toda razão, gringo. Sua felicidade depende disso, seja cauteloso e discreto. Olhe tudo, encubra todos os rastros. Isto é importantíssimo.

- Sim, vou seguir conforme o planejamento. Depois disso, vou pensar em uma boa desculpa para me demitir.

- Por que você não fala que vai abrir uma empresa destas de consultoria? Eu vejo lá na fábrica vários casos de pessoas que se demitem para abrir o próprio negócio e ninguém questiona, é bastante comum. – Sugeri.

- Verdade, Hélio. Esta seria uma boa alternativa. Vou pensar no assunto.

Aquiescemos quase que simultaneamente, estávamos na mesma sintonia naquele momento. Todos tínhamos uma só preocupação: manter a família Pereira em segurança.

Achei que a conversa acabaria ali, mas havia um último tópico, esquecido propositalmente por Bruce.

– E você? – indagou.

Levantei as sobrancelhas, como fazem os cachorros quando ouvem aqueles apitos de baixa frequência, imperceptíveis para o ouvido humano. A bem da verdade, era exatamente assim que eu me sentia, eu sabia que ainda tinha algo encoberto para mim, mas logo o mistério acabaria.

- Eu? – Apontava o indicador contra meu próprio peito. – O que tem eu?

- Você realmente achou que te deixaria de fora dessa?

- O quê? Do que você está falando, Bruce?

- Hélio, é a nossa chance, não percebe. Eu ainda posso arrumar também sua vida, meu amigo, antes de sair do banco. Basta que você aceite.

- Mas como? Isto não vai levantar muitas suspeitas? Você levou sorte de não ter seguido pego da primeira vez, Bruce, e agora quer fazer de novo? Você ficou maluco?

- Nada disso, Hélio, estou em perfeitas condições. Ninguém nem desconfia disso, não vai acontecer nada. E, pense bem, se descobrirem estaremos muito longe daqui. Nós podemos ir para onde quisermos, vivendo uma vida confortável. Não seria um sonho?

- Sim, seria. – Respondi. – Mas não é muito arriscado?

- Ah, velho, tudo tem risco atualmente. Hélio, reflita um pouco, nunca iremos conseguir realizar os sonhos dos nossos filhos, não se continuarmos

batendo cartão. Nem em cem anos!

- Você tem razão, Bruce. Mas ainda tenho receio. Não posso colocar Sílvia e Christie em perigo.

- E não vai, – ele complementa – não se seguir todos os passos à risca.

Quem não aceitaria? Quem não quer ter uma vida de luxo e caprichos? Meu casamento andava de mal a pior, Sílvia se queixava da vida dupla entre dona do lar e recepcionista numa clínica para idosos. Hesitei de início, mas depois aceitei embarcar nesta viagem (sem volta) ao mundo de alegria. Gringo me abraçou e falou que deixaria o terreno pronto, por assim dizer, que eu só teria que pensar em uma sequência improvável, com exceção da mais infantil de todas. Além disto, não poderia ser igual a dele, seria escancarado demais.

–Se eu ganhei com as pares, por que você não aposta nas ímpares, Hélio?
- Provocou.

- Vamos ver, Bruce. Eu preciso pensar. Te ligo, assim que definir a sequência, está bem?

- Sim, só não demore muito. Tenho uma bolada de verdinhas me esperando no banco, aflitas por resgate. E o papai está chegando!

Bruce conseguia ser hilário quando queria, mesmo em uma situação como aquela, quanto o assunto demandava extrema cautela e atenção redobrada, ainda assim, ele matinha a alegria de sempre. Era realmente uma figura, esse gringo. Achei interessante o raciocínio, mas não disse em voz alta (ele ficaria muito convencido) e fui para casa, queimando as pestanas para montar a melhor a aposta possível. Minhas chances, se comparadas aos demais apostadores, acabaram de subir exponencialmente.

Até que... Bem, até que isso deixou de ser a coisa mais importante do mundo. Minha prioridade havia mudado.

CAPÍTULO 10 – MUDANÇA DE REGRAS

Passaram-se dias, pelo menos dois meses, desde o aniversário de Lucy. Não consegui mais contato com Bruce desde então. Meu casamento, naquela altura, já tinha acabado. Mas eu estava gastando a maior parte do meu tempo, protelando o fim. Silvia já havia se mudado para a casa da mãe, na cidade de origem, próximo à capital (nós nos conhecemos no Campus da Faculdade). Levou com ela Christie e, junto às duas, minha felicidade. A casa estava sem brilho, sem alma. Já não era a mesma coisa sem elas. Vivia sem gosto, de casa para o trabalho. A fábrica era o mesmo marasmo de sempre, o que mudaria em uma sala mobiliada de armários cinzas de metal?

Em um fim de semana, de uma semana preta e branca, Bruce me fez uma visita. Achei que o motivo fosse para me tirar daquela fossa que me consumia. Mas não era bem isso. Ele estava mais preocupado do que eu, achei que isto não fosse possível. Sem esperar me recompor do baque, que era a separação com Silvia, já foi logo descarregando um caminhão de concreto (de notícias ruins), sufocando minha esperança de ter uma manhã leve.

O assunto era pesado, mais pesado que minha consciência por ter fracassado com minha família (me culpava pelo fim do matrimônio). O garoto, que virou homem, mas continuava com aqueles olhos claros, foi logo me colocando a par da situação.

- Hélio, por que você não entrou mais em contato comigo? Nós tínhamos um compromisso, lembra? O prêmio expira na próxima semana e você ainda não me falou sua sequência. – Ele sussurrava, mesmo não tendo mais ninguém para me fazer companhia naquela casa.

- Olha, Bruce, não estou com cabeça para isso. Para que preciso de prêmio? Veja minha situação! – Apontei para os cômodos vazios. – Estou sozinho! O que vou fazer com o dinheiro? Empilhá-lo, formando uma cama e dormir por sobre as notas?

- Bom, seria uma bela de uma cama. – Bruce não perderia a chance de fazer a piada, não sendo o Bruce que conhecia.

Não respondi. Apenas o encarei, como se para atestar que ele estaria

realmente brincando em um momento tão delicado da minha vida.

- Ah, desculpe, Hélio. Você precisa reagir, cara. Vamos, levanta dessa cadeira. O prêmio vai ajudar a reconquistar sua família, seu bocó. E eu vou te ajudar, mas precisa ser rápido, tenho que resgatar o prêmio.

- Espera, o quê? Por que ainda não resgatou o prêmio, Bruce? Você não ficou maluco de perder esta oportunidade, não é?

- Não, Hélio, não vou perder. Nem por você, meu chapa, sinto muito. Mas essa não vai escapar das minhas mãos. Somente não vim antes, porque o banco alterou a programação do algoritmo e me designaram como representante para acompanhar o trabalho da empresa que está modificando o projeto. Eu estive ocupando, anotando tudo. Precisava me certificar destas alterações para saber como entrar novamente no sistema e inserir sua sequência.

- Será que isto não é um indício de que estão desconfiados? – Rebatí.

- Acho que não, sondei alguns funcionários mais antigos, eles disseram que pode ser uma atualização de segurança. Para deixar o sistema mais confiável. Ninguém falou nada sobre ameaça de invasão.

- Menos mal. – Respirei aliviado, ao ouvir a explicação do *hacker*.

- Mas acho que não é só isso, magricelo... – aquele era meu apelido de infância- o banco acabou de assinar um acordo para vender quarenta por cento de suas ações a um bicheiro conhecido na região. Logo depois, veio esta alteração. Basicamente, ela permite que algumas sequências sejam implantadas no universo do sistema, eles estão chamando isso de *caixa de pandora*, parece um daqueles nomes de operação policial. O trabalho do computador seria somente validar a sequência, verificando o universo de apostas. Uma vez implantada, a caixa não poderia ser mais alterada, sob risco de ser detectado em alguma auditoria do órgão regulamentador do sorteio.

- Então, deixe-me ver se entendi. Só há a possibilidade de ser escolhida a aposta que estiver dentro dessa tal caixa de pandora?

- Exatamente, se esta sequência programada estiver contemplada no universo das dezenas apostadas, sim. Será a sequência registrada como vencedora, em caso negativo, o prêmio acumularia.

- Mas isto é fraude, Bruce!

- Eu sei, mas convenhamos que não estou em situação de denunciar ninguém. Uma investigação agora abriria precedentes para outros jogos, inclusive o meu. Não posso arriscar.

- Você tem razão, gringo. Este bicheiro deve estar envolvido nesta

falcatrua, não acha?

- Estou praticamente certo disso, Hélió. Mas, daqui a uma semana, no máximo, não vai ser problema meu.

- É mesmo. Você precisa resgatar logo o prêmio.

- E vou. Agora, Hélió, você precisa prestar atenção, o fechamento da caixa está previsto para amanhã. Você precisa me dizer a sequência que escolheu, eu vou dar um jeito de implantá-la juntamente com as outras.

- Eles vão acabar descobrindo, Bruce.

- Eu acho que não, são muitas sequências. Um universo de mais de mil, eles não vão notar uma. Impossível! Mas, existe um problema.

- O quê? – Me afastei do encosto da cadeira, me apoiando somente na ponta do assento, me aproximando de Bruce.

- O sistema não consegue prever quando cada sequência será sorteada. Depende das apostas que forem realizadas. – Explicou.

- Mas não estou entendendo, Bruce. Qual o real benefício dessa tal *caixa de pandora*? Você não acha que é um risco muito alto para um retorno pequeno?

- Pode ser, mas analise os fatos comigo... – Bruce agora coçava a cabeça, bagunçando as pontas de cabelo amarelo que a cobriam. – Em um universo de sessenta dezenas, quantas combinações são possíveis?

- Milhões! – Respondi.

- Pois é... e se eles pudessem reduzir este universo para cerca de mil? Não seria um ganho considerável?

- Sim, olhando por esta ótica, sim. Mas ainda não lhes garantiriam o prêmio, por não saberem qual a sequência seria sorteada. – Analisei.

- Ok, isto é verdade, mas se objetivo deles fosse comprar os bilhetes? Esse tal bicheiro tem alguns negócios ilícitos na Capital e resgatar o prêmio da loteria ajudaria a limpar facilmente a grana.

- Nossa, Bruce. Você tem razão. Mas em que a limitação do universo das sequências ajudaria nesse objetivo?

- Bom, isso faria com que eles descobrissem a localização da aposta vencedora muito mais rápido. O computador não precisaria percorrer todo o universo dentre as dezenas de forma aleatória, sua varredura ocorrerá dentro da caixa, entendeu?

- É verdade! E retornaria com o código da aposta e a lotérica que registrou o jogo.

- Exatamente! – Bruce estalou os dedos, como aqueles personagens de

desenho animado fazem quando descobrem um plano genial. Deu até para enxergar a lâmpada acesa.

- Uma última dúvida.

- O quê, Hélio? Por tudo o que há de mais sagrado, o quê? – Bruce olhava para cima, como se clamasse pelos reforços das forças superiores.

- Por que eles mesmo não jogam então?

– O grande problema é que eles não sabem qual a sequência da vez será a vencedora. Este é o grande dilema.

Ele tinha razão neste ponto, e minha tarefa de inquisidor perdeu a força. Gringo tinha todas as respostas na ponta da língua. Era muito complicado refutar suas colocações, principalmente por conta do pouco conhecimento que tinha do assunto. Por mais que ele tentasse substituir os termos técnicos, simplificando a história, ainda não estava familiarizado com o fluxo operacional do sistema.

Depois de uns minutos, maquinando toda a informação passada por ele, fiquei ainda mais desanimado do que estava no início de nossa conversa. Mas Bruce tratou de me reanimar, disse que tinha de ser rápido, o tempo estava contra jogando contra. Eu teria que insistir na minha aposta. Afinal poderia ser na próxima quarta-feira ou daqui a um ano. Imediatamente, me veio a dúvida.

- Por que somente as quartas-feiras? É algum tipo de superstição besta?

- Para de falar besteira, Hélio. Nós não temos tempo para isso.

- Amanhã, antes de finalizar a implantação da *caixa de Pandora*, vou sugerir ao banco uma melhoria no sistema.

- Qual? – Era a pergunta óbvia a ser feito. E fiz.

- Se o objetivo é reduzir o tempo de processamento do sistema, vou sugerir que eles dividam o programa por dia de sorteio. Como há um prazo para resgate do prêmio, esta divisão dos programas também daria uma sobrevida maior para a *equipe de investigação* do bicheiro. No caso, o sistema de quarta teria até o próximo sorteio, quarta-feira, para informar a localização do bilhete. Enquanto, sem a divisão, o prazo seria de apenas dois dias, até o próximo sorteio no sábado.

Aquiesci, concordando que a sugestão faria sentido. O banco teria que ser muito estúpido para recusá-la.

– Então, como vai ser? Quarta ou sábado? – Me questionou.

Decidi por manter a tradição, Bruce havia conseguido ser premiado em jogo de quarta-feira, além disso, por alguma razão, sem nenhum dado

estatístico como prova, achava que as apostas aumentavam no fim de semana. As pessoas sonhavam mais quando não estavam com a cabeça ocupada no trabalho. Optei pelas quartas-feiras. Ele consentiu.

Faltava, para tanto, escolher a sequência a ser implantada por meu amigo *usurpador de prêmios alheios*. Ele havia conseguido o feito com uma aposta de dezenas pares, e eu já tinha decidido por utilizar dezenas ímpares. A escolha da primeira foi um tanto quanto óbvia: o número 01 (estávamos sem tempo). A próxima dezena foi o número 05, quantidade de dias úteis em uma semana. Prossegui meu raciocínio, chegando no 13, o mais óbvio de todos, a dezena do azar. Achei aquilo engraçado na época em que pensei em considera-la para o jogo (agora já não era mais), tinha sido a primeira dezena em que tinha pensado.

O próximo foi 23, o número de minha matrícula na fábrica. Já estava sem ideias e me deparei com aquele cartão que servia para acesso ao trabalho.

Acesso era tudo o que estávamos querendo naquele momento, acesso ao sistema do banco, à fila de sequências sorteadas, à felicidade. Pensei.

A próxima era 31, dia do meu casamento com Sílvia, sem dúvidas o momento mais feliz da minha vida. Lembro bem porque estes eram raros. Quando se leva uma vida escassa de alegrias, os momentos bons ficam bem mais vívidos na memória. Por fim, veio o 49, idade que meu pai tinha quando faleceu.

Pronto! Dezenas escolhidas, o jogo dos milhões estava definido. Bruce arrancou o papel das minhas mãos com rapidez, estava sem tempo para brincadeiras. Falou que iria proceder conforme combinado na segunda-feira e, que como iria resgatar o prêmio também neste dia, talvez não conseguisse contato nos próximos meses, mas que me ligaria confirmando se a missão foi cumprida. Para isto, logicamente, usaria o nosso código padrão, empregado somente em casos ultrassecretos e emergenciais. A palavra mágica era LAZEIRA. Lembro-me do Gringo repetindo o código em um *walkie e talkie*, aparelhinho famoso da época quando éramos garotos. O dia que mais escutei aquela palavra foi quando ele levou uma baita de uma mordida do cão dos Oliveira (ele morria de medo de tomar injeção). O chamado era para acompanhar o garoto chorão ao hospital, achando que minha presença aliviaria a dor da furada (pobre garoto).

Acordei na segunda-feira (na verdade, não havia conseguido dormir) e prontamente me arrumei para o trabalho, mas lembrei da ligação de Bruce. Havíamos esquecido de combinar um horário, poderia ser a qualquer minuto.

Então, liguei para meu chefe na empresa, inventei uma desculpa sobre algum tipo de virose (não me lembro ao certo a doença) e informei que ficaria em casa para recuperação, mas que estaria de volta no dia seguinte.

Concluída a etapa de cabular o trabalho, como fazíamos (Gringo e Eu) nas aulas da Sra. Olívia, passaria o resto do dia encarando aquele aparelho preto, que insistia em permanecer inerte, calado. Até que, no fim da tarde, o silêncio foi quebrado por um tirlintar estridente, o ruído era estressante, porém, naquele momento, soava como a Sexta Sinfonia de Beethoven, ou então a introdução de “War Pigs”, do Black Sabbath (estava mais adequado ao meu gosto musical).

Quase como um atleta olímpico que corre sua prova dos cem metros rasos, avancei em direção ao aparelho. Não consegui falar nada, acredito que, para o outro lado, apenas uma respiração ofegante era transmitida, após o momento de hesitação, veio a frase.

- Lazeira!

E mesmo antes que eu pudesse agradecer, ouvi mais um som, desta vez não teve palavra secreta nenhuma, apenas uma repetição de fonema no modo automático, a ligação tinha se encerrado, mas o telefone continuava grudado em minha mão.

Depois de alguns minutos (paralisado), caminhei em direção ao sofá, precisava ouvir mais vozes. A ausência delas durante todo o dia tinha me deixado quase zozinho. Poderia ser também devido ao fato de que não havia me alimentado ainda. Liguei a TV, qualquer canal servia. Satisfazendo o ouvido com o barulho de um telejornal que estava sendo exibido, era vez da barriga se pronunciar. Fui em direção à geladeira, garimpar alguma refeição decente. Minha exploração acabou no armário, com uma boa e velha (porém dentro da validade) lata de atum. Enquanto vasculhava a gaveta à procura do abridor de latas, eis que uma sonora frase oriunda da sala, mais especificamente da televisão, agarrou minha atenção, fazendo meu peito gelar e o coração bater acelerado. – O Mistério acabou! O prêmio de R\$ 22 milhões foi resgatado nesta tarde na capital. Faltavam exatamente dois dias para expiração. O vencedor preferiu preservar sua identidade - Declarou a jovem apresentadora, pelo menos a voz parecia ser de uma jovem. Corri desesperado para frente da TV, tentando equilibrar a lata de atum apoiada em um prato raso com um garfo do lado e na outra mão, uma cerveja.

Lembro-me de encarar o televisor, pelo menos uns cinco minutos (até a queda do garfo no carpete branco da Sílvia). Mas a dona já não estava lá para

reclamar. Ainda assim, apoiei minha refeição em uma mesa de centro, que usávamos para descanso de copos e alguns livros (entre eles, um denominado Matança, por sinal, excelente), e desafiando minhas dores nas costas, me pus a esfregar a mancha com parte da camisa. A mancha continuou lá, assim como minha cara de felicidade. *Gringo conseguiu*, pensei.



O tempo passou, a vida seguiu seu fluxo. Estava cumprindo minha parte no acordo, jogando toda quarta-feira, religiosamente. Mas até o momento, nenhuma novidade. Bruce também seguiu, agora era membro da alta sociedade, casa grande, esposa chique, filhos bem cuidados. Constatei tudo quando lhe fiz uma visita, desta vez, sozinho. O mesmo me recebeu com um abraço longo e justo, que só foi quebrado pelo movimento de coletar uma pequena caixa de madeira adornada com um laço.

– Para você, magricelo! – Me chamava assim desde que éramos garotos, sempre ostentei um invejável porte de lutador peso-pena. Peguei a caixinha com certa desconfiança.

Com exceção de minha mãe e Christie, não recebia presentes de mais ninguém. No interior revelado da caixa, um brilhante relógio de máquina à mostra, fiquei surpreso em ver tanta sofisticação em um objeto tão pequeno.

– É Suíço! -Disse Bruce. São os mais confiáveis. Assim como você, meu amigo.

As lágrimas percorreram meus olhos, não esperava (de forma alguma) aquela surpresa. Sempre fui muito tímido e sisudo (como minha esposa adorava falar), mas também muito simples. Não achava que as pessoas se importariam com uma figura tão sem-graça. Mas gringo era diferente. A partir daquele momento, toda vez que precisasse checar o tempo, lembraria desta palavra: Confiabilidade (que remeteria imediatamente à lembrança de Bruce).

CAPÍTULO 11 – A INTERCORP

A Intercorp surgiu após a aposentadoria de seu criador e atual presidente, o Sgto. Félix, trinta e cinco anos de serviços prestados à corporação. Visionário, resolveu formar um grupo de elite composto por ex-policiais, agentes que não conseguiram se desvencilhar da rotina de policial. A milícia, como era conhecida informalmente, era dividida em tática e operacional. A parte tática ficava sob a responsabilidade do Cel. Aristo, que também possuía vasta experiência à frente da área de inteligência da polícia do estado. Sua equipe era composta, basicamente, por pessoas que já trabalhavam infiltradas durante o tempo na ativa, além de investigadores contratados. Já a equipe do Sgt. Félix tinha uma característica de bastante volatilidade, geralmente era moldada de acordo com o perfil de cada cliente (raros, no início da empresa), a depender da missão, ou melhor, do projeto.

Quando o Sargento foi chamado pelo Black Bank, para uma reunião no prédio da matriz nacional, referente a uma oportunidade de negócio, de princípio não entendeu como seu modesto trabalho poderia contribuir para uma instituição tão grande como aquela, nível federal. Mesmo assim, não podia se dar ao luxo de recusar uma possível parceira.

Então, decidiu encarar o desafio e trouxe consigo, para a construção do escopo da proposta, seu Diretor de Operações Táticas, vulgo, Aristo. Foi até a capital e procurou pelo prédio espelhado no centro, que abrigava também a parte de processamento de dados, além dos cargos de maior escalão. Deveria procurar pelo *Responsável por Inteligência da Informação e Background*, era um nome muito grande para um cargo (imagina o trabalho que daria para encaixar tudo isso no cartão de visita). O nome do tal responsável era Alberto Castro, 17º andar, ao menos, era o que dizia nas instruções. A Intercorp (representada por seus dois cabeças) chegara à zona de conflito; melhor dizendo, à sala de reunião.

Em termos práticos, o trabalho no banco seria estritamente confidencial. Por mais de uma vez, o executivo pediu que apenas pessoal de mais alta confiança e discrição fosse utilizado. Sem fornecer maiores detalhes, Alberto (o responsável por TI) explicou que o banco teria algo muito valioso, mas que não se tratava das barras de ouro guardadas nos imensos cofres das

PERIGOSAS

agências. O tesouro consistia em um servidor que ocupava o 25º andar inteiro naquele prédio. A função da Intercorp era de garantir que ninguém sem autorização acessasse o local (Missão designada à equipe de Félix).

Para a equipe tática, o processo seria um pouco mais complexo. A empresa de segurança teria que realizar investigações internas e eventuais auditorias com o objetivo de levantar suspeitos de dentro da organização. Para isto, seria necessário traçar o perfil de cada funcionário que tivesse interação com o sistema do banco e eleger aqueles com potencial risco.

As duas medidas citadas acima eram preventivas. Ainda havia uma terceira, corretiva. Esta só seria acionada em ocasiões de extrema necessidade, no caso de as investigações realizadas pela equipe tática evoluírem para constatação de irregularidades. Esta etapa foi apelidada de “*Varredura*”, que nada mais era do que eliminar o alvo identificado da maneira mais eficaz possível; e a eficácia, neste caso, significava velocidade e sigilo.

Ainda havia uma equipe de apoio, cedida pelo banco, responsável por todo o suporte técnico e também por acesso ao Banco de Dados. Sem esta equipe, não seria possível traçar os perfis dos funcionários para investigação. Um dos componentes desta equipe se chamava Bruce Pereira, a mais nova aquisição do escritório da Matriz. Mas falaremos dele mais adiante.

A Intercorp (agora contratada), então, passou a chefiar o esquema de segurança do andar 25, Sgt. Félix era autoridade no lugar, até a equipe da limpeza tinha que passar por seu aval. *Nunca se sabe onde pode se ter um infiltrado*, ele costumava dizer.

Com o passar dos anos, Félix ficava cada vez paranoico, era comum apontar perfis para investigação sem nenhum fundamento, o que, quase sempre, irritava seu Diretor de Inteligência. Aristo se incomodava cada vez mais com as intercorrências do (acima de tudo) proprietário da empresa e este era basicamente o motivo de todo desentendimento entre os líderes da Intercorp.

O chefe tático tentava sempre buscar uma maneira de contornar a situação, sabia que, caso fosse duro em seu posicionamento, seria o fim da parceria de longa data. Perderia também um amigo de mais de trinta anos. Até que a bolha estourou, Aristo não conseguiu relevar o fato de que Félix destacou uma equipe somente para seguir um dos funcionários da equipe de suporte à investigação. E aquilo havia sido o fim, no julgamento do Coronel reformado.

Segundo o fundador da Intercorp, um dos funcionários da equipe de apoio, Bruce Pereira, era suspeito demais para que deixassem passar. Ele já tinha demonstrado comportamento estranho em uma série de episódios. Além disso, andava fazendo perguntas muito invasivas sobre como o algoritmo funcionava (a equipe do banco também tinha informações limitadas sobre o sistema de sorteio). Bruce, sempre solícito, era um dos funcionários preferidos do Cel. Aristo, também era um dos maiores colaboradores do projeto de segurança (o rapaz era realmente bom).

Imediatamente, Aristo exigiu que a equipe de investigação, que estava no encalço de Bruce, fosse retirada. Félix se deparava, ali, com um dos maiores dilemas de sua carreira. Se ele mantivesse a investigação paralela, estaria pondo em risco o futuro de sua empresa (sem a parte tática, a Intercorp era apenas uma empresa de vigilantes). Por outro lado, se retirasse sua equipe, jamais saberia se sua desconfiança tinha fundamento, somado ao fato de que, caso estivesse certo, a Intercorp seria desligada do projeto por falhar em impedir o ataque de algum funcionário. Era uma encruzilhada e o fundador da Intercorp sabia de tudo o que estava em jogo.

Félix já havia se enganado antes (todos os suspeitos indicados por ele anteriormente eram inocentes) e havia muito para se perder, Aristo era seu amigo pessoal e passou por todos os percalços da empresa junto a ele, era valioso demais para ser posto em prova. Então, após pesar todos estes pontos em sua cabeça, finalmente tomou sua decisão: Suspendeu a investigação ao rapaz da calça boca de sino (este era o nome da investigação, de verdade!), pelo menos até ele cometer algum deslize e, por si só, dar motivos para convencer Aristo da necessidade da operação. Felizmente (ou não), passados alguns meses, Bruce tinha se desligado da empresa. Já não seria mais necessário brigar pela causa. O vírus tinha deixado o hospedeiro.



O Black Bank estava satisfeito com o desempenho da Intercorp. Tanto que, quando o sistema de loterias do Banco passou a ser administrado pelo mais novo sócio da instituição, o Sr. Falcão Alves, bicheiro conhecido na região, velho conhecido da época de polícia dos administradores, a empresa de segurança passou a ter ainda mais importância para o banco. Assim que o bicheiro assumiu o controle do negócio (adquirindo 40% das ações preferenciais), tratou de convocar o Sgto. Félix para uma reunião, era o que o Falcão chamava de “passagem de bastão”.

O bicheiro, que também era dono de negócios escusos da cidade, enfatizou o belo de trabalho que a Intercorp vinha desempenhando ao longo desses anos de parceria com o Black Bank e que, por este motivo (não, não era por isto), gostaria de aumentar a contrapartida que ficava sob responsabilidade da instituição financeira no contrato de prestação de serviços de segurança. Deixou claro que o comando do setor, a partir daquele momento, seria dele. Em troca do aumento no contrato, haveria um acréscimo nas atividades prestadas pela Contratada, segundo Falcão, o banco precisaria de mais um *servicinho* da Intercorp.

Não havia como avançar neste assunto sem entrar no mérito do sorteio. Da maneira mais delicada do mundo, o novo sócio do banco explicou que a nova tarefa seria uma espécie de varredura atualizada. Tudo o que a Intercorp deveria fazer era, ao receber a localização passada pela equipe técnica do banco, encontrar o alvo e trazê-lo, o mais depressa possível, para uma reunião com o Sr. Falcão. Era o que o próprio bicheiro chamava de *resgate personalizado do prêmio*. O sargento chegou a questionar a vantagem daquele serviço para o ganhador, uma vez que ele poderia manter o anonimato, resgatando a premiação em qualquer agência dentro o prazo de noventa dias. O bicheiro logo retrucou, pedindo que deixasse esta parte com ele. Encerrou a reunião, dizendo que a rotina seria implantada no próximo mês, após testar a estabilidade do sistema, que passaria por alguns testes.

Félix saiu da reunião com uma certa desconfiança, mas era dinheiro demais para se recusar. Passou a ordem para Aristo que, por sua vez, tratou de alimentar a fogueira da dúvida de seu amigo (e chefe). Os dois executariam o serviço, mas nem por isso, deixariam de investigar a real causa desta caça ao prêmio misteriosa. Aos poucos, Aristo, em suas inúmeras interações com a equipe técnica do banco para tratar da sua investigação dos potenciais perfis de risco, somada a sua enorme experiência dos tempos em que atuava na inteligência, conseguiu levantar algumas informações importantes: o principal interessante de Falcão não era oferecer serviço personalizado para os clientes (estava longe disso). O interesse estava no bilhete premiado, o valor do prêmio seria repassado ao vencedor sem o abatimento do imposto de renda, que para tanto, teria que assinar um termo de confidencialidade, garantindo sigilo vitalício sobre a transação. Concluído o negócio, o bicheiro só precisaria achar um “laranja” para resgatar o prêmio. Pronto! Dinheiro limpo. Uma espécie de negociação “ganha-ganha”.

A partir daquele momento, ambos os diretores da Intercorp passaram a ter

conhecimento do risco do negócio que estavam ajudando a proteger (e de sua ilegalidade também), mas até o momento ninguém tinha se machucado e esta não seria a primeira vez (nem a última) que os ex-combatentes faziam vista grossa. Resolveram encarar de forma profissional. Quando se é pago para fazer algo em que não se acredita ou concorda, focar na parte técnica, transformando a rotina em métodos, é uma estratégia bastante eficaz.

O fluxo ocorria da seguinte forma: Primeiro, a equipe técnica do banco recebia a localização antecipada da lotérica que registrou a aposta premiada. Em seguida, a Intercorp era acionada para realizar o trabalho de campo. O primeiro passo da equipe era interagir com o dono do estabelecimento, como eles recebiam uma cópia do comprovante do jogo e portavam identificação do banco, convencer o dito-cujo a cooperar não era algo muito complexo. Nesta cópia do comprovante também constava o terminal que registrou a aposta e a hora do registro. Caso eles não conseguissem identificar o ganhador com o proprietário, questionavam quem trabalhou no caixa no referido turno e repetiam a abordagem. Se a aposta saísse para um jogador assíduo (e se o funcionário da lotérica fosse antigo também), o processo de identificação era fácil, mas nem sempre tinham sucesso na busca. O banco tinha deixado bem claro que a investigação deveria ser feita de forma rápida para não levantar ainda mais suspeitas, então era comum voltar de mãos vazias. Mas quando a identificação ocorria com sucesso, quase sempre o êxito era garantido.

É impressionante como as pessoas se transformam quando o assunto é dinheiro (dinheiro de verdade), dava para ver o brilho dos olhos nos ganhadores sabendo que conquistaram o prêmio, mesmo antes de sair o resultado. O fato de estar sonegando impostos não era nem levantado na maioria dos casos. Assim, a Intercorp seguia ajudando a uma das mais poderosas organizações financeiras a prosperar ainda mais. O Black Bank patrocinava até coral de criancinhas no natal, mal sabiam elas a origem da verba (pobres crianças!).

Houve, porém, um episódio crítico, que abalou todas as estruturas do sistema de loterias do banco e, por conseguinte, a feliz relação entre a instituição e a empresa contratada para realizar a segurança. Um funcionário (recém-chegado) da equipe técnica conseguiu identificar uma anormalidade nas sequências pré-programadas (por ordem do bicheiro) no sistema de sorteio, uma sequência fora do universo original foi implantada por um login desativado há uns seis meses. Alerta Vermelho! O sistema tinha sido

invadido. A quem eles iriam recorrer? A polícia (e arriscar todo o esquema milionário do bicheiro)? De maneira alguma, a solução teria que ser interna. O responsável deveria ser localizado e exterminado o quanto antes. Sr. Falcão foi informado imediatamente do ocorrido e convocou uma reunião com os principais componentes da técnica, o analista que detectou a invasão e a Intercorp.

Todos na sala, ainda calados, pois o mandachuva ainda não havia chegado. Mas dava para ver a expressão de desespero dos que rodeavam aquela enorme mesa oval de madeira, que passaria a ser uma vítima compulsiva de espancamento pelas mãos do inconformado bicheiro.

- Bom dia, Senhores, aliás, péssimo dia! – A mão espalmada do bicheiro desce, estralando quando bate no móvel. Primeira batida. – Vocês já devem saber o motivo de estarem aqui, sentados nesta mesa. Não sabem? Pois bem, eu quero respostas. Alex!

- Po...pois não, Sr. Falcão? – O garoto fervia dentro de uma camisa abotoada até o pescoço, seu rosto, recém-libertado das espinhas, assumira uma coloração bastante avermelhada, parecia que iria explodir a qualquer momento.

- Por favor, explique a seus colegas sobre sua mais recente descoberta.

- Sim senhor. Bom dia, pessoal. – Disse se voltando para os outros participantes espalhados pela enorme mesa. - Assim que assumi, meu chefe pediu para que verificasse quantas dezenas já haviam sido resgatadas da... o senhor sabe... – Falcão maneja as mãos grandes, liberando o assustado, porém talentoso, garoto para falar abertamente. – caixa, resgatadas da caixa de pandora. O objetivo era descobrir o quanto do universo das sequências ainda restava. Então, o que fiz foi verificar o universo original, e confrontá-lo com os resultados dos últimos sorteios. Assim, a diferença seria exatamente o quanto restava de sequências.

- Vamos, menino, pare de enrolar! – Falcão se volta para mesa, desde o início da reunião permanecia de pé, e estava voltado para a parede de projeção enquanto Alex dava seu pronunciamento.

- Certo, esta varredura retornou com um resultado inesperado, havia uma sequência a mais do universo original. Era ela: 01-05-13-23-31-49. Foi introduzida por login identificado como BRUCEP03. – Finalizou o garoto prodígio.

- O dono do anagrama solicitou desligamento do banco há uns seis meses e seu nome de batismo era Bruce Pereira. – Em ato contínuo, outro

engomadinho sentado ao lado de Alex soltou a informação. Se levantando para emitir a informação e sentando logo após os dados serem expostos. Ao que parecia, fechava os olhos enquanto dizia as palavras, possivelmente para evitar contato visual com a fera.

O mesmo Bruce que havia se tornado desafeto do Sgto. Félix e protegido do Cel. Aristo, que ao ouvir a identificação do suspeito, apertou os olhos como se tivesse acusado um soco no estômago. A dor era praticamente a mesma, ou até pior.

- Por favor, se alguém conhecia o sujeito que levante o braço imediatamente. – Solicitou Falcão, tendo sua provocação atendida por quase todos da mesa. Porém um, em particular, se sentiu na obrigação de complementar a mão erguida com palavras.

- Sr. Falcão, este rapaz integrava a equipe do banco que atuava diretamente com o sistema de sorteio e também nos dava apoio na parte de identificação dos suspeitos. – Finalizou o Chefe do Departamento de Inteligência da Intercorp, engolindo seco ao final da sentença.

- Espere um pouco, quer dizer que colocamos a raposa para cuidar do nosso galinheiro? – Era uma boa metáfora, principalmente se analisarmos a intimidade do Bicheiro com os animais.

- O sujeito nunca me enganou, Dr. Falcão – agora é Félix quem está com a palavra – não tem muito tempo, designei uma das minhas melhores equipes para seguir seus passos. Infelizmente, tivemos que cessar a ação por orientação de nossa área de Inteligência. – Que belo conselho.

- É isso que você chama de área de Inteligência, Félix? Isso é um absurdo! – Batida de número dois, não era mesmo o dia de sorte da mesa.

Neste momento, Aristo deixou o local da reunião. O responsável pela Intercorp continuou seu pronunciamento.

- Durante este pouco tempo que acompanhamos Bruce, conseguimos coletar algumas informações importantes. Se o senhor me der até amanhã, para mobilizar meu pessoal que realizou a investigação, os relatórios estão em sua mesa no começo do dia.

- Nós não temos todo este tempo. – Batida 03. – Será que vocês não percebem a gravidade da situação? Temos um invasor em nosso sistema. Alex, esta foi a única sequência implantada por este login?

- Sim, senhor Falcão. O restante do universo não foi comprometido. O senhor enxerga a necessidade de acionar novamente a empresa que implantou o sistema?

- Não, não é necessário. – Responde Falcão em um tom um pouco mais ameno. – Temos que manter tudo como está. Este assunto não pode sair desta sala, estão me entendendo? Vocês ouviram? – O rosto de Falcão percorre todas as faces presentes na sala, como se tentasse gravar os semblantes dos participantes da reunião.

- Sim, senhor. – O coro é uníssono, parece que ninguém havia faltado no ensaio.

- Félix!

O Diretor da Intercorp aquiesce, pedindo para que o patrão revele o restante do conteúdo.

- Amanhã, na primeira hora, ok?

- Sim, senhor! Até amanhã. – Todos aproveitaram a deixar para evadir com a máxima agilidade possível. Quanto mais rápido escapassem das garras poderosas de Falcão, melhor.

Mas para o Coronel Aristo não haveria amanhã, antes mesmo do fim daquele fatídico dia, entregou sua carta de resignação ao, agora, ex-companheiro de batalha. Ele acreditava estar velho demais para o cargo, quantos “Bruces” tinha deixado escapar durante todo este tempo em que ocupara a figura maior das áreas de Inteligência por onde passou?

Então, como todo bom soldado, que sabe a hora de recuar, o “Olho de Águia” (como ficou conhecido na corporação) aceitaria seu fim. Esta perda era irreparável para Intercorp, Félix sempre teve um temperamento mais agressivo, muito provavelmente adquirido durante o tempo de batalha, e fazia questão de demonstrá-lo. Ao menor sinal de conflito ou desconfiança (Bum!), a dinamite era acendida. Já Aristo era o oposto disso, sempre buscou a razão para resolução de entraves, era mais centrado e gostava de pensar, arquitetar, estabelecer uma estratégia para então agir. O Coronel aposentado da polícia era quem segurava o ímpeto do Diretor da Intercorp, que sempre ouvia seus conselhos em virtude do respeito e admiração mútua entre os também amigos. Sem Aristo, o cão tinha perdido sua coleira, a partir daquele dia, começaria uma nova fase na empresa de segurança e não seria muito agradável para quem ficasse no seu caminho.

O amanhã chegou. Logo no primeiro horário, Félix estava sentado na mesma mesa de madeira do dia anterior, desta vez com toda as informações que conseguiu apurar através da breve investigação. Tinha muita informação relevante, endereço, alguns trajetos percorridos e fotos.

- Mas o que é isto aqui? – Disse Falcão, segurando uma das fotografias

espalhadas por Félix na mesa e entortando a cabeça para focalizar a imagem.

- Este é o último local em que conseguimos imagens de Bruce, é um Pub Irlandês, não muito longe daqui. Pela duração do encontro, acredito que o outro homem conhece o investigado há bastante tempo. E pelo semblante dos dois, o assunto não é nada trivial. Infelizmente, não tivemos acesso ao conteúdo da conversa. – Relatou o chefe da Intercorp.

- Certo, isso é tudo? – Desafiou Falcão?

- Minha equipe usou deste tempo que durou a conversa para anotar a placa do veículo no qual o amigo misterioso de Bruce chegou, o registro é de uma cidadezinha no interior, chamada Santa Madre, onde construíram uma filial da Fábrica de solventes.

- Ok, consigam os dados de Bruce no setor de RH, deve ter algo interessante, pelo menos o endereço de sua residência. Duvido muito que permaneça por lá, mas vocês precisam checar. - O chefe da divisão de Loterias estava disposto a achá-lo e não estava familiarizado com a derrota.



Como suspeitavam, Bruce não morava mais no endereço de registro do banco. A Intercorp realizou uma abordagem com os vizinhos, mas não conseguiu nada que merecesse ser reportado. Uns diziam que eles tinham desaparecido, pois a casa ainda estava vazia com toda a mobília. Outros que a família fez uma viagem longa, mas que voltaria a qualquer momento. Nada que fizesse muito sentido. Evoluiu-se para etapa de contatar os parentes registrados na ficha de admissão e na apólice de seguro (era obrigatório preencher quem receberia o prêmio em caso de morte). Basicamente, tudo o que constava era os nomes dos Pais, já falecidos, e o da esposa Lucy Pereira, que residia no mesmo endereço do “foragido”.

A próxima fase consistiu na entrevista aos colegas de trabalho de Bruce. Nesta oportunidade, também foi mostrada a foto do amigo obscuro, na tentativa de trazê-lo à luz. Um dos convocados revelou que, em um destes finais de semana, Bruce tinha oferecido um churrasco na residência da família em ação de graças ao aniversário de sua esposa. O tipo, que portava óculos grandes e armação pesada, estava lá, com a mesma cara de preocupado da foto. Até aí, a Intercorp só conseguiu confirmar a teoria de que se tratava de um amigo próximo, mas esta constatação não ajudaria muito a localizar o alvo.

Seguindo as investigações, finalmente havia uma informação, dada por PERIGOSAS

um dos colegas mais próximos do meliante. Depois de ter se desligado da empresa, Bruce teria feito contato com o mesmo (apenas uma vez). O teor da conversa foi bastante estranho para o colega de trabalho - o forasteiro falava em frases vazias em alguns momentos, mas parecia ansioso por alguma coisa (e preocupado também) em outros-. O colega de sala insistiu que não estaria entendendo nada daquele diálogo e, logo depois, a ligação encerrou. Tentou lembrar-se do dia em que recebeu aquele telefonema, o que não seria uma tarefa muito difícil, pois no mesmo dia, seu filho estava indo para faculdade. A nossa memória costuma guardar somente o necessário, para salvar espaço para novas informações, porém, quando dois fatos convergem e se faz uma associação entre eles, fica praticamente impossível deletar da cabeça. O problema é que não havia nenhuma associação para o número do telefone que originou a chamada. Apenas conheciam o ramal que a recebera.

A Intercorp seguiu a linha de investigação (era a única pista sólida), solicitando o registro de ligações do ramal (do então amigo) no referido dia. Como o contato havia sido no final do dia, diminuiu-se o quadrante da busca. Constaram-se apenas dois telefones externos para aquele período: Um deles era o da esposa do proprietário do ramal, por eliminação, o outro só poderia ser o de Bruce.

Félix levou a informação até Falcão, ele poderia querer desfrutar do “prazer” de ouvir a voz do infrator cibernético. Poucas pessoas tentaram enganar o bicheiro e viveram para contar a história. Chamada realizada, o telefone era de um clube de tênis frequentado pela mais alta sociedade da região. Por sorte (ou azar), Falcão era sócio benemérito e amigo pessoal do fundador. Ter acesso à ficha de cadastro de Bruce não seria problema. Duas ligações e o problema estava resolvido. A ficha estava no e-mail da Intercorp antes mesmo do sol se esconder (influência vale mais do que barras de ouro neste país).

O endereço que constava na ficha de Bruce era de um condomínio de luxo, a uns cinquenta quilômetros da capital, chamado *Alameda dos Anjos*. *O que um ex-funcionário de banco estava fazendo em um local daqueles?* Falcão pensou. O condomínio era de alto padrão, reduto de executivos e figurões, gente com grana e poder. Bruce era só um intruso ali, assim como foi no sistema do banco.

Em ato contínuo, o Sargento e sua equipe ostensiva evadiram em direção ao condomínio do rapaz da calça boca de sino. Falcão também os acompanhou, ele tinha outros planos para a sequência de números implantada

por Bruce.



No local, havia uma casa enorme com pilastras brancas semelhantes às que figuram na casa oficial do presidente americano (naquele momento, a importância era a mesma). Como resposta ao toque da campainha, a porta se abriu e, com ela, surgiu a imagem de uma garotinha linda com olhos e cabelos claros, que poderia facilmente ter saído de um comercial de margarina.

- Oi. – Além de tudo, era simpática. – Quem são vocês?

- Olá menina bonita. – Félix retribui a gentileza. - Podemos falar com seu pai? Ele está em casa?

Nem precisava, estranhando a demora de Bela ao atender a porta, Bruce resolveu conferir qual seria o problema, porém não tinha como adivinhar sua dimensão. A expressão que tomou conta do rosto do amigo fiel de Hélio foi digna dos filmes de terror que assistiam, quando garotos. O rapaz parecia incrédulo. Seu imaculado antro familiar foi descoberto por um dos seus piores desafetos.

Antes que as faíscas, produzidas pela troca de olhares entre os dois, incendiasse o local, Falcão, vestido de sua faceta de senhor simpático, pediu para que a caravana do banco fosse acomodada em um local mais reservado. O assunto era de total interesse de Bruce, que atendeu ao pedido, evitando uma exposição desnecessária para os novos vizinhos chiques. O teor da conversa, no entanto, não tinha nada de amistoso:

- Então, BRUCEP03, este é o seu login, não é? Ou você achou que simplesmente sairia do banco sem ser notado? -Iniciou Falcão.

- Este era o meu login, sim. Mas o que isto tem de mais?

- Ocorre que este mesmo login andou aprontando em nosso sistema. Você deve saber muito bem o que fez. Hoje mora neste palacete – Falcão falava com os braços abertos, admirando todos os cantos do cômodo- é difícil acreditar que tenha comprado apenas com o dinheiro da rescisão do banco. O Black Bank é generoso, eu sei, mas não a este ponto.

- Eu não fiz nada! – Retrucou Bruce, sua face estava completamente vermelha. -E também não tenho que te dar satisfação nenhuma. Qualquer pessoa poderia ter utilizado meu login para invadir o sistema. Isto não prova nada.

- Pense bem, Bruce. Nós sabemos que você burlou o sistema para ganhar PERIGOSAS

uma verdadeira bolada. Mas, tudo bem. Não estamos aqui por conta disso. - Continuava Falcão, com sua fala mansa.

- Eu não quero saber, não tenho nada para tratar com vocês! Por favor, saíam da minha casa. - Esbravejou gringo.

- Calma, rapaz! Agindo assim, você só tem a perder. Seria uma pena se aquela linda garotinha que nos atendeu, se machucasse. - Ameaçou o bicheiro.

- Isso é uma ameaça? Se você se meter com a família... – Bruce responderia à altura, mas logo foi interrompido por Falcão.

- Não quero fazer isto, a menos que você me obrigue. Por que você não pensa um pouco? Esfria a cabeça, tire uns dias para pensar no assunto. Vou deixar meu cartão com você, você pode me ligar a qualquer momento.

- Eu não entendo, o que vocês querem de mim?

Falcão não respondeu de imediato, apenas se aproximou de Bruce e o entregou o cartão, pressionando contra a mão do rapaz. Ele tencionava ser comedido, porém firme em seus gestos. A mensagem era séria e o bicheiro queria se certificar de que seria entendida.

Assim, aquele diálogo foi encerrado pelo agora encarregado do sistema de loterias do Black Bank, tomando rumo ignorado pelo aflito Gringo. A conversa tinha acabado, mas o desespero do rapaz estava só começando. Tudo estava indo muito bem em sua vida, ele estava aproveitando ao máximo seu prêmio. Mas, na mesma proporção que o dinheiro trouxe felicidade para sua vida, trouxe também aquela bomba.

A coisa era séria demais para ser ignorada, dava para ver no semblante do bicheiro (e também do carrasco Félix) que eles não estavam brincando quando colocou a vida de sua família em xeque. Mas como Bruce iria ajudá-los? Nem isto foi possível ser falado na reunião. Se o desejo de Falcão fosse somente o dinheiro, ele não teria hesitado em pedir. Bruce sabia que não se tratava disso.

O que ele não sabia era que Falcão Martins tinha um plano para ele e a tarefa a ser delegada não seria, nem de longe, fácil de ser executada. O rapaz, que um dia vestira calça boca de sino, mas que agora escolhia ternos italianos para cobrir seu corpo, se meteria em um dos piores dilemas de sua vida (talvez o pior).

CAPÍTULO 12 – AMIGO DÁ AZAR

Passado algum tempo, Bruce percebeu que a incerteza era a pior das ameaças, o silêncio do bicheiro e de sua gangue da Intercorp acabou tendo efeito contrário para as pretensões do encurralado patriarca dos Pereira. Já não havia mais vida naquele lugar, nenhum teto era mais seguro, Bruce tinha se tornado paranoico e esta paranoia acabou se estendendo para todos da família, ninguém mais saía daquela casa. Somente o necessário era feito, a última proibição foi a escola, mas Lucy acabou convencendo o marido que aquilo já seria loucura (se a moça soubesse da ameaça, talvez não pensasse desta forma).

Então, eis que o milionário ameaçado, incendiando pelos demônios que preenchiam sua mente durante todo o tempo, resolveu ouvir, ou melhor, acabar com o silêncio que o consumia. Era preciso, ao menos, conhecer o tamanho do abismo que o separava de uma vida tranquila, usufruindo de todo o luxo que o prêmio poderia lhe proporcionar.

Pegou o cartão deixado pelo bicheiro, nele estava escrito “Falcão Martins e Associados” especializado em multinvestimentos, Gringo conhecia muito bem o tipo de investimento que o magnata se especializara.

– Todos escusos! – Gritava o rapaz, olhando para o pedaço de papel com o telefone escrito.

Enfim, depois de um longo suspiro, discou o número com a mesma vontade que seu filho demonstrava ao se arrumar para escola às segundas-feiras. Tons de chamadas e, depois de alguns segundos, a voz ecoava do outro lado da linha:

- Pronto. Falcão Muniz falando.

- Alô, Falcão? Aqui é o Bruce, temos negócios a tratar. -Falou firmemente.

- Bruce... mas é claro! É muito bom ouvir sua voz, meu caro. Você, finalmente, demonstrou um pouco de juízo. Resolveu cooperar?

- Não é isso. Eu quero ouvir sua proposta, preciso saber o que tenho que fazer para tirar você e sua corja do meu pé. – Naquele momento, o rapaz de cabelos claros percorria a extensão de seu escritório com o telefone agarrado ao ouvido. Estava ansioso demais para se manter sentado.

- Que bom, estamos evoluindo, Bruce. – Analisou o bicheiro. – Sabe... eu poderia ter falado desde o nosso primeiro encontro, quando invadimos a sua casa. Aquilo foi terrível, peço desculpas pelo ocorrido. Mas estávamos desesperados, você deve nos entender, não é?

- Não, eu não estou entendendo nada. Por isso, estou ligando. Não perderia meu precioso tempo falando com você, se soubesse. – A rispidez se tornara algo constante no tom da voz de Bruce, desde o início do contato.

- Calma, Bruce. Encare tudo como negócios, não leve para o lado pessoal.
-Tentou abrandar a situação o bicheiro.

- Como não vou encarar como pessoal? Vocês ameaçaram minha família, droga!

- Aquilo foi desnecessário, me desculpe novamente. Até porque sei que irá nos ajudar, então sua família estará segura. Tudo o que quero é recuperar o que você tentou pegar de nós. O sistema descobre tudo, Bruce. Nós sabemos da sequência que implantou, aquela com dezenas ímpares. Você só precisa garantir que o bilhete, assim que premiado, esteja em minhas mãos. Simples, não? – A ironia era algo que o bicheiro degustava em seu desjejum todos os dias.

- Se tem tanta certeza, por que não faz a aposta você mesmo? Eu não tenho nada a ver com este jogo. -Enfatizou o ex-funcionário do banco.

- Não Bruce, esta não é a resposta que eu quero ouvir. Como iria jogar, sabendo que, em algum lugar, alguém fez a mesma aposta que eu? Eu odiaria ter que dividir o prêmio. Mas, se não foi você, só pode ter sido seu amigo do Pub Irlandês... pois é, Bruce! Eu tenho olhos em todos os lugares.

- Não sei de quem você está falando. Não conheço ninguém deste lugar. - Tentou despistar.

- Engraçado, pois nós temos várias fotos de uma conversa neste bar entre você e este misterioso amigo.

- Não pode ser. Você só pode estar blefando!

- Veja só, a vida é mesmo feita de coincidências, Bruce. Ocorre que enquanto estamos falando, chega em minha mesa um relatório do sistema, informando do registro de uma aposta bastante peculiar, uma combinação de dezenas de 01 a 06 e na mesma cidade do seu amiguinho, Santa Madre. Aquele buraco de lugar só tem uma loteria, então só pode ter sido seu misterioso comparsa que quis despistar nossa equipe, fazendo outra aposta. Se for do seu desejo, posso enviar uma equipe agora mesmo para visitá-lo. Não deve ser tão difícil conseguir um endereço naquele fim de mundo. -

Declarou Falcão.

- Não. Não, por favor. Deixe isto comigo. Eu mesmo falo com ele. – Bruce estava desesperado e deixava transparecer através de sua voz.

- Ok. Bruce. Eu aguardo seu contato. Mas não esqueça: eu preciso ter certeza de que não há outra aposta com estas dezenas quando o prêmio sair. Entendeu?

- Certo, certo.

A ligação só serviu para atear fogo na angústia de Bruce. Agora ele se deparava com uma encruzilhada: Ou a segurança de sua família ou o sonho de seu melhor amigo. Como alguém seria capaz de destruir sonhos daquela maneira? Pensou o rapaz. Afinal, foi o próprio Bruce quem despertou seu amigo magricelo para esta possibilidade e, o que era pior, vendeu a ideia como a chance de reconquistar sua família.

O que já estava ruim, acabava de piorar. - Pensou Bruce. - *Por que raios Bruce foi inventar de jogar aquela aposta?* Agora eles sabiam seu paradeiro e Bruce, mais uma vida por qual se tornava responsável. Precisava arrumar uma alternativa em que todo mundo saísse ileso, mas, por mais que pensasse, não conseguia achar nenhuma. Parecia impossível.

Já era tarde, o milionário pensou que, talvez, uma boa noite de sono pudesse colocar sua cabeça em ordem novamente. Nada como um descanso para recompor as ideias. Então realizou os preparativos para seu repouso, mas antes de dormir, lembrou que precisaria avisar Hélio sobre o perigo.

Imediatamente, pulou de sua cama e correu para o telefone. O número discado estava nos favoritos, era da residência de seu melhor amigo. Mas, desta vez, a conversa não tinha nada de agradável. Porém, mesmo após todas as sucessivas tentativas, Hélio não respondia a chamada, poderia estar fora, ou pior, já poderiam ter achado seu endereço. Esta última ideia invadiu a consciência de Bruce acompanhada com um estremecimento de todas suas extremidades, ele não poderia nem cogitar a possibilidade de perder seu amigo. Apesar do insucesso do contato, Bruce precisava deixar sua mensagem registrada, talvez Hélio ouvisse pela manhã e retornasse o recado:

Hélio, aqui é o Bruce, preciso que você venha imediatamente para cá. Acho que eles descobriram tudo, cara. O que você fez? Eu falei para você ser discreto. Corre para minha casa antes que seja tarde demais. A gente conversa aqui, mas vem logo!

Missão (parcialmente) cumprida. Era hora de dormir. Talvez junto com o sol pela manhã, a solução apareceria e tudo voltaria ao normal.



Novo dia, e não é que Bruce se sentia realmente melhor? O pessimismo do dia anterior deu lugar a um otimismo inexplicável. De repente, o garoto sardento que comia pão doce todos os dias estava voltando a ter ideias, e elas pareciam promissoras. Assim que acordou, pediu para que uma das empregadas servisse o café na casa da piscina, seria bom ter um lugar calmo para pensar. As crianças estavam especialmente agitadas naquele domingo ensolarado. Antes de terminar seu café e ler o Diário do Povo, eis que aparece em sua frente, como uma esfinge do antigo Egito, seu amigo Magricelo:

- Oi, Bruce. Como vai? Recebi sua mensagem, o que há de tão urgente? - Perguntou.

- Hélio, você não deveria ter feito isto. Você automaticamente se colocou em risco e o que é pior, as nossas famílias também.

- Mas do que você está falando, Gringo? Eu achei que o rapaz da loteria que me entregou o cartão fosse enviado por você. Não era?

- Que rapaz, Hélio? Foram eles, a Intercorp. Eles sabem que há algo de errado e agora tem seu endereço também. -Declarou Bruce, se levantando rumo a seu escritório.

- Me desculpe, Gringo. Você, mais do que ninguém sabe que eu não sirvo para este negócio de gangster. -Brincou.

- Não é hora para brincadeiras, Hélio. O assunto é sério. Faça exatamente o que vou te dizer. Mas preciso de um minuto. Já te explico. -Disse Bruce, buscando o telefone.

A pausa na conversa serviu para Bruce discar um número aleatório. Ele já tinha algo na cabeça, mas preferiu não contar a Hélio neste primeiro momento. Gringo sabia o quão rápido se apavorava, o Magricelo. Era melhor que ele só soubesse de seu papel no exato momento da atuação. Enquanto pensava em seu plano, o telefone respondeu, alguém totalmente desconhecido respondeu e, sem deixar que desligasse, Bruce emendou:

- Deixem meu amigo em paz, ele não fez nada de errado! Venham atrás de mim, eu não tenho medo de vocês! -Desligando antes que houvesse qualquer chance de resposta do outro lado.

Aquela encenação só serviria para um propósito: acalmar o medroso Magricelo. O coitado voltaria para casa tranquilo, enquanto tudo ao seu redor pegava fogo. Bruce ainda lhe contou a novidade, que mandaria as crianças juntamente com Lucy para os Estados Unidos.

- Hélio, eles vão para Orlando, por agora. Pelo menos, até esse pesadelo passar. Sugiro que você vá ver Christie, o mais rápido que conseguir. -Avisou Bruce, enquanto também fazia o comunicado para a família. As crianças, é claro, adoraram.

Os amigos se despediram, Bruce pediu para que Hélio continuasse com sua vida normal, mas que fosse mais cuidadoso, a partir de agora. Não havia espaço para mais erros. Então, se abraçaram, mal sabiam eles que seria a última vez. Depois do abraço, uma breve encarada e o famoso: “Se cuida, hein?” Falado pelos dois simultaneamente.

Os dias seguintes foram utilizados para despachar os meninos e a esposa de Bruce. Ele inventou um pretexto de férias deslocadas. Pediu para que a família fosse antecipadamente, pois tinha alguns negócios para resolver pela cidade. Se juntaria a eles logo mais.

Voltando do Aeroporto, em uma quarta-feira, recebeu a ligação de Falcão que pediu atenção total para depois emitir a mensagem:

- Bruce, onde você está? Espero que já esteja colocando nosso plano em prática. Hoje é o grande dia. Não sei o que você combinou com seu amigo, mas ele jogou a sequência de dezenas ímpares e o prêmio finalmente chegou. Agora é sua vez de agir.

O silêncio foi a resposta de Gringo. Por mais que tentasse, ele não conseguia emitir nenhum tipo de sinal. Sabia que precisava agir, mas não achou que seria tão rápido.

Na ausência de resposta, Falcão continuou sua artilharia de ameaças.

- É bom que isto signifique que você irá proceder conforme combinamos. Você não iria querer que a diversão de sua família com o Mickey fosse interrompida por uma tragédia. Seria uma pena, mas você duvida do que somos capazes? Estou aguardando o bilhete até o fim da semana. Boa Sorte! Você vai precisar.

Bruce conhecia, naquele momento, o fim da linha. Sabia o que precisava fazer, mas o verdadeiro questionamento consistia em: teria coragem para executar? Mesmo em uma situação extrema com aquela se configurava, ainda assim seria capaz de escolher entre sua família – tudo o que havia de mais importante em sua vida – ou seu amigo – que conhecia desde que se entendia por gente -?

Já em sua residência, separou algumas roupas em uma mala e dispensou os funcionários. Dizendo que todos estavam liberados, lhes dando uma boa quantia em dinheiro, que ficava de reserva no cofre de sua residência. Assim

que os funcionários se foram, Gringo tomou como destino a casa de magricelo.

Era tarde da noite e ele não tinha certeza se Hélio estaria lá. Tentou ligar para o telefone da residência antes de sair, mas a linha insistia em permanecer ocupada. Na impossibilidade de a voz realizar o contato, havia sobrado para o corpo propriamente dito concluir a tarefa. A presença de Bruce era mandatária no local, e rápido. O tempo jogava contra. Enquanto enxergava as luzes dos faróis de veículos que transitavam na faixa de sentido oposto, Bruce imaginava como abordar aquela situação com seu melhor amigo. Nem todas as respostas estavam claras, mas um assunto era de extrema importância: o que fazer com o prêmio de Hélio? Acaso a opção fosse resgatá-lo, a prioridade seria fugir, depois de pegar Sílvia e Christie.

Bruce notou que Santa Madre estava mais quieta do que de costume naquela noite fria. Ninguém estava na rua em que Hélio morava, quando chegou. Hesitou por alguns segundos antes de apertar a campainha. Ele ainda não havia parado desde o telefonema de Falcão, estava retomando o fôlego antes de enfrentar o furacão que estava por vir. Estendeu a mão até a campainha de Hélio, mas percebeu que a porta estava destrancada, então entrou (a força do hábito não ajudou muito nesta parte). Ele havia pedido para que seu melhor amigo tivesse mais cuidado, porém o mais novo milionário da região não parecia estar seguindo os seus conselhos.

Olhou em volta da sala, mas Hélio não estava. Foi quando percebeu um barulho na parte de cima, mais precisamente no quarto do Magricelo. Enquanto estava subindo a escada, escutou um estrondo que o fez paralisar, junto com este estampido, um clarão que o cegou por alguns instantes. Havia algo de errado no cômodo e, ao chegar na porta do quarto, a suspeita acabou: Um rapaz moreno, aparentava ter uns 60 anos, cabelos raspados mas totalmente brancos, um senhor gordo, parecia ter treinamento (pela forma que empunhava uma pistola) acabara de acertar Hélio pelas costas, que estava totalmente sem forças, não havia mais nada a se fazer. Ao ver a cena, Bruce congela, enquanto o homem vasculha os bolsos de Hélio, totalmente imóvel. Tudo o que Gringo consegue fazer é gritar.

- É você? Não pode ser!

O velho se assusta e corre em sua direção, aplicando um empurrão no espectador intrometido, que cai. Ao aterrissar, a cabeça de Bruce recebe um impacto violento, tudo se apaga. Agora havia dois corpos no chão. Os melhores amigos dividiam o solo sagrado da residência dos Silva.

Após alguns minutos inconsciente, Gringo retoma suas faculdades mentais, mas, desta vez, não consegue se lembrar do que ocorreu. Possivelmente, o impacto foi tão forte que a lesão prejudicou o processo de armazenamento das informações recentes. Bruce somente conseguiu se situar (e reconhecer o local em qual estava caído), quando avistou Hélio no chão. Seu companheiro de todas as horas já estava sem vida. Gringo não conseguia acreditar como algo tão horrível pode ter acontecido tão rápido e, o pior, ele não conseguia fazer nada para impedir. O homem de cabelos amarelos não conseguia mais falar, nem raciocinar direito. Pensou em mover o corpo, mas sabia que poderia prejudicar na identificação do verdadeiro assassino, que ele não conseguia lembrar sequer do rosto.

Hélio já tinha partido, não havia mais nada que Bruce pudesse fazer sobre isto. O fim de seu amigo chegou e por sua culpa. Ele foi o causador de todo aquele sofrimento. Desde que resgatou aquele prêmio maldito, todos que o amavam sem foram, e no caso de magricelo, seria para sempre.

Bruce saiu desnortado daquele lugar, se sentia sufocado com toda aquela culpa. O peso em sua consciência era maior do que a dor da pancada. Dirigiu de volta até sua casa, seu palacete (azarado) de luxo. Achou que conseguiria estabelecer alguma estratégia para sair daquela situação, um plano B, quem sabe? Porém, por mais que Gringo tentasse, aquela cena de Hélio morto e coberto pelo próprio sangue não dava espaço para mais nada em sua cabeça. Só o que permaneceu vagando em sua consciência foi que deveria ter sido ele, estirado naquele chão e não Hélio. Era a primeira vez, desde que tomou consciência de sua própria existência, que ficava sem a mão amiga de magricelo. Eles não se viam muito, mas de certa maneira, Bruce sabia que poderia contar sempre com seu melhor amigo, caso a necessidade apertasse. E agora? Com quem ele iria contar? Mais ninguém, essa era a resposta.

Passadas algumas horas, tomado por um desespero nunca antes sentido em sua vida monótona (mesmo depois que virou milionário), Bruce toma uma decisão drástica: Poupará o mundo de sua existência. Era a única maneira de tirar a Intercorp do encalço de sua família, prioridade máxima naquele momento. Ele já arruinou a vida de seu (praticamente) irmão. Ver seus filhos e esposa tendo o mesmo fim seria demais para ele. Apesar do episódio na casa de Hélio não passar de borrão em sua memória, Gringo tinha certeza de que havia sido alguém a mando da Intercorp que assassinou seu amigo. Mesmo informando que aguardaria pelo contato do milionário, o bicheiro resolvera agir por conta própria e realizar a busca pelo bilhete

premiado.

Malditos porcos! Acabaram com a vida de Hélio, mas não terão o mesmo gostinho comigo, pensou Bruce.

– Eu mesmo faço o serviço, seus infelizes. - Gritava Gringo, completamente transtornado pelos quatro cantos da casa – Não vou dar este prazer a vocês! Estão ouvindo? Vocês que se danem!

O rapaz já havia se livrado das roupas quando chegou, a única coisa que cobria (parcialmente) seu corpo era um roupão que ele usava nos dias de diversão na piscina. Bruce tentou se desvencilhar de tudo o que havia presenciado, a roupa foi só o início. Mas havia algo que ele, apesar de todas as tentativas, não conseguia se livrar: a culpa por ter sido o pivô da morte de Hélio.

Então, extremamente transtornado, Gringo desce até seu escritório e tira de dentro de um armário, na parte mais alta, uma escopeta calibre doze, era como ele pretendia dar cabo de sua vida. Sem pensar muito, carregou a arma e sentou-se em frente a uma mesa de madeira imponente que tomava conta de boa parte do recinto. Sentado, utilizando a mão que estava livre, abriu uma gaveta, que integrava o imponente móvel, e retirou uma filmadora. Apoiou a arma nas costas da cadeira, ajustou algumas vezes a lente, de forma a conseguir o melhor ângulo, e iniciou o registro de sua despedida, empunhando a arma novamente:

“Meu nome é Bruce Pereira, tenho 40 anos, sou casado com Lucy, o grande amor da minha vida, tenho dois filhos: Bela e Fábio. É para proteção deles que tomei esta decisão. Desde que recebi o Senhor Falcão Martins, responsável pelo sistema de loterias do Black Bank, juntamente com o Sr. Félix, diretor e fundador da empresa INTERCORP, em minha casa, minha vida virou um verdadeiro inferno. Quando fui funcionário do Black Bank, implantei uma sequência de dezenas, que acabou de ser sorteada na quarta-feira, quando as ameaças se intensificaram. Afirmo que, só foi possível inserir a sequência 01-05-13-23-31-49, devido ao fato de que o Black Bank manipula, repito, ma-ni-pu-la o sistema de sorteio. Existe um universo pré-definido de sequências guardadas em um caixa, denominada Caixa de Pandora, então o algoritmo que realiza o “sorteio”, que na verdade, não passa de uma escolha, não tão aleatória assim, elege uma destas sequências implantadas na caixa como vencedora. Acontece que a sequência que implantei não era minha e sim de meu amigo Hélio Silva, que acabou de ser assassinado por um dos agentes da INTERCORP. O bicheiro usa esta

empresa sob o pretexto de realizar a segurança do setor, mas a verdade é que a INTERCORP faz bem mais do que isso. Eles são verdadeiros cães de guarda do Sr. Falcão e agem deliberadamente para conseguir encobrir as falcatruas de seu patrão. Eu mesmo presenciei o crime, estava lá. Eles mataram Hélio Silva. Peço que vocês não deixem que essa corja de ratos saia impune desta atrocidade. Hélio só queria uma melhor condição de vida para sua família. Mas o bicheiro Falcão Martins, juntamente com a INTERCORP, tirou este sonho do meu amigo. Como não fui capaz de detê-los, me despeço aqui. Não sou mais digno de dividir o mesmo ar de pessoas de boa índole. Peço desculpas a todos que machuquei ou decepcionei. Aos meus filhos, deixo minhas lágrimas e à minha esposa, meu coração”.

Tudo o que se vê depois no vídeo é um corpo sentado com o crânio totalmente desfigurado, vítima da escopeta calibre doze.

Fim da mensagem, silêncio total.

A gravação dura até o fim da bateria, depois somente há a escuridão.

CAPÍTULO 13 – BALA NA AGULHA

Olha só, quem está de volta? É você? Eu te disse que não iria precisar de minha ajuda. Porém, se ainda está um pouco perdido com o rumo que os fatos tomaram, eu posso te ajudar. Afinal, tenho que manter minha promessa. Vamos voltar ao momento em que o conteúdo da gravação foi revelado. Eu disse que tinha uma manchete para escrever, não disse? Pois bem, vamos ao que interessa.

Depois de ouvir o relato de Bruce, me virei para Sofia, que estava surpresa demais para emitir qualquer tipo de reação. *Mas se não foi Bruce quem matou Hélio, quem mais seria?* Pensei.

Saímos daquela casa de pilastras brancas sem nenhuma solução possível. Minha suspeita sempre foi a Intercorp, agora tínhamos a certeza, ratificada pela mensagem do vídeo. Mas quem, precisamente, foi esta pessoa? O nome de Félix é mencionado várias vezes na gravação, mas a autoria do crime não foi designada ao fundador da empresa de segurança. Bruce conhecia muito bem o fundador da Intercorp, não hesitaria em denunciá-lo.

- E agora, Sofia? Sabemos onde procurar, definitivamente foi a Intercorp, mas não há evidências suficientes para incriminá-los. Não temos nem a certeza de que Bruce está falando a verdade. Pode ter levantado esta suspeita com o objetivo de não ficar conhecido como assassino do melhor amigo. – Dei início a provocação.

- Se Bruce estiver falando a verdade, havia mais alguém na casa de Hélio no momento do crime. Precisamos checar novamente as filmagens da câmera de segurança. -Pontuou.

- Boa ideia. Talvez deixamos passar algum detalhe despercebido. Certamente haverá outro invasor, além de Bruce, naquele dia. -Conclui.

Ali estávamos nós, novamente naquele cubículo da sala de projeção, revivendo a batalha contra nossa limitação ocular em busca do novo suspeito. Novamente, o tempo era nosso inimigo e o ângulo da filmagem também. O máximo que conseguíamos ver era a figura de Bruce parado na porta e, depois do clarão, alguns minutos se passam, ele está de volta, correndo atordoado. Não dava para identificar mais ninguém. Ficou claro para nós, os detetives do caso de Hélio (Sofia, a oficial, e eu, o penetra), que aquela

ferramenta tinha cumprido seu papel na identificação de um suspeito, a identificação de outro seria pedir demais de um equipamento de tão baixa resolução.

Sofia, então, percebendo o fim da utilidade da câmera, começou a explorar alternativas, já havia coletado bastantes evidências na cena do crime. Uma delas, certamente, cumpriria também seu papel: auxiliar na elucidação definitiva do homicídio. Até que sua busca deu resultado. A jovem policial lembrou que havia pedido o exame de balística e que ainda não tinha lido o relatório sobre o resultado.

Imediatamente, se dirigiu até a mesa de André.

- André, pega o relatório do caso de Hélio com o resultado da Balística, por favor.

Assim seu imediato o fez, entregando a maçaroca de papel protegido por uma pasta à moça.

- Que estranho... -Declarou a moça.

- O que diz o papel, Sofia? O que há de tão estranho? -Interrompi.

- Eu já esperava que o projétil encontrado no corpo de Hélio não fosse o mesmo da arma utilizada por Bruce, quando se matou. O que não esperava era encontrar este calibre. Analisou Sofia.

- Como assim? Que calibre? Fala logo.- Perguntei, demonstrando todo meu desconhecimento em assuntos bélicos.

- O calibre encontrado é de uma .40.

- Mas o que isso tem de tão estranho? - Insisti.

- As armas que possuem este calibre são de uso policial. Não são comuns na rua. -Enfatizou Sofia.

- Que bobagem, Sofia. – Interpelou André. – Nem parece que já trabalhou na rua, quantas destas recolhemos uma dessas com a numeração raspada em nossas diligências? Esqueceu?

- Você tem razão, André. – Analisou a ruiva. – Mas não deixa de ser um indício, correto?

Para mim estava mais que correto, era perfeito. A conversa serviu para comprovar a teoria de Bruce. Definitivamente, foi alguém da Intercorp que tirou a vida de Hélio, afinal a empresa é conhecida por empregar ex-policiais. Restava saber quem. Na verdade, este seria o nosso maior desafio. Não poderíamos ser levianos e levar esta denúncia até o conhecimento do bicheiro e, respectivamente, do Sgto. Félix. Os dois tinham experiência de sobra e não seria a primeira vez que lidariam com uma denúncia. Sendo ela

infundada então, seria ainda mais fácil de escapar da condenação. Teríamos que ter certeza, não poderia ser um blefe. Ou poderia?

Falcão era conhecido por ser um bom jogador, de agir pelas entrelinhas. Por que não poderíamos jogar seu próprio jogo para capturá-lo? Já havíamos tentando de tudo pelos procedimentos normais e ainda assim não conseguimos chegar nem perto deles. A estratégia teria que ser alterada. A mensagem aparecia com bastante clareza em minha mente, então resolvi arriscar, compartilhando a ideia com Sofia.

- Nós precisamos fazer algo diferente, se quisermos resultados diferentes, Sofia.

- Como assim, Jonah? Do que você está falando? Por acaso, não percebeu que entramos em um beco sem saída? Não há como avançar. -Retrucou a moça.

- Pense bem... Quem quer que tenha sido o assassino, seu objetivo sempre foi o bilhete premiado. E, até onde sei, o prêmio ainda não foi resgatado.- Continuei.

- Isto é verdade. Mas aonde você quer chegar?

- Veja, se o caso fosse dado como encerrado e noticiarmos a descoberta do assassino, mesmo que, para isto, precisássemos mentir. O verdadeiro culpado pelo crime pensaria ter se livrado da condenação. Com o crime resolvido, a casa de Hélio deixaria de ser local vigiado pela polícia. Então, o criminoso estaria livre para invadi-la novamente e, com mais calma, procurar o bilhete. Neste momento, capturaríamos o meliante em flagrante. - Conclui minha genial estratégia, estirando o pescoço em sinal de orgulho, nunca havia me sentido mais importante na vida.

- Jonah, você está falando em plantar uma notícia falsa? Mas isto vai de encontro a tudo o que a polícia defende, estaríamos encerrando o caso sem o verdadeiro culpado. Além disto, qual jornal aceitaria publicar este tipo de notícia? - Argumentou Sofia.

A moça de cabelos vermelhos parecia ter esquecido, com toda aquela confusão, que eu mesmo havia publicado uma manchete no Diário do Povo recentemente, sobre o assassinato de Hélio. Tratei de lembrar minha companheira de investigação sobre meu talento para notícias. Caso aprovasse minha estratégia, com apenas uma ligação para o velho McDowell (depois de alguns xingamentos) poderíamos colocar o plano em prática. Eu publicaria a notícia e Sofia destacaria uma equipe para ficar de campana na casa de Hélio. Assim que o invasor consumasse o fato, invadindo a residência da vítima,

seria facilmente apanhado. Pronto, problema resolvido. Menos um mistério para conta.

Sofia, como de costume, aceitou sem pestanejar. Mas pediu para que, antes da abordagem no jornal, aguardasse sua reunião com o chefe da polícia, na qual solicitaria permissão para executar a jogada. Aquele era um plano arriscado, colocaria em risco tanto a reputação do jornal, quanto a da polícia e precisaria ser minuciosamente discutido com todos os envolvidos. Não havia espaço para falhas, não naquela altura do jogo. Precisão cirúrgica era fundamento básico para o sucesso da operação.

Assim a detetive prosseguiu, trancando-se em um gabinete cercado por janelas com vidros opacos cobertas por persianas retráteis, que foram esticadas por um senhor barrigudo após a entrada da moça. Fiquei do lado de fora, tentando imaginar quais argumentos seriam utilizados por Sofia para convencer seu chefe. Afinal, também iria precisar para convencer McDowell que, usualmente, não tinha a paciência como sua principal virtude. Minha tarefa seria mais difícil. Enquanto arquitetava os argumentos na cabeça, eis que a porta se abre e sai de lá uma moça com olhos brilhantes, muito diferente da ranzinza que entrou:

- Ele topou! Podemos fazer! -Ela disse.

Sorri e sinalizei de forma positiva com a cabeça, por fora estava tudo bem, mas por dentro, meu desafio estava apenas começando. A responsabilidade estava toda sobre minhas costas. Sinceramente, quando lancei a ideia para Sofia, sem pesar todas as possibilidades, não achei que vingaria. Apesar de torcer para estar errado, achei que morreria justamente na primeira tentativa, naquela sala de vidros opacos. Pois é... não morreu.

E agora era a minha vez de enfrentar a fera. Não poderia falhar diante daquela expectadora que me observava sem dizer uma palavra, mas também não havia necessidade, seus olhos gritavam por resposta (e tinha que vir rápido).

Antes que a moça me prendesse por excesso de suspense, peguei o telefone e invoquei o rugido do “leão” McDowell.

- Chefe, o senhor está sentado? Tenho novidades sobre o caso. -Informei.

- Pare logo com essa besteira, seu Imbecil. Fala logo do que se trata. - Respondeu carinhosamente, o velho editor do Diário do Povo.

- É o seguinte, eu tenho uma matéria sobre o assassinato de Santa Madre, aquele do rapaz da loteria. -Continuei.

- Nossa! Não me diga... É exatamente por este caso que estou ligando

sem parar a droga do seu telefone, seu imprestável. – As últimas palavras foram faladas com um tom bem mais acima do normal e saíram praticamente sem espaço, um verdadeiro assassinato à fonética.

- Calma, Chefe, o senhor precisa ouvir o que tenho a dizer. – Apertei os olhos enquanto falava.

-Fale logo, não tenho tempo a perder com você. -Enfatizou McDowell.

- Então, não sabemos ainda quem é o assassino, mas podemos utilizar o jornal para descobrir.

- Como assim utilizar o jornal? O que você está querendo dizer? – A irritação começa a se intensificar na voz do meu patrão novamente, dava para sentir a vibração de suas cordas vocais.

- Lembra do crime ocorrido no condomínio Alameda dos Anjos, que me comentou hoje mais cedo? Então, na verdade foi o amigo de Hélio que se matou. Este amigo, o Bruce, deixou uma mensagem antes de cometer o ato, informando o verdadeiro culpado pelo crime. -Expliquei.

- Não estou entendendo, Jonah. No que isto vai ajudar a polícia a elucidar o caso?

- A estratégia da polícia é noticiar a resolução do crime, atribuindo a autoria do assassinato ao suicida. Desta forma, o verdadeiro criminoso pensará que se livrou da acusação. - Finalizei a explicação de modo bastante didático.

- Ok, até aí eu entendi. Mas como isto ajudará a capturar o real assassino? -Pontuou de uma forma mais branda do que o início da conversa, o velho.

- Ocorre que o objetivo do criminoso, desde o início, foi colocar as mãos no bilhete premiado da vítima. De modo que, com o crime solucionado, longe de toda a culpa, certamente ele voltará ao local para uma segunda tentativa. – Respondi.

- Hum...Entendi! Então o Diário do Povo precisará implantar uma notícia falsa, arriscando toda sua credibilidade? Você ficou maluco, Jonah? Eu trabalho neste jornal há 35 anos, nunca publiquei um parágrafo sem checar a fonte. -Esbravejou McDowell.

- Analise, Chefe. Pense na repercussão que isso traria para o jornal, caso o misterioso assassino fosse preso com a nossa ajuda. Além disto, o Diário do Povo publicaria a história com exclusividade. Seria o único em toda a região a vender a matéria. - Apliquei a cartada final.

- Você disse exclusividade? – Um ruído rouco saía da garganta de McDowell. -Pensando bem...que mal faria publicar esta história em função de

um benefício tão grande, não é? Se a estratégia não for bem-sucedida, publicaremos uma nota explicativa, pedindo desculpas aos leitores. Ok. Está aprovado! Me envie o texto até o fim do dia, vou tentar encaixar na pauta de amanhã.

Finalizou a ligação, McDowell.

A conversa demorou tempo suficiente para quase enfartar a jovem detetive e, antes que a moça gastasse seu último suspiro, aguardando a resposta, tratei de confirmar o aceite do velho McDowell. Em troca do feito, ganhei um abraço apertado. Agora seria eu quem precisava de ar, meu fôlego foi extinto junto à emoção do contato. Após um breve momento de festejo, seguimos para nossas atribuições. Sofia tratou de reunir a equipe e eu, de redigir a matéria. O tempo agora era nosso inimigo, precisávamos correr para ter sucesso.

CAPÍTULO 14 – FORÇA-TAREFA

Já era manhã, um barulho na porta, primeiro isolado, depois seguido por mais duas, três, quatro vezes. Poderia alguém importunar outro tão cedo e sair livre para contar o caso? Aquilo era um absurdo, havia trabalhado durante toda a noite na matéria sobre o assassino de Hélio. Caso a memória não falhe, não fazia muito tempo que tinha encostado a cabeça no travesseiro. A sensação era de ter sido segundos. Mas a maldita porta insistia em perturbar. A única maneira de fazê-la parar, era respondendo ao seu chamado.

Era Sofia, trazia consigo uma cópia do Diário do Povo, pela clareza do sol que atingia minhas córneas, percebi que já não era tão cedo assim, o dia já estava pelo meio, na melhor das hipóteses.

- Ainda dormindo, Jonah? O mundo pegando fogo e você aí, na cama?

- Como assim? Que horas são? - Perguntei ainda tentando processar as informações.

- Já é tarde para quem precisa capturar o assassino do bilhete premiado. - Provocou Sofia.

Ao mesmo tempo que falava, a moça estendeu o exemplar do jornal em uma das mãos e um copo de café da padaria na outra. Insistia para que eu acordasse, saísse do modo sobrevivência que tinha me levado da cama até a porta. Não tínhamos tempo a perder. Enquanto eu desfrutava dos braços de Morfeu, Sofia já tinha passado na delegacia, organizado as equipes de campo, selecionado os pontos de vigilância e estacionado uma van de monitoramento (de onde acompanharíamos o andamento da operação) em frente à porta da antiga casa de Dona Dita, a mesma porta que foi abusada fisicamente pela ansiedade da jovem detetive em me despertar.

Enquanto engolia o café escaldante, rezando para que as sequelas causadas pelas queimaduras do líquido não fossem permanentes, voltei minha atenção à edição do Diário de Povo e lá estava: “MISTÉRIO REVELADO! DESCOBERTO O ASSASSINO DE SANTA MADRE”. McDowell havia prosseguido conforme combinado, a isca foi lançada. Faltava o tubarão.



Se soubesse que passaria os próximos dias naquele forno micro-ondas, apelidado erroneamente de Veículo de Monitoramento, não teria sequer cogitado esta ideia. O calor e tédio eram insuportáveis, durante os plantões de Sofia, quando tinha a possibilidade de acompanhar a operação, nada acontecia. A decepção era tanta, que chegamos a cogitar a hipótese de que Bruce havia nos enganado. Não existia assassino nenhum, ele mesmo consumou o fato. As horas passavam e o desespero só aumentava. *Quanto tempo a polícia aguentaria?* Pensei. Afinal, a mobilização de recursos que cercavam todo o perímetro era grande. Todo este pessoal dedicado a uma operação deveria fazer falta em outras investigações. O chefe de Sofia não apoiaria a ideia por muito tempo. Era preciso trazer resultados, que neste caso consistia em algemar o verdadeiro assassino de Hélio. Mas, para isto, a contribuição do meliante era fundamental.

Mesmo sem sucesso nos primeiros dois dias, eu sabia que o ápice daquela missão estaria próximo. O ladrão não tiraria a vida de Hélio, se não estivesse determinado a colocar as mãos no prêmio. Era questão de tempo. E o tempo havia chegado, justamente quando me retirei da van para buscar um sanduíche na padaria para Sofia, acompanhado de café, é claro. Quando voltei do passeio, tentando equilibrar o copo e evitar possíveis queimaduras de segundo grau em razão do líquido preto fervente, Sofia me advertiu.

- Silêncio, Jonah. A operação está em curso. Detectamos movimento na residência da vítima.

- Desculpa. Já temos o visual? Sabemos quem é? -Perguntei.

Tudo o que veio de Sofia, em resposta aos impertinentes questionamentos, foi um sonoro “Shiiii”. Atendi ao apelo, utilizando somente a visão para acompanhar a ação. Sofia, a todo tempo, guiava os policiais disfarçados. Havia mulher passeando com cachorro, lixeiro recolhendo sacos, vizinhos varrendo a calçada. Parecia uma vizinhança normal, mas eram todos policiais. Pelo que pude ver nos pequenos monitores, o suspeito entrou pela janela da cozinha.

Deve ter sido por isso que não foi capturado pela câmera da casa em frente à de Hélio na noite do crime, pensei.

André estava mais próximo da entrada e ficou encarregado de capturar o gatuno quando se concretizasse a invasão. Tínhamos todo o visual do interior da casa, foram espalhadas câmeras de circuito fechado por todos os cômodos. As imagens eram transmitidas para a Van e gravadas em um HD da polícia. Mais uma evidência para o caso.

Pelas imagens, não tinha como identificar se o invasor era conhecido. Aparentava ser velho, moreno e de cabelos curtos (raspados). Assim que o transgressor saiu da cozinha e tomou como rumo o andar de cima, Sofia autorizou a entrada de André, juntamente com o restante do efetivo para sacramentar a prisão. À medida que a comitiva avançava, o contingente diminuía. Um a um, os agentes tomavam postos estratégicos: porta de entrada, final da escada, porta do quarto de Hélio. Bum! Voz de prisão declarada, flagrante registrado.

O suspeito tentou esboçar alguma reação, mas estava completamente cercado por homens de capuz fortemente armados. Vibração e euforia dentro do forno micro-ondas, ou melhor, no veículo de monitoramento. Sofia ordenou que trouxesse o suspeito para a sala e se dirigiu ao local para declarar o motivo da prisão, mal sabia a moça que a surpresa do meliante ao ver a equipe policial não seria nada, comparada à sua ao descobrir a real identidade do assassino.

- Não acredito! Não pode ter sido o Senhor. -Declarou a detetive.

O Senhor em questão era Aristo do Nascimento, Coronel aposentado da Polícia, Ex-diretor de inteligência da Intercorp e, agora, verdadeiro assassino de Hélio Silva. O estado de choque da jovem chefe da operação também havia me dominado. De todas as possibilidades levantadas, nenhuma delas levava ao Cel. Aristo. Falhamos, miseravelmente, em atribuir a culpa aos suspeitos. Não tínhamos chegado nem perto. Na verdade, chegamos (e fisicamente) naquela mesa de restaurante, onde obtivemos informações importantes sobre a Intercorp e o bicheiro Falcão Martins, estes tinham motivos para matar Hélio. Mas, o Coronel? Que motivos ele teria? Era isso que pretendíamos descobrir.

- O que leva um Coronel honrado da polícia a cometer um crime torpe destes? O senhor tinha a confiança de todos, inclusive a de meu pai. O que o fez jogar isso tudo fora? -Indagou Sofia.

- Menina, a vida não é esse carrossel encantado que seu pai te fez acreditar. A realidade é cruel e podre. O mundo é dos mais ricos, dos poderosos. Você acha que é fácil trabalhar por quarenta anos e não deixar nada de valor para seus filhos? - Iniciou o depoimento, o Coronel.

- Como assim, Sr. Aristo? O Senhor levava uma boa vida, ainda trabalhando na Intercorp.

- Isto até aquele maldito bicheiro assumir o controle das ações. Falcão Martins se acha no direito de humilhar, coagir, subjugar as outras pessoas.

Ele é uma espécie de praga que vai se alastrando silenciosamente e, quando você se dá conta, já destruiu tudo o que preza. Inclusive amizades de longas datas. Eu tinha que dar o troco nele, tinha que atingir seu ponto fraco: a ganância. - Continuou Aristo.

- Pode explicar, Sr. Aristo? Não estou entendendo o mérito da questão. - Declarou a policial.

- Quando foi descoberta a invasão de Bruce ao sistema, Falcão ficou desnortado. Eu sabia que ele iria mover todos os recursos para colocar as mãos no bilhete. Então, percebi ali uma oportunidade perfeita. Eu incriminaria Falcão pelo assassinato de Hélio e, de quebra, ainda ficaria com a bolada do prêmio. Infelizmente, as coisas começaram a desandar quando Bruce apareceu.

- O senhor pode detalhar a forma como agiu? - Solicitou a detetive.

- Quando a culpa recaiu sobre a Intercorp por não ter evitado a invasão no sistema do banco, defini que precisaria me afastar da empresa para não criar qualquer suspeita. Porém, antes de sair, espalhei algumas escutas pelo Black Bank, principalmente nas salas de Falcão e de Félix, que também era minha antiga sala. Além disto, consegui grampear o telefone do bicheiro, cobrando um favor a um amigo que trabalha na inteligência da Polícia. Depois disto, tudo foi mais fácil. Fiquei monitorando as conversas do Manda-Chuva do Banco com Bruce e, através delas, identifiquei o dono da aposta e o resultado do sorteio. Soube, exatamente, o dia de agir. -Detalhou o ex-Coronel.

- Mas como descobriu o endereço da vítima?

- Bom, eu já sabia a cidade em que o amigo misterioso de Bruce morava, só precisava saber onde ficava sua residência. Quando o bicheiro ligou para pressionar Bruce, no dia que a aposta foi premiada e dizendo a cidade de onde aposta havia saído, só precisei procurar a única lotérica da cidade, me identificar como Intercorp e pressionar para descobrir o endereço. Logicamente, utilizei o pretexto de um jogo feito por Hélio, uma sequência de 01 a 06, para justificar a visita.

- E o crime, como tudo ocorreu? -Continuou perguntado, a jovem policial, ela não iria parar agora.

- Depois que fui à loteria, me adiantei para checar o endereço da casa onde o bilhete estava. Chegando no endereço, as luzes estavam acesas, então eu tive a certeza de que Hélio estava em casa. Porém, a invasão não poderia ser pela porta da frente. Já tinha trabalhado tempo suficiente na polícia para saber como não criar evidências contra si. Vi que a rua não estava

movimentada, mas havia câmera de vigilância na casa de frente. Então dei a volta e entrei pela janela da cozinha, que estava entreaberta. Fui bastante cuidadoso para não fazer nenhum barulho que denunciasse a invasão, dei uma rápida olhada no andar de baixo, mas não havia nada que me interessasse. Foi quando percebi o barulho no andar de cima. Acessei o piso e fui em direção ao quarto. O rapaz estava transtornado com a conquista do prêmio e nem percebeu minha aproximação. Achei que seria mais fácil executar o disparo... – neste momento, Aristo fez uma pausa, sua cabeça estava direcionada para o chão e balançava de forma negativa - quando repassei os passos antes de agir. Mas nunca fui do tipo de matar a sangue frio, nem a sangue quente. Infelizmente, era tarde demais para retroceder. Um disparo único pelas costas e o serviço estava feito. Enquanto Hélio agonizava no chão, revistei seus bolsos em busca do bilhete premiado. Foi neste momento que meu plano começou a dar errado.

- O que aconteceu? – Tive que intervir, conseguindo uma encarada gélida de minha parceria de investigação no mesmo momento.

- Antes que pudesse achar o bilhete, ouvi um grito como se alguém tivesse me reconhecido. Era Bruce. Então corri em sua direção e apliquei um empurrão, o derrubando com bastante força. Ele ficou inconsciente devido à pancada na cabeça que levou durante a queda. Me desesperei e fugi pelo mesmo local que havia entrado. Estava certo de que seria pego, era uma questão de tempo, bastava Bruce me denunciar. Mas, por alguma razão, a acusação nunca veio. Pelo contrário, segundo o jornal, Bruce é quem havia cometido o crime. Algo conspirou a meu favor, ou melhor contra, não é? – O coronel reformado colocava as mãos algemadas em evidência, como se tentasse nos mostrar a consequência de seu ato.

- Foi o bilhete que te fez voltar a esta casa? - Indagou Sofia.

- Depois da matéria do Jornal, pensei bastante sobre esta investida. Parte de mim sabia que haveria o risco de ser capturado, que poderia ser uma cilada armada pela polícia. Como foi. Mas a outra parte queria o prêmio, e muito! Esta parte prevaleceu, então aqui estou eu. – Deu para ouvir o suspiro de consternação do já idoso prisioneiro ao final da frase, talvez ele estivesse acabando de digerir o fato.

- Uma última pergunta Coronel. Por que aceitou nos encontrar naquele restaurante depois do crime? Mesmo sabendo que corria o risco de ser pego. – Sofia não deixaria de fazer esta pergunta, não a menina curiosa que sustentou a investigação.

- Quando recebi a ligação de seu pai, com quem não falava há muito tempo, percebi que se tratava de questões ligadas à Intercorp. Se houvesse alguma pista que me indicasse como assassino, tinha ciência que poderia ser levado sob custódia imediatamente. Mas, deu para notar que não era este o caso. Então pensei que seria uma boa oportunidade para instigar ainda mais a atenção para Intercorp. Resolvi aproveitar. Me pareceu a decisão correta naquele momento. - Finalizou.

Depoimento registrado, Aristo entrega sua pistola antes de ser levado para as formalidades carcerárias. Agora, além do depoimento, das evidências da invasão e da gravação feita por Bruce, podíamos comparar a compatibilidade da munição .40 com o projétil retirado do corpo de Hélio. A primeira coincidência já tinha sido encontrada: o Calibre. Só restava comparar o lote e a data de fabricação. Devidamente checados pela detetive. Sofia estava determinada a não deixar brechas no relatório.

As informações bateram, a munição estava registrada em nome de um funcionário da Intercorp, identificado por Aristo como responsável pela área de compras da empresa. Segundo o ex-coronel, as compras eram feitas em grande quantidade e distribuídas para os funcionários autorizados. Todo o processo era chefiado por Félix. Aristo ainda declarou que, como seu objetivo desde o princípio era incriminar a Intercorp, por se deixar corromper pelo bicheiro, guardou a munição do período em que ainda ocupava a cadeira de Diretor de Inteligência. Imaginou que assim estaria ajudando o trabalho da polícia (e, de certa forma, tinha razão).

Antes de prosseguir para a prisão destinada a ex-policiais, onde aguardaria o julgamento pelo homicídio, Aristo fez seu último pedido ao chefe de Polícia: Queria registrar seu testemunho sobre as falcatruas de Falcão Martins. Mesmo sabendo que a sujeira respingaria em seu ex-companheiro de luta (Félix), o ex-diretor da Intercorp estava disposto a abrir a caixa-preta das operações ilegais ocorridas no Black Bank durante os anos de parceria entre as empresas. Por ser da área de inteligência e incumbido de detectar potenciais ameaças de invasão ao sistema, ele tinha acesso livre à equipe técnica e, apesar do servidor ser mantido em absoluto sigilo, eram comuns os comentários sobre a modalidade de “Resgate Personalizado do Prêmio”, implantada pelo bicheiro. Um título pomposo para encobrir um descarado ato de lavagem de dinheiro.

Aristo contou com detalhes as irregularidades incentivadas pelo representante maior do Black Bank. Apesar de não poder provar, ele também

mencionou sobre o esquema de manipulação dos sorteios, ratificando as informações cedidas por Bruce, deixadas no vídeo de despedida. Eles não tinham a mínima possibilidade de combinar os testemunhos e o conteúdo era praticamente o mesmo. Os dois insistiam que o Black Bank sabia, antecipadamente, qual a aposta e o bilhete teria sido premiado e utilizava-se desta informação para aliciar o vencedor. Tudo o que polícia precisava fazer (e faria) era interrogar os suspeitos e analisar o maquinário do banco.

As evidências eram muito claras para serem deixadas de lado. A polícia, na figura do agora inspetor André, promovido pela contribuição no caso de Santa Madre, deflagrou a operação “Golpe de Sorte”, prendendo, além do bicheiro Falcão e Félix Muniz, os responsáveis por colocar o algoritmo ilegal em operação. A transação de compra das ações feita por Falcão, que conferiu o direito de administrar o setor, foi considerada ilegal e o Black Bank, que também perdeu a concessão para operar o sistema de loterias, teve que colocá-las à venda. Foi notícia em todo o país, o Black Bank praticamente perdeu sua credibilidade, o que levou a uma debandada geral por parte de seus clientes.

Bruce, finalmente, teria a honra lavada e seria através de minhas palavras em uma nova reportagem. Pois é, uma nova reportagem estava saindo do forno. O jornalista mais sem graça da capital estava *pegando fogo* naqueles últimos dias, McDowell estava simplesmente deliciado com a novidade. Decidi escrever somente o essencial, pois já havia outros planos para a história completa. Quem, melhor que eu, poderia contá-la? Estava em minhas mãos fazer com que a trajetória de vida (e morte) de Hélio Silva não se perdesse no ar. Firmei compromisso de registrá-la, mas o jornal era pequeno demais para minhas ambições. Eu precisava de algo mais, digamos, permanente.

CAPÍTULO 15 – NA HORA CERTA

A resolução do crime pela jovem Sofia Barbosa, recém-promovida à chefe do Departamento de Investigação, foi assunto em toda a região. A bela detetive foi condecorada pelo excelente trabalho, deixando seu pai completamente derretido de orgulho. Já este pobre jornalista teve que se contentar com uma tapinha nas costas do velho McDowell por emplacar três manchetes em menos de dois meses. Uma delas, a última com a revelação do verdadeiro assassino, recebeu uma moldura e ainda deve estar pendurada na parede da redação, ao lado da sala do editorial. Sala na qual estaria disposto a nunca mais pisar enquanto respirasse. Logo depois da elucidação do caso, pedi demissão do jornal para me dedicar ao livro, contando toda a história da investigação. Livro que seria dedicado ao personagem principal, peça central do mistério: Hélio.

Se eu não estivesse sentado naquela manhã no balcão da lanchonete, enquanto tomava meu café, no momento em que o homem de casaco e óculos de armação pesada passava na praça, não haveria história, não haveria Sofia, não haveria nem o escritor Jonah Martins. Talvez fosse ainda um repórter de meia página, vivendo a amargura de ser sozinho no mundo. Uma vida chata, fadada à depressão.

De longe, a moça de pele branca e cabelos vermelhos foi o maior dos prêmios que recebi. Engatamos um relacionamento logo após a resolução do crime, passamos a viver juntos, poucos meses depois, na casa de minha antiga mãe. Pois é, não consegui me desfazer do bem, mesmo após as investidas de meu tio Zeca, resisti bravamente. Me sentia na obrigação de permanecer da cidade que possibilitou esta virada em minha vida. Já a caixa de fósforo em Redmond, este sim foi vendido e o dinheiro utilizado, parte para o casório com a detetive, parte para a primeira tiragem do livro, às vésperas de acontecer.

A moça adorava me contar sobre os casos com os quais estava trabalhando e eu me divertia, puxando as lembranças da época em que formávamos uma dupla implacável no combate ao crime. Sofia era uma moça determinada, dava para ver o brilho em seus olhos enquanto desempenhava seu papel de mantenedora da paz e da ordem. A moça tinha talento e não

faltava disposição. Azar dos bandidos da região.

Por afinidade, descobrimos ser aficionados em resolver enigmas, mistérios. Este era basicamente nosso principal passatempo durante as raras horas de folga da moça. Às vezes, usávamos casos reais, em outras criamos situações para que o outro pudesse exercer, uma vez mais, o papel de investigador.

A vida era boa e estava feliz com a escolha de alimentar o sonho de ser escritor. Até que um belo dia, chegando a um determinado ponto de minha narrativa para o livro (que chamei de: “A Chance Dourada”, inspirado na lotérica de mesmo nome, onde tive meu primeiro contato com Hélio), percebi que havia uma pista que deixamos sem resolução. Enquanto relatava sobre meu primeiro encontro com Sofia, quando a convidei para jantar nesta mesma casa, lembrei da ligação recebida pela detetive, na qual o legista descobrira a existência de uma mensagem na mão esquerda de Hélio. No papel havia a palavra “Suíça”, até então atribuída à sede mundial do banco. Quando discorri sobre esta passagem, percebi o quão frágil era esta teoria, afinal para que Hélio se daria ao trabalho de deixar uma mensagem que poderia ser facilmente conseguida em uma simples pesquisa de Internet?

Aquela dúvida ficou em minha cabeça durante todo o dia. Resolvi compartilhá-la com Sofia, ao ver que a moça tinha voltado para a casa, após um dia estressante na delegacia. *Um pouco de diversão a fará bem*, Pensei. Sofia concordou comigo. Percebeu que minha desconfiança tinha fundamento, ficando curiosa (e intrigada) para descobrir onde aquela pista iria nos levar. Certas coisas não mudam nunca (ainda bem).

- Acho que a primeira coisa a se fazer é dar uma boa olhada naquele papel. -Pontuei.

- Concordo. Amanhã eu verifico as evidências do caso. O papel deve ter sido arquivado juntamente com outras provas coletadas no local do crime.

Aquela noite seguiu, tínhamos os afazeres de casa para concluir, mas era impossível calar nossos subscientes. Tanto a policial, quanto eu, apesar de falarmos sobre coisas triviais naquela noite, fixamos o pensamento no pedaço minúsculo de papel descoberto junto ao corpo da vítima, e no que ele poderia nos proporcionar, caso se confirmasse ser uma pista digna de investigação. De repente, toda aquela excitação da época do crime de Hélio voltou. Estávamos vivos de novo e devíamos aquilo a Hélio. Mais uma para conta do Matrícula 23 da fábrica.

No dia que seguiu àquela lembrança, amanheci abraçado com o

PERIGOSAS

travesseiro, a moça de cabelos vermelhos pulou da cama e partiu em direção à delegacia, sem ao menos me desejar bom dia. Já devo ter comentado sobre o problema de ansiedade de minha esposa (pois é, ele atacara novamente). Antes que eu pudesse finalizar meu café, recebi a ligação de Sofia. Desta vez, o bom dia estava lá.

- Oi amor, Bom dia. Desculpa ter saído tão depressa, mas eu precisava colocar as mãos naquele papel novamente. Não consegui dormir durante a noite. Então, corri para cá. Já estou com a caixa de evidências aqui, mas ainda não abri. -Informou.

- Sério? É possível trazê-la para casa? -Perguntei.

- Não, Jonah. Não dá para tirar isto da delegacia. Se bem que conheço a responsável da sala de evidências, ela liberaria, se eu pedisse. -Declarou a jovem.

- Que ótimo. E você faria isto? Por mim? Quem sabe não existe outro mistério nesta caixa? -Provoquei.

- Ai, amor, não sei. Isso pode me complicar aqui no trabalho.

- Faz uma forcinha. Isto pode ser importante para o meu livro. Quanto mais evidências tiver, mais rica ficará a história. -Aquele era meu último argumento, se não fosse bem-sucedido, desistiria.

- Certo, mas com uma condição: Eu preciso devolvê-la até o fim do dia. Ok?

Aceitei as condições prontamente. Não seria louco de perder a oportunidade de examinar aquela evidência de novo. Sofia conseguiu escapar por algumas horas da DP e, em poucos minutos, entraria por aquela porta, trazendo a “arca do tesouro perdido” (na verdade, a caixa só estava trancada na sala de evidências mesmo). Para nós, viciados em mistério, representava o mesmo valor que ao “santo graal” tinha para a igreja. O período que antecedeu a chegada da caixa foi sufocante, a dor da espera se assemelhava a uma sessão de tortura. Mas, para minha sorte, foi breve. Ela chegou, fazendo questão de anunciar o fato:

- Jonah, me ajuda aqui, isto está pesado! -Suplicou.

Corri para prestar o devido socorro, a bem da verdade minha preocupação era com a integridade da caixa (que minha amada não me ouça). Coloquei o objeto sobre a mesa, agora eram meus braços que precisavam de ajuda, o troço era realmente pesado. Mas todo aquele esforço valeria a pena, lá dentro, guardada como um segredo inocente (ou nem tanto), estaria a chave para um novo mistério.

Enfim, a caixa foi aberta, além de pastas com os arquivos, fotos, relatórios, transcrições de depoimentos, continha um saco plástico daqueles hermeticamente fechados com trava, onde todos os pertences da vítima foram reunidos. Questionei à Sofia se o procedimento correto não seria enviar para a família, uma vez concluído o caso, mas a moça explicou que nem sempre o processo é tão ágil. Era preciso que a polícia recebesse um ofício da justiça, liberando os pertencentes. Nós, como impacientes infratores da lei, é que estávamos colocando as mãos indevidamente.

Dentro do saco, após romper a trava, descobrimos a localização do requerido papel. A mensagem ainda estava lá, agora seca em função do tempo, a tinta para escrevê-la foi o próprio sangue de Hélio. Desamassamos as dobras e a palavra se revelou. Mas, visualizando com maior cuidado possível, percebi que minha conclusão anterior estava errada, o final do anagrama foi mal interpretado, não se tratava de um “a” e sim de um “o”. Formava-se, a partir daquela nova interpretação, a palavra “Suíço”. Assim como a o relógio que Hélio usava, garantido a pontualidade infernal de sempre.

Então o segredo está no relógio? Pensei. Por sorte, o acessório utilizado para marcar o tempo estava lá, compartilhando o espaço confinado do seu irmão papel. Poderia um objeto tão pequeno revelar algo tão grandioso? Isto era o que eu estava (mais que) preparado para descobrir.

Retirei-o do papel que fazia a proteção, na parte da frente não havia nada de mais, se tratava de um belo exemplar, os suíços dominavam a técnica como ninguém, mas para ceder pistas, o contador de horas era um fiasco. Somente quando o virei, descobri o objetivo de Hélio para aquela mensagem. O relógio, provavelmente, havia sido presente de Bruce, era um item notadamente caro para os padrões do arquivista da fábrica, e carregava a mensagem (mais uma para ser decifrada): “Tudo acontece na hora certa. De: Gringo”.

Ficava claro, para mim, naquele momento, a mensagem que Hélio estava tentando passar. Possivelmente, deve ter notado a presença de seu melhor amigo na cena do crime (no caso, o que lhe privou de viver) e, sabendo de sua importância para elucidação, em uma atitude desesperada, já à beira da morte, o pai de Christie tentara, com aquele pedaço de papel escrito com sangue, alertar para a presença de uma peça-chave para investigação. Eu, com minha obsessão pela Intercorp, que não havia me atentado para este detalhe. Felizmente, neste momento, toda a minha atenção estava voltada para o

assunto, sem barreiras para enxergar a verdade. Foi esta mesma atenção que não me deixou se dar por satisfeito apenas com esta primeira teoria levantada. Teria de haver algo mais. Tratei rapidamente de acenar com as possibilidades em conversa com minha esposa, que não teve outra reação que não a de surpresa.

- Mais o quê, Jonah? -Perguntou.

- Veja bem, Sofia, pelo que conheço de Hélio, como homem precavido que era e apaixonado por sua família, ele não partiria sem deixar uma mensagem para as duas mulheres da sua vida. – Aquela hipótese ainda ressoava em minha cabeça, deveria ter fundamento.

- Então você está dizendo que esta mensagem não era para polícia e, sim, para Sílvia e Christie? -Insistiu a moça.

- Sim, tenho quase certeza disto. Me lembro que, pelas informações do legista quando te telefonou naquela noite do nosso primeiro jantar, o papel estava trancado na mão esquerda de Hélio. -Analisei.

- Ok, eu lembro desta parte. Mas o que isto tem de mais? O corpo todo enrijece quando partimos.

- Pense comigo, por que Hélio esconderia uma pista se o objetivo dele fosse denunciar a presença de Bruce? – Não haveria argumentos para isto, ganharia novamente a batalha. Palmas para mim.

- Não sei, Jonah. Qual sua teoria, desta vez? – Sofia tinha dificuldades em reconhecer a derrota, era seu jeito de aceitar as coisas.

- Eu acho que ele estava tentando proteger esta mensagem, de forma a garantir que ela chegasse no destinatário correto. -Enfatizei.

- No caso, este destinatário seria sua família? – A figura de policial acabara de assumir o corpo da moça de cabelos vermelhos, minha esposa já havia partido.

- Positivo. E tem mais, acho que esta mensagem também esconde algo valioso. Pois qual outro motivo ele teria para escondê-la? -Provoquei.

- Mas, Jonah. Nós vasculhamos tudo naquela casa, por mais de uma vez. Não havia nada de valor, a não ser.... – Sofia agora olhava para o vazio, na esperança que falta de foco a trouxesse a lembrança tão aguardada. Resolvi ajudar.

- Exatamente isso! O Bilhete premiado! – Anunciei a plenos pulmões, não perderia a oportunidade.

Com a denúncia de manipulação dos sorteios, o prêmio conquistado com as dezenas de Hélio acabou sendo invalidado. Portanto, aquela aposta não

valia mais nada, fato que a levou a cair no esquecimento de todos, com exceção de mim. Sempre me questionei onde estaria aquele bilhete. Mesmo sem valor para o restante do mundo, o papel estava carregado de significado para mim. Por diversas vezes, desejei tê-lo em minhas mãos. Daria um belo quadro, que seria pendurado na frente da mesinha que utilizo para escrever. Assim, sempre que levantar a cabeça para descansar ou buscar inspiração, bastava olhar para a moldura e lembrar que Hélio não descansou até atingir seu objetivo, nem por um segundo sequer. Eu também não poderia descansar, não até achar o jogo premiado do magricelo.

Sofia, novamente tomada por sua ansiedade desproporcional, resolve ligar para Sílvia Silva, ex-esposa de Hélio, o contato estava na ficha entre os papéis da caixa. A moça queria saber se era possível visitar o local do crime, uma vez mais. A mãe de Christie não fez objeção, só estava curiosa para saber o motivo daquele interesse tardio. O caso já havia sido solucionado, a polícia não tinha mais nada o que fazer naquele perímetro. A policial tratou de esclarecer que não era nada relacionado ao crime em si, era mais sobre uma suspeita que ela e seu noivo escritor estavam tentando solucionar.

Assim esclarecido, seguimos em direção à casa que foi o último palco do apostador mais pragmático de Santa Madre, quiçá do mundo. Conosco, uma foto do papel escrito com sangue, devidamente escondida por meu casaco, Sílvia não poderia desconfiar que fizemos uso de nossa influência para tirar aquela caixa da delegacia.

À medida que fomos nos aproximando do local em que o crime ocorreu, meu coração foi acelerando o compasso, todas as lembranças daquela cena macabra, quando avistei Hélio estirado no chão completamente vermelho de sangue, ficaram mais vívidas. A sensação era de que o crime estaria ocorrendo naquele momento, desta vez em minha cabeça. Não demorou para que meu corpo sofresse a carga de estresse e demonstrasse sintomas aparentes: tremedeira, tontura, transpiração. Tudo de novo.

Eu estava extremamente abalado em visitar aquele local novamente, diferente da ocasião de quando prendemos Aristo, (acho que a adrenalina cortou todos os efeitos, a emoção de prender o verdadeiro assassino sobressaía ao terror). Sofia não, a moça permanecia com sua elegância, demonstrava a mesma (perfeita) face de sempre, provavelmente por força do hábito. Homicídio era assunto corriqueiro na profissão que a jovem escolhera para seguir. Finalmente chegamos no recinto, minha agonia havia cessado, assim como a esperança de encontrar Hélio por trás daquela porta.

Sílvia resolveu sair da casa de sua mãe e voltar a morar em seu antigo endereço, mas agora sem o patriarca. Eram ela e Christie somente. Do esposo, somente as lembranças de uma vida feliz e aquele retrato disposto na parede oposta ao corrimão. A moldura estava diferente, a viúva nos confessou que, após nossa conversa sobre o vídeo da câmera de segurança e a reportagem atribuindo a autoria do crime a Bruce, estava determinada a pôr fim naquela recordação. Não queria a foto de um assassino, especialmente abraçando seu (ex) marido.

Mas o quadro continua ali, Pensei. A mãe de Christie esclareceu que, com a elucidação do crime, sabendo de toda a verdade sobre quem foi o responsável por desfalcar seu seio familiar, recompôs o quadro, trocando somente a moldura quebrada, fruto de alguns contatos abruptos com o chão motivados pela raiva e desespero da enlutada viúva.

Passado o episódio do retrato, foi a vez de esclarecermos sobre o motivo da visita. Sofia fez um floreado introdutório com o objetivo de tornar a situação um pouco mais intimista. Artefato dominado magnificamente por mulheres. Fiquei assistindo toda aquela cena, sem participação verbal. No máximo, alguns consentimentos com a cabeça. Em seguida, entramos no assunto. Falei sobre minha suspeita, especialmente sobre o fato daquela mensagem ser endereçada para as duas. A reação de Sílvia foi emocionante, a moça marejou os olhos e, aos berros, convocou Christie a sair de seu quarto e conhecer a novidade que havíamos trazido, na sala.

Assim a garota o fez e a emoção gerada pelo momento desencadeou um verdadeiro dilúvio naquele ambiente. Precisei ser forte para não contribuir com a produção de mais fluído (em vão). Para não dar mais vexame, achei que seria a ocasião perfeita para mudar de assunto. Era o único jeito de interromper aquela nostalgia toda que foi criada. Dei um descanso para Sofia e tratei (eu mesmo) de fazer a introdução deste novo tópico, falei especialmente sobre a possibilidade de o papel (preso na mão de Hélio) indicar o paradeiro do bilhete perdido.

- Sílvia, tenho fortes indícios para achar que esta residência tenha sido o local escolhido por Hélio para esconder o bilhete. Nós repassamos o vídeo do dia do crime – esta parte foi falada quase sussurrando, acredite, se houvesse a possibilidade de contorná-la, teria feito – e depois do horário do sorteio, Hélio não saiu mais de casa. – Novamente o tom mais baixo foi utilizado, meus olhos desviavam a todo momento, evitando contato com os tristes semblantes das meninas da casa.

- Aqui? – Sílvia estava com olhos arregalados enquanto falava, por um momento achei que fossem pular de seu rosto. – Não, Jonah, confesso que ainda não acabei de arrumar toda a casa, mas o nosso quarto...quer dizer, o quarto onde Hélio ficava foi o primeiro a receber a limpeza. Separei algumas roupas para doação, não encontrei nada parecido com o bilhete por lá.

- E nos outros cômodos? – Sugeriu Sofia.

- Bem, o único quarto que ainda não foi remexido foi o de Christie, mas também não havia necessidade, Hélio fazia questão de manter tudo no lugar. Apenas tirei a poeira e troquei as roupas de cama. – Explicou a viúva da família Silva.

O único prêmio que a família Silva gostaria de receber seria ver Hélio entrando por aquela porta uma vez mais. Aquele pedaço de papel provavelmente só tinha valor para uma pessoa no mundo e era exatamente ela quem continuava a fazer as perguntas.

- Sílvia, vendo as fotos do corpo – mais palavras faladas pelo canto da boca, não seria fácil concluir a investigação - conseguimos apurar que a mensagem deixada por seu marido no papel foi a palavra SUÍÇO e, para mim, existe uma ligação muito forte com o relógio que Hélio sempre usava. - Esclareci.

- De que relógio você está falando? O que foi presente de Bruce? - Perguntou Sílvia.

- Sim, este mesmo. Quando o papel foi encontrado pelo legista, Hélio estava o escondendo em sua mão. Tenho certeza de que seu objetivo era proteger a mensagem.

- Isso soa como algo que Hélio teria feito, realmente. Sempre preocupado com os detalhes. Mas, você sabe por onde podemos começar? - Questionou.

- Se possível, gostaríamos de dar uma olhada no quarto que era de Hélio. Se a senhora não se incomodar, lógico. -Pedi.

- Claro, Jonah. Não me importo, você pode ver com os próprios o que acabei de atestar. Vamos subir. -Convidou Sílvia.

- Mas espera aí, Jonah. Como vamos iniciar nossa busca sem saber o que estamos procurando? – Sofia disse de forma apressada, enquanto tentava alcançar meu ombro esquerdo.

- Aí que está minha cara, eu sei o que estou procurando. – Meu semblante naquele momento era semelhante ao de um garoto que tem a resposta certa para o enigma escrito no quarto negro da escola.

- O que é? Diz logo. -Suplicou minha ansiosa esposa.

- Não vou dizer agora, é segredo. - Resolvi acender o fogo da ansiedade na jovem, ciente de que a explosão poderia chamuscar minhas sobancelhas.

Então a comitiva de investigação tomou rumo ao cômodo, fazendo, para isso, uso da escada. Obrigatoriamente, passamos pelo retrato, que tanto nos ajudou a resolver o crime. Não pude deixar de contemplá-lo por alguns segundos, uma espécie de reverência pela ajuda fornecida. Quando as pessoas hesitam em falar, é impressionante como seus objetos podem nos fornecer informações.

Chegando ao local que servia de dormitório para meu amigo Hélio (apesar de nunca ter trocado uma palavra com o matrícula 23 da fábrica, o considerava um amigo, certamente ele não saberia quem sou, caso me encontrasse na rua), o quarto estava totalmente diferente das outras vezes, fiquei aliviado por não ter que reviver aquele cenário macabro, o sangue e a desordem davam lugar à organização e limpeza (patrocinada por Sílvia). Vasculhamos todo o roupeiro e também a mesa que servia de apoio para o telefone, mas nada foi encontrado (não deu para ignorar a cara de Sílvia, ostentando a expressão “eu te avisei”, assim que concluímos a vistoria).

- Sílvia – mudei o assunto para evitar maior constrangimento – é possível verificarmos o outro quarto?

- O de Christie? – A viúva realizou o questionamento, apontando para a filha, que não aceitaria de bom grado.

- Ah, não! Meu quarto não, Mamãe. Eles vão bagunçar! Eu não quero que pegue minhas bonecas. – Esperneou a pequena.

Sofia então se ajoelhou e colocou-se à mesma altura da garota.

- Não se preocupe, Christie. Eu não vou deixar que ele bagunce seus brinquedos.

- Podemos ir, então? – Questionou Sílvia, aguardando a aprovação da filha.

Christie não se deu o trabalho de falar nada, apenas aquiesceu. Do alto de seus curtos anos de idade, deve ter percebido que o sacrifício seria para um bem maior. No caso, um bem bastante valioso (para mim).

O quarto de Christie era estupendo. Somente depois de avistar o cômodo, percebi que, em nenhuma das visitas, tive curiosidade de explorar o cômodo, mantido intacto pelo Pai, mesmo estando vazio (azar o meu). O ambiente era todo decorado, do chão ao teto, passando pelas cortinas, os (mais variados) tons de rosa dominavam. Acima da cômoda branca, uma espécie de prateleira que era usada para abrigar uma variedade de pelúcias. Porém, em termos de

pelúcias, havia um protagonista, conquistando seu lugar de destaque na decoração. O urso enorme estava em cima da cama, o bicho era realmente gigante. Christie nos disse que aquele foi o último presente dado por seu amado pai.

No lado esquerdo da cama, na parede oposta à porta, havia um baú utilizado para guardar outros brinquedos, desta vez com menos destaque. Naquele momento, eu sabia onde deveria procurar o artefato misterioso. Depois da autorização da mãe, me pus de joelhos em frente ao pedaço oco de madeira e removi sua tampa, levantando-a. Revirei tudo até achar meu precioso objeto raro, mantenedor fiel de segredos.

- Achei! Está aqui pessoal! Eu sabia que seria isto. - Comemorei.

- Achou o quê? Mostra para gente, Jonah. - Suplicou Sofia que, àquela altura, já estaria tomada pelo desespero da ansiedade compulsiva.

- Está aqui, Vejam! - Respondi, levantando uma pequena caixa de madeira utilizada para guardar o relógio de Hélio, presente de Bruce. Isto mesmo! Era a caixinha do objeto sagrado.

- Abre logo, Jonah! Rápido! - Pedia sem parar, minha *paciente* esposa.

- Não, esta é uma honra que eu devo a Hélio. Sendo o bilhete ou outra pista o conteúdo da caixa, Christie é quem irá descobrir. - Falei, passando a caixa com uma marca suíça de relógio para as mãos da menina.

Após a filha do apostador executar a ação, o mistério deixava de existir. O bilhete estava dentro da caixa, era realmente a (última) aposta premiada de Hélio. Apesar de estar muito feliz em desvendar mais um mistério, a sensação de vazio deixado pela última pista do caso do “apostador misterioso de Santa Madre” foi inevitável. Não conseguia esconder a tristeza por ter chegado ao fim daquela aventura. Era a mesma sensação de dever cumprido misturado com saudade quando alguém termina um livro que adora, ou maratona uma série de TV muito boa.

Era isso, os mistérios secaram e só me restava agradecer à família de Hélio por ter me dado a chance de reviver, mesmo que por pouco tempo, a emoção de seguir os passos do arquivista mais famoso da fábrica, uma vez mais. Talvez o cidadão mais interessante daquela pequena cidade, mais até do que meu avô, meu tio Zeca e ela, minha saudosa e amada mãe.

- O que houve, Jonah? Por que esta cara de repente? - Perguntou Sofia, percebendo meu abatimento.

- Não é nada, Sofia. Só me veio a lembrança de tudo o que passamos para estar aqui neste momento. Acho que todos aqui gostariam de poder falar para

Hélio o quanto ele era especial.

- Com certeza, filho. Apesar da tristeza que sentimos, a certeza de que Hélio está um lugar melhor nos conforta. - Disse a ex-esposa.

- Tio Jonah, por que você não fica com este bilhete? A mamãe jogaria ele fora mesmo. -Disse a pequena Christie, estendendo suas delicadas mãos em minha direção.

- Isso mesmo. Deu para perceber o quanto este pedaço maldito de papel significa para você. Pode levar. Estou certa de que fará melhor uso. - Anuiu Sílvia.

Prontamente, ouvindo a permissão para ficar com o bilhete, minha face mudou. O sorriso começava a sair sem que eu pudesse evitar. Apesar de ainda estar triste, o fato de levar, ao menos aquele pequeno pedaço, um pouco da história de Hélio, comigo era reconfortante. Percebi o quanto as duas garotas da casa foram generosas para comigo, retribui distribuindo abraços apertados em todas, inclusive em Sofia. A moça não tinha me dado nada recentemente, mas é sempre bom aproveitar a oportunidade.

Nos despedimos e voltamos para casa, desta vez com mais um integrante no carro: o bilhete de Hélio. A minha euforia para guardá-lo, pendurando no lugar reservado em frente à minha mesa, não dava para ser contida. Nem pelas tentativas frustradas de Sofia. A moça até me ameaçou de prisão, caso não interrompesse imediatamente aquela sessão de bobagens ensandecidas, como assim foi apelidada pela jovem o meu momento de alegria enquanto voltávamos para nosso lar.

Enfim, a vida poderia seguir seu fluxo. Superada aquela “trava criativa” motivada pela inconsistência detectada na mensagem encontrada na mão da vítima, eu poderia voltar para minha história e, quem sabe, terminá-la o mais breve possível. O mundo precisa conhecer a trajetória de Hélio Silva, o homem da matrícula 23.

CAPÍTULO 16 – A CARTA

Agora com livro publicado, o “Chance Dourada” foi lançado e, após algumas semanas, atingiu bons números de venda. Pelo que me parece, as pessoas também se interessavam pelo misterioso homem de casaco, andando incógnito na rua. Não demorou muito para receber correspondências dos leitores. Alguns enfurecidos, me acusando de ser oportunista, de ganhar dinheiro em cima da tragédia alheia. Mal sabiam eles que ganhar dinheiro era o último dos meus objetivos. Tanto que, parte dos meus direitos nas vendas dos exemplares foi destinada à família de Hélio. Eu fiz questão disto, no momento em que assinei contrato com a editora, assim também como fiz questão de me certificar de quem ninguém soubesse desta informação, Sílvia era a única (e já estava de bom tamanho).

Meu casamento com Sofia ia bem e nossa casa, que antes comportava dois, agora precisaria de um pouco mais de espaço. Mais um estava chegando: um anjinho de pele branca e cabelo vermelho está “no forno”. Seu nome: Hélio, é claro. Uma homenagem singela de nossa família para a família Silva. Esta nova fase de minha vida era realmente especial. Meu primeiro “filho” já havia nascido, quando “Chance Dourada” foi publicado. Antes do prefácio, uma mensagem de agradecimento à minha amada mãe (Dona Dita) e também a Hélio. Nomear meu rebento com a mesma alcunha do apostador misterioso seria a segunda (mas, não menos importante) homenagem.

Voltando para o assunto das cartas recebidas com opiniões de leitores, nem todas eram de odiadores enfurecidos, ainda havia aqueles que agradeciam por compartilhar a história. Pessoas inspiradas pela “batalha travada por Hélio contra o sistema” como gostavam de falar. Mas também uma que não se enquadrava em nenhuma das duas situações anteriores, esta era definitivamente especial. Não havia muito tempo que a recebera e chegou sem remetente, mas o envelope provavelmente denunciava a origem (parecia ter vindo dos Estados Unidos, pois suas bordas eram das cores da bandeira americana).

Ainda não a tinha aberto, comentei com minha esposa sobre o ocorrido, em busca de uma orientação e Sofia me encorajou a revelar o conteúdo da

PERIGOSAS

correspondência. A moça não fugia de uma boa briga (sendo este o caso) e não era muito fã de suspense (a ansiedade a atrapalhava). Resolvi seguir os conselhos de minha cônica.

Além de papéis com escrita por computador, havia também um pedaço recortado de jornal, algo parecido com uma reportagem. Quando revelei o conteúdo, desdobrando o recorte, identifiquei que se tratava da matéria implantada no Diário do Povo, a que incriminava Bruce deliberadamente. De início, não entendi qual seria a relação com a carta, mas ao terminar de lê-la, se bem que não consegui esboçar reação por um tempo considerável, pude desvendar a conexão. Abaixo, o conteúdo da carta na íntegra:

“Ao Autor de Chance Dourada,

Prezado Jonah, desculpe a forma misteriosa de como esta chegou a seus cuidados, mas pensei ser a única maneira para atingir meu objetivo, que é de revelar a verdade. Primeiramente, queria te parabenizar pela estratégia utilizada para a resolução do caso de Hélio Silva, juntamente com a habilidosa jovem detetive Sofia Barbosa. Acredito que, sem a condução magistral de ambos, o caso seria encerrado com esta notícia que anexei à minha mensagem. Não posso descrever em palavras, o que senti quando tomei conhecimento desta manchete. A sensação de injustiça e de impunidade era enorme. Quase peguei um avião de volta ao Brasil, o que iria acabar com toda sua estratégia, ainda bem que não o fiz.

Você deve estar estranhando como este simples leitor de seu livro conhece detalhes sobre a estratégia de resolução do crime de Santa Madre. Se for este o caso, não se afobe. Logo estará esclarecido, afinal você se mostrou um ótimo detetive, principalmente resolvendo o caso do assassinato do bilhete premiado.

Ocorre que também conhecia Hélio (e muito bem), acho que até melhor do que você, se me permite a franqueza. Talvez você deva achar que se trata de uma brincadeira de muito mau gosto, mas peço que insista na leitura, pois, ao final, conseguirá juntar todas as peças deste que eu considero um verdadeiro quebra-cabeça.

Infelizmente, este jogo perigoso acabou da pior forma: dois dos melhores amigos que a terra pode conhecer foram mortos. Um pela ação maligna de um ganancioso usurpador, e outro deu cabo de sua própria vida. Aliás, o objetivo de minha correspondência é, exatamente, discorrer sobre este último acontecimento. Isto mesmo, Jonah! Eu sei sobre o vídeo que Bruce deixou antes de cometer aquele ato desesperado.

Muitas devem ser as dúvidas em sua cabeça neste momento, mas peço-te paciência. A mesma paciência que tive ao ler seu livro, muito bem escrito, folhee todas aquelas páginas incessantemente. Entretanto, vamos deixar de enrolação e partir para o que interessa.

E seu eu te dissesse que...-ou melhor, dissesse, não- eu vou te dizer. Afinal este foi o motivo de me fazer sair de minha (humilde) casa, aqui em Orlando, para te postar este envelope. Porém, em troca a todo este conhecimento que estou compartilhando, você precisa me prometer uma coisa: Sigilo total. Ninguém pode saber a verdade que te trago. Será o nosso segredinho, combinado?

Então, vamos lá. Se você tiver acesso, uma vez mais, ao vídeo deixado por Bruce, verá que há um corte, quase imperceptível, justamente no momento que antecede ao golpe fatal: o estúpido tiro saído daquela escopeta calibre 12. Este corte serviu para unir dois momentos totalmente distintos. – É Exatamente isto que leu.- O vídeo não foi filmado em ato contínuo. Aposto que vocês não conferiram as digitais do defunto acéfalo deixado naquela cadeira em frente à tela da câmera, ou conferiram? Pois é, talvez quem planejou o ato soubesse que o testemunho seria suficiente, bastando que o morto tivesse o mesmo tipo sanguíneo do então suicida. Não deve ter sido fácil arrumar um cadáver.

Felizmente (para Bruce), todos os dias em nosso país, indigentes são enterrados em cemitérios comunitários. Bastou uma ligação e alguns milhares (em notas de 100) para aquele pedaço de carne fria ser entregue em sua casa. Como uma pizza, metade calabresa, metade quatro-queijos. Façanha efetuada por um amigo do IML, dos tempos de escola. Acaso ainda não tenha assimilado a mensagem: Não! Não era o corpo de Bruce naquela cadeira.

Depois que voltou da casa de Hélio, no fatídico dia, Bruce tinha a certeza de que a próxima vítima seria ele, juntamente com sua família. Assim como tinha certeza que a Intercorp não poderia matar aquilo que já estivesse morto, por assim dizer. Então, com a decisão tomada, executar o restante foi relativamente fácil. Para que você, meu caro leitor Jonah, entenda tudo, vou explicar da forma mais didática que conheço: enumerando os passos.

Passo 1 – A vestimenta: Era preciso garantir que os dois personagens, estivessem vestidos de maneiras iguais. Então, Bruce pegou dois de seus milhares de roupões felpudos e duas de suas cuecas de marca. E assim, iniciou o processo, recompondo o corpo que estava nu dentro de um saco

preto. Depois, vestiu-se da mesma maneira.

Passo 2 – A mensagem: Este foi o passo mais fácil para Bruce. Bastava que o rapaz dissesse toda a verdade sobre as ameaças do bicheiro e a participação, não menos importante, da Intercorp. Além, é claro, de detalhar como havia invadido o sistema para implantar aquela sequência maldita.

Passo 3- A arma: Com discurso ensaiado. Era a vez de preparar a arma para sua atuação no vídeo. Bruce tinha, em sua mansão, algumas opções, não chegava a ser um arsenal, mas dava para se virar. No entanto, ele tinha a certeza de que, para o plano ter sucesso, a identidade do corpo precisaria ser descartada. A artilharia precisaria ser pesada, então fez uso da escopeta calibre .12 que guardava no armário no escritório.

Passo 4.1 – A gravação: Bruce encostou a escopeta no braço da cadeira e, após alguns ajustes na lente da câmera, iniciou seu relato. Ao final da mensagem, posicionou o cano da arma em sua testa, tomando o máximo de cuidado possível para evitar um disparo acidental e permaneceu imóvel por alguns segundos, sentindo o frio do metal contra sua pele quente pelo bombeamento acelerado de sangue por parte de seu coração, naquele momento acelerado por toda adrenalina, e interrompeu a gravação. Era vez de trocar o personagem.

Passo 4.2 – Final da gravação: Com muito esforço, Bruce, que empunhava luvas cirúrgicas para execução, posicionou o corpo de modo que assumisse a mesma posição que ocupava durante a gravação (dentro das possibilidades, lógico). Logo depois, meteu-se embaixo daquela mesa enorme de madeira, encaixando-se no espaço utilizado para acomodação das pernas, ficando de frente para morto. Antes de consumir o ato, saiu de sua marca para resumir a gravação, a câmera estava capturando som e vídeo novamente. Sendo assim, posicionou-se como anteriormente, ficando de joelhos, juntou as mãos frias do moribundo, encobertas pelo birô, para que o próprio efetuasse o disparo. Logicamente, contando com o incentivo de suas próprias mãos revestidas pelo látex das luvas de hospital. Então, a quatro mãos, a escopeta cuspiu fogo diretamente no crânio do indigente, que agora já não tinha mais a forma de uma cabeça. Estava mais para uma gosma horripilante, metade cinza, metade vermelha. Havia pedaços de crânio por todos os lados, inclusive na roupa de Bruce, que se retirou rapidamente daquela condição de expectador VIP, parecia aqueles assentos de primeira fileira, mas o show era macabro. A câmera foi parada. O vídeo precisaria de modificações.

Passo 5 – A edição: Após a explosão de miolos ser gravada com sucesso, o próximo passo consistia em editar a gravação, suprimindo os momentos usados por Bruce para troca do personagem. Quando a edição estivesse concluída, o que se poderia ver seria Bruce concluindo sua mensagem, seguido por um clarão oriundo do disparo e em seguida o corpo já sem cabeça. Bruce teve que usar todos seus dotes tecnológicos neste momento. Por sorte, ele tinha habilidades com computadores e conhecia o básico desses programas de edição de vídeo. O processo foi concluído e Bruce achou que o vídeo estava convincente, até pelo fato de que ninguém, exceto ele, pensaria em uma coisa daquelas. O fim do vídeo se dava com o corpo sem cabeça, restando apenas carregar o vídeo de volta para câmera e resumir a gravação, a partir do final da edição, até a bateria descarregar. Afinal, estando Bruce morto, não poderia pausar o registro. Assim ele o fez, deixando seu escritório com aquele corpo na cadeira, incompleto, e a câmera, filmando os excrementos que ainda jorrava do pescoço do morto. Etapa concluída com sucesso.

Passo 6 – A fuga: Bruce precisava deixar sua residência o quanto antes e sem deixar rastros. Era mandatário para o sucesso da operação se manter incógnito. Seu destino seria o Estados Unidos, mas não podia ainda reencontrar sua família, que estava na terra do Mickey. A Intercorp estava por perto, vigiando o local. Momentos antes, vendo o mapa da terra do Tio Sam, pois precisava achar o local mais distante possível da Flórida, que ficava no Sul, Bruce identificou uma terra situada no Norte, próxima ao Canadá. Ali seu destino estaria traçado. Se escondeu no estado de Wisconsin, numa cidade chamada Appleton. Uma terra fria onde poucos turistas visitavam, destino perfeito. De início, permaneceria naquela cidadezinha por uns três meses, os Pereira só precisavam sobreviver até o crime ser resolvido.

Felizmente, não foi preciso ficar tanto tempo. Bruce sempre acompanhava as notícias do caso pela Internet e, quando soube da resolução do crime com a posterior prisão do bicheiro, pôde finalmente reencontrar sua esposa Lucy e seus filhos Bela e Fábio, que já tinham sido avisados por ele a manter as aparências. Assim que chegara à Appleton, Bruce entrou em contato, informando que estava bem e não precisariam se preocupar com as notícias vindas do Brasil.

Então, meu caro amigo Jonah, estou te enviando esta mensagem para te tranquilizar. Bruce, ou melhor dizendo, EU estou vivendo em paz, agora que

o assassino de Hélio foi preso, graças a você. Nós conseguimos! Lucy e as crianças mandam um beijo para Sofia. Parabéns pelo seu livro e espero que você tenha muito sucesso na sua carreira.

Aqui, me despeço, deixando um forte abraço e felicitações para sua família.

P.S: Tudo acontece na hora certa!

Assinado: Gringo”.

Depois destas palavras, um turbilhão de coisas ocupava minha cabeça e, ao mesmo tempo, um vazio gigantesco. Fiquei em estado catatônico e permaneci nele por algumas horas naquele dia. Sofia, preocupada por ter se casado com um zumbi, clamava por minha atenção. Totalmente, sem sucesso. Lembro (vagamente) que o único movimento que consegui executar foi o de esticar a mão, que segurava aquela bomba em formato de papel, e cedê-la para a detetive. Sem emitir nenhum ruído, olhei para minha esposa, tentando adverti-la sobre os riscos de ler a mensagem, era como se tentasse falar: *Cuidado! Risco de descobrir o quão idiota você é.* Passado o susto, restava agora apenas um pensamento (não poderia ser outro), que se repetiu durante muito tempo, sinceramente ainda acho que o carregou comigo. Qual seria este pensamento? Fácil: “Mas que filho da puta”!

FIM.